



Programa de Pós-Graduação em
Antropologia • UFPA

Manoel Cláudio Mendes Gonçalves Da Rocha

**A Memória Coletiva e o Ofício de Sapateiro em Belém-PA:
As narrativas de mestres e aprendizes da arte dos calçados**

Dissertação de Mestrado

**Belém, Pará
2014**



Programa de Pós-Graduação em
Antropologia • UFPA

**Universidade Federal Do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia**

Manoel Cláudio Mendes Gonçalves Da Rocha

**A Memória Coletiva e o Ofício de Sapateiro em Belém-PA:
As narrativas de mestres e aprendizes da arte dos calçados**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

**Belém, Pará
2014**

Rocha, Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da
A Memória Coletiva e o Ofício de Sapateiro em Belém-PA: As narrativas de Mestres e Aprendizes da Arte dos Calçados / Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha.
Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém, 2014.
Área de Concentração: Antropologia Social
Orientador: Flávio Leonel Abreu da Silveira.
1. Ofício de Sapateiro 2. Belém 3. Mundo Urbano



Manoel Cláudio Mendes Gonçalves Da Rocha

**A Memória Coletiva e o Ofício de Sapateiro em Belém-PA:
As narrativas de mestres e aprendizes da arte dos calçados**

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cornelia Eckert (PPGAS/ UFRGS)
Examinadora Externa

Profa. Dra. Fernanda Valli Nummer (PPGCS/ UFPA)
Examinadora Externa

Profa. Dra. Edna Ferreira Alencar (PPGA/ UFPA)
Examinadora Interna

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco (PPGA/ UFPA)
Examinador Suplente

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira (PPGA/UFPA)
Orientador

Belém, 5 de Maio

2014

AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão que me dirijo aos familiares e amigos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho, aos mestres e colegas que ao longo de minha trajetória acadêmica acrescentaram para o meu amadurecimento profissional e pessoal, assim como a cada um dos senhores que aceitaram abrir as portas de suas oficinas e me dedicaram parte de seu tempo e atenção, participando de forma fundamental do processo da construção do presente estudo.

O habitual “agradeço primeiramente a Deus” é algo que de longe traduz o quanto me sinto grato a Ele e à “Nazica”, mãe e protetora dos paraenses, por iluminarem meus passos e me garantir paz de espírito, acompanhando-me com suas bênçãos ao longo de mais esta caminhada.

Agradeço em particular aos meus pais, Cláudio Renato e Maria do Socorro, pela criação que me ofereceram e que me fez o indivíduo que hoje sou. Mais importante ainda, por tudo que sacrificaram ao longo dos anos no sentido de garantir da melhor forma possível que eu caminhasse em direção aos meus sonhos.

Não poderia deixar de agradecer também ao meu orientador, Flávio Abreu, com quem trabalho desde o ano de 2010, pessoa de grande importância para minha formação intelectual e pessoal: por toda a paciência, pelos ensinamentos e puxões de orelha que orientaram-me no sentido de crescer enquanto sujeito ético e comprometido não apenas com a profissão, mas também com as pessoas junto às quais trabalhamos e com as quais lidamos cotidianamente.

Meu agradecimento aos sapateiros Zeno, Zé Luís, Anacleto, os irmãos Pedro e Luís, Sidnei, Nazareno, Francisco, Diego, “Zezão”, Chiquito e Bené, que me dedicaram sua atenção e se disponibilizaram a ajudar na construção do trabalho e sem os quais não seria possível desenvolver esta pesquisa.

Listar todas as pessoas que me apoiaram no decorrer deste percurso e registrar o carinho que tenho por cada uma delas resultaria em páginas e páginas de agradecimentos. Por conta disso, digo aqueles que não mencionei diretamente, entendam que não os esqueci!

Aos amigos da “Porão” por todos esses anos de amizade, pelas piadas e sorrisos, pelas conversas de mesa de bar – a “terapia” que em muito ajudou a manter a sanidade nestes dois anos de pós-graduação.

As grandes amizades construídas ali no bloco A, nos corredores das Ciências Sociais, aos amigos da turma de 2007 e à “galera dos mais legais”, pessoas que também tem sua “parcela de culpa” na construção do sujeito que aqui vos escreve.

Sinto-me na obrigação de mencionar algumas pessoas em particular que influenciaram de forma mais direta a produção desta dissertação. Aos amigos Juan Pablo, Lanna Beatriz e Carlos Antônio, pelos incontáveis diálogos e devaneios que sempre me levaram a questionar e rever meu trabalho. Ao carinho e afeto dos amigos Rodrigo Pontes e Renata Pamplona; do amigo Willy Rennet; aos irmãos Amilcar Neto e Amilcar Junior e Dona Regina, mãe destes rapazes, que em todos esses anos tratou-me como sendo parte da família. E também ao talento e arte do amigo Alex Sarges, presente em uma das imagens deste trabalho.

Agradeço também às professoras Cornelia Eckert, Edna Alencar e Fernanda Nummer, bem como o professor Agenor Pacheco, por aceitarem fazer parte desta importante etapa em minha trajetória acadêmica.

Por fim, agradeço à Capes por ter me concedido ao longo dos últimos dois anos Bolsa de Estudos.

RESUMO

O trabalho em questão tem por objetivo refletir a respeito do ofício de sapateiro em Belém, Pará. O estudo parte da apreciação das narrativas de trabalhadores que exercem atividades ligadas aos calçados na porção central da capital paraense – precisamente nos bairros de Batista Campos e Campina. Por meio das memórias destes sapateiros acerca de suas trajetórias sociais, busco compreender o modo como esta ocupação se transformou ao longo dos anos e de que forma esses sujeitos percebem as mudanças na própria vida urbana, considerando as modificações no espaço ao longo do tempo, logo, a conformação e reconfiguração das paisagens no mundo urbano belemense. As proposições aqui elencadas apontam para o fato de que através do saber-fazer característico do ofício de sapateiro e por meio de um “saber viver” que reflete a experiência cotidiana destes indivíduos, as oficinas de calçados constituem espaços preñes de sociabilidades, onde além da fabricação e conserto de sapatos e artigos de couro, em geral, são também produzidas formas sociais outras – túrgidas de uma dimensão simbólica e sensível que traduz seus conteúdos – a partir das interações/relações ali engendradas e da intermediação dos próprios gestos técnicos característicos do ofício.

Palavras-Chave: Ofício de Sapateiro, Belém, Mundo Urbano.

ABSTRACT

The objective of the present study is to think over shoemaker craft in Belém, Pará. The research starts from the assessment of cobbler's narratives, accurately workers from Batista Campos's district and Campina's District, located at central portion of the city. By the review of shoemaker's memories about their social trajectories, I intend to comprehend how this occupation altered itself, how these people realize changes in urban life and space modifications over the years elapsed, therefore, frame and reconfiguration of urban world's landscapes. The propositions listed here point to the fact that shoemaker knowledge and know-how, and a "saber viver" that reflects everyday experience of these individuals make workshops constitute spaces of sociability. In these places, besides manufacture and repair of shoes, other social forms are produced – full of sensitive and symbolic contents – resulting from interactions and relationships engendered there and by the mediation of craft inherent technical gesture.

Key-Words: Shoemaker Craft, Belém, Urban World.

Lista de Figuras

Figura 1 – Arte de Alex de Sarges Ramos.....	1
Figura 2 – Croqui dos bairros de Batista Campos e Campina.....	3
Figura 3 – Croqui do bairro do Reduto.....	4
Figura 4 – Casarões da rua Veiga Cabral: casa da Família Sampaio e Oficina Ponto a Ponto.....	13
Figura 5 – Oficina U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados.....	13
Figura 6 – Oficina-Arte.....	13
Figura 7 – Rua dos 48.....	13
Figura 8 – Oficina Conserto & Cia.....	13
Figura 9 – Casa da Família Sampaio.....	16
Figura 10 – Oficina Ponto a Ponto.....	16
Figura 11 – Trânsito na Travessa Padre Eutíquio 1.....	17
Figura 12 – Trânsito na Travessa Padre Eutíquio 2.....	17
Figura 13 – Ponto de ônibus na Travessa Padre Eutíquio 1.....	18
Figura 14 – Ponto de ônibus na Travessa Padre Eutíquio.....	18
Figura 15 – Trânsito na Travessa Padre Eutíquio 3.....	18
Figura 16 – Trânsito na Travessa Padre Eutíquio 4.....	18
Figura 17 – O sapateiro Zeno.....	24
Figura 18 – Sidnei consertando uma mala.....	28
Figura 19 – Máquina <i>typical</i> Esquerda Industrial.....	33
Figura 20 – Máquina <i>typical</i> Esquerda Manual.....	33
Figura 21 – Fôrma de material plástico, destinada à fabricação de calçado.....	34
Figura 22 – Fôrma tradicional de madeira, destinada à fabricação de calçado.....	34
Figura 23 – Fôrma de madeira e calçado.....	34
Figura 24 – Peça de calçado.....	34
Figura 25 – Par de sapatos femininos.....	36
Figura 26 – O sapateiro Francisco trabalhando em uma peça de couro 1.....	37
Figura 27 – O sapateiro Francisco trabalhando em uma peça de couro 2.....	37
Figura 28 – O sapateiro Francisco trabalhando em uma peça de couro 3.....	37

Figura 29 – O sapateiro Nazareno trabalhando na fabricação de um sapato 1.....	38
Figura 30 – O sapateiro Nazareno trabalhando na fabricação de um sapato 2.....	38
Figura 31 – O sapateiro Nazareno trabalhando na fabricação de um sapato 3.....	38
Figura 32 – O sapateiro Diego.....	38
Figura 33 – O sapateiro “Zezão”.....	38
Figura 34 – Os sapateiros Francisco e Nazareno.....	39
Figura 35 – O sapateiro Francisco.....	39
Figura 36 – O sapateiro Nazareno.....	39
Figura 37 – Sapateiros da oficina Zeno Calçados.....	41
Figura 38 – O sapateiro Zeno fazendo reparos em uma sapatilha 1.....	41
Figura 39 – O sapateiro Zeno fazendo reparos em uma sapatilha 2.....	41
Figura 40 – O sapateiro Zeno fazendo reparos em uma sapatilha 3.....	41
Figura 41 – A oficina Zeno Calçados.....	43
Figura 42 – Saltos de sapato feminino sobre o balcão da oficina.....	43
Figura 43 – A oficina Zeno Calçados.....	43
Figura 44 – Linha de sapatos à venda.....	43
Figura 45 – A oficina Zeno Calçados.....	43
Figura 46 – A oficina Ponto-a-Ponto.....	50
Figura 47 – Balcão da oficina de Zé Luís.....	50
Figura 48 – Balcão da oficina de Zé Luís.....	50
Figura 49 – O sapateiro Zé Luís 1.....	52
Figura 50 – O sapateiro Zé Luís 2.....	52
Figura 51 – O sapateiro Zé Luís 3.....	53
Figura 52 – O sapateiro Zé Luís 4.....	53
Figura 53 – Oficina U.T.I das Malas, Bolsa e Calçados da Avenida 16 de Novembro 1.....	71
Figura 54 – Oficina U.T.I das Malas, Bolsa e Calçados da Avenida 16 de Novembro 2.....	71
Figura 55 – Seu Anacleto trabalhando em sua oficina 1.....	75
Figura 56 – Cartazes religiosos colados à parede.....	75
Figura 57 – Seu Anacleto trabalhando em sua oficina 2.....	75
Figura 58 – Pilha de Malas.....	75

Figura 59 – Placa de entrada da sapataria A Proletária.....	81
Figura 60 – Piso da entrada da sapataria A Proletária.....	81
Figura 61 – Tibúrcio, pai de Seu Pedro e Seu Luís.....	83
Figura 62 – Os irmãos Pedro e Luís.....	87
Figura 63 – Salmos, santinhos e demais adereços religiosos colados à parede.....	88
Figura 64 – Santa colocada sobre a estante.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I	10
1.1. As “primeiras” caminhadas	10
1.2. O antropólogo e o errante: uma etnografia do perder-se na cidade	14
CAPÍTULO II.....	24
2.1. Descobrimo a Zeno Calçados	24
2.2. De geração em geração: as narrativas do filho de um sapateiro	26
2.3. Conhecendo a oficina	32
CAPÍTULO III	37
3.1. Os sapateiros da Zeno Calçados	37
3.2. A nova Zeno Calçados: entrevistando o sapateiro	42
3.3. Trabalhando no centro: uma nova etapa em sua carreira	45
CAPÍTULO IV.....	50
4.1. Nos fundos da Ponto a Ponto.....	50
4.2. A trajetória de Zé Luís.....	51
4.3. Da fabricação ao conserto	61
CAPÍTULO V	66
5.1. A memória coletiva e a heterogeneidade das reminiscências	66
5.2. A U.T.I. das malas, bolsas e calçados	70
5.3. As complicações e sutilezas do diálogo com os interlocutores.....	76
CAPÍTULO VI.....	79
6.1. Para além das oficinas de Batista Campos e Campina	79
6.2. Os herdeiros de Seu Tibúrcio.....	82
6.3. “Hoje em dia já não tem mais”: uma história de trabalho e de transformações ...	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
Referências Bibliográficas	96

A Memória Coletiva e o Ofício de Sapateiro em Belém-PA

As narrativas de mestres e aprendizes da arte dos calçados



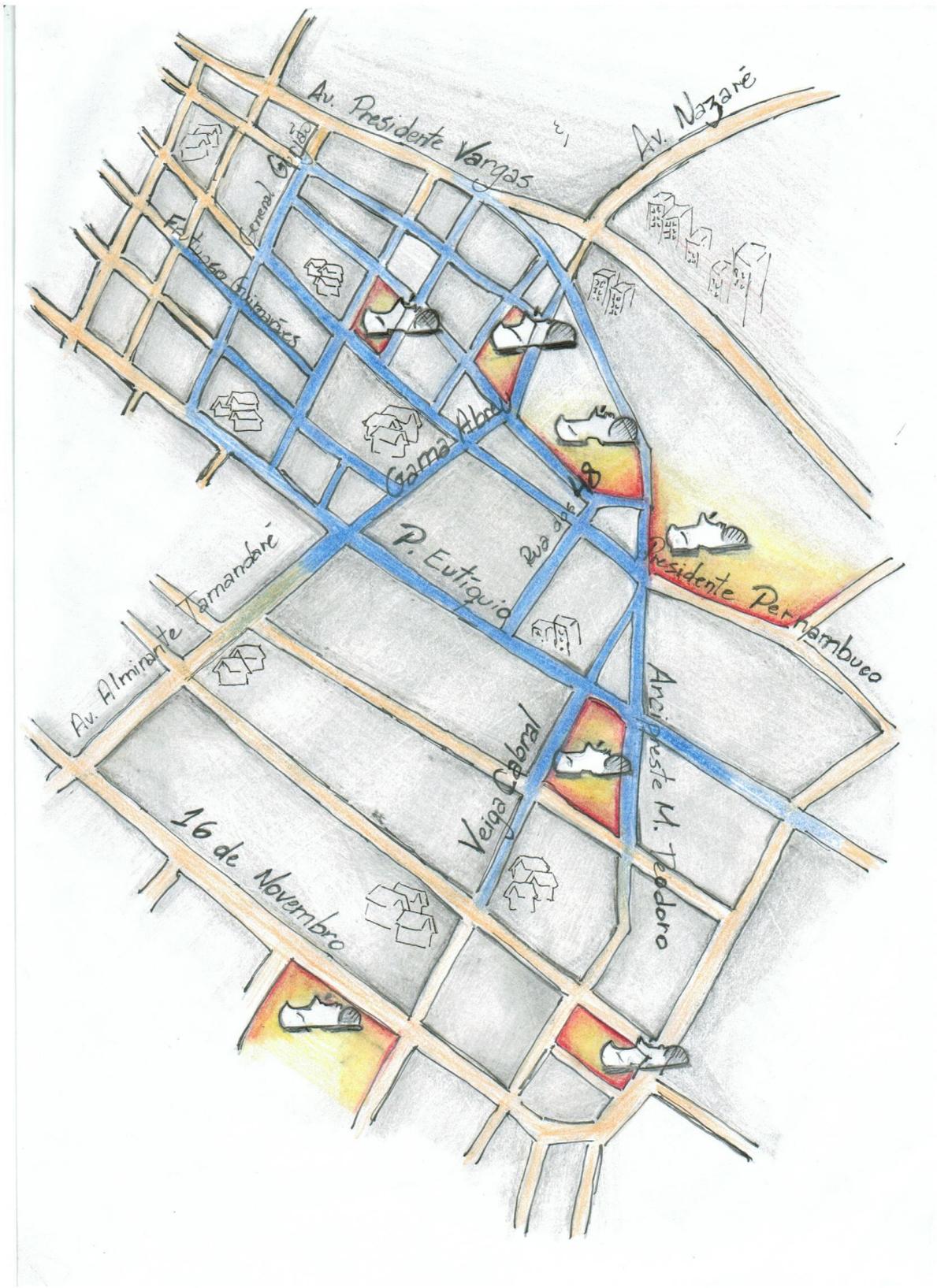
INTRODUÇÃO

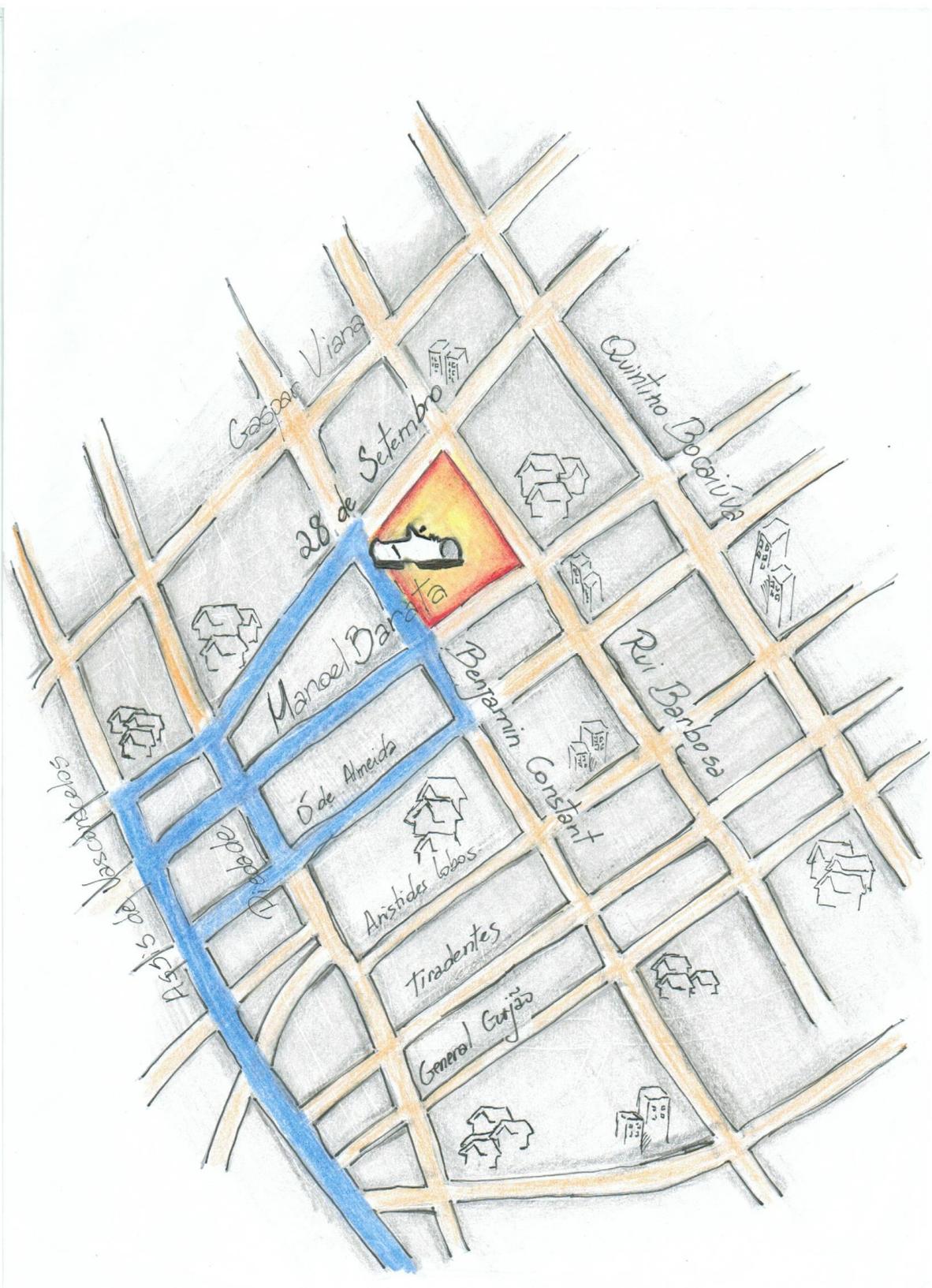
Este estudo propõe uma reflexão acerca do ofício de sapateiro em Belém, Pará, partindo das narrativas de mestres e aprendizes que exercem a profissão na porção central da cidade, mais precisamente entre os bairros de Batista Campos e Campina. Por meio das memórias destes trabalhadores envolvendo suas trajetórias profissionais e suas experiências de vida no mundo urbano belemense, busco compreender as formas através das quais a atividade em questão se modifica ao longo dos anos. Neste sentido, importa refletir sobre a dinâmica das práticas sociais e sua relação com as mudanças no espaço urbano e, por conseguinte, a conformação e transformação das paisagens¹ da urbe moderno-contemporânea.

Os primeiros incursos em campo remontam ao segundo semestre de 2012, período no qual foram realizadas deambulações por entre quatro bairros da capital paraense – Batista Campos, Campina, Cidade Velha e Comércio – atividades que tinham por objetivo viabilizar a localização de oficinas de calçados. Seguindo os passos de uma “etnografia de rua” (Rocha, Eckert 2003), aventurei-me por entre travessas e avenidas da porção central da cidade: através de caminhadas sistemáticas, registradas em diário de campo e com o auxílio da máquina fotográfica acabei por identificar a presença de um número significativo de sapatarias concentradas em Batista Campos e na Campina. Inicialmente descobri um total de oito ateliês aglomerados na área comercial localizada nos arredores do shopping Pátio Belém, situado na Travessa Padre Eutíquio. Outros dois estabelecimentos que ultrapassam o recorte então definido para a etnografia – um situado no bairro da Cidade Velha, e o outro no Reduto – foram incluídos à pesquisa por conta das indicações e sugestões dos próprios interlocutores.

As páginas seguintes trazem dois croquis nos quais apresento os locais onde estão concentradas as oficinas (representadas pelos ícones com um sapato), além de destacar (em azul) os caminhos percorridos com maior frequência durante a etnografia. O primeiro deles refere-se às redondezas dos bairros de Batista Campos e Campina (incluindo pequeno trecho da Cidade Velha), onde encontrei o aglomerado de ateliês de calçados. A segunda figura diz respeito ao bairro do Reduto, onde se localiza a sapataria “A Proletária”.

¹ Compreendo a ideia de paisagem enquanto fenômeno complexo da cultura (Silveira 2009), que emerge como produto da relação entre seres humanos e meio, isto é, a dinâmica entre o espaço e as práticas sociais, tendo em vista que a paisagem é ação, é experiência do vivido, e não é apenas a imagem que o olhar humano contempla, pois o próprio ser humano, enquanto ser cultural configura a paisagem, no sentido de figurar junto (co-figurar). Para uma compreensão mais aprofundada acerca do tema, ver Silveira (2009).





Esta etapa inicial da pesquisa de campo orientou as atividades seguintes, realizadas ao longo do ano de 2013. Por meio de visitas continuadas às oficinas tive a oportunidade de acompanhar o cotidiano daqueles espaços, observando as atividades de trabalho – que consistem, de modo geral, nos processos de fabricação e conserto de calçados, além da manutenção de malas, bolsas, cintos, artigos de couro e derivados. Além disso, foi possível apreciar as manifestações de sociabilidades (Simmel 1983) que crescem caráter lúdico à labuta dos sapateiros: enquanto assistia aqueles senhores trabalhando, participava de momentos sociáveis entre eles próprios e seus clientes. O clima descontraído e acalorado das brincadeiras, piadas e chacotas temperam uma disciplina e ética do trabalho que conduzem a organização da sapataria a partir da dimensão das formas sensíveis (Sansot 1983) que envolvem as interações sociais. Deste modo, importa a este estudo vislumbrar a maneira como o ofício de sapateiro revela a agência dos cidadãos no sentido de dinamizar o mundo urbano, transformando a cidade em meio praticado (Certeau 1994) por meio de um saber-fazer específico e um “saber viver” (Malheiros 2006) relacionado ao estilo de vida destes senhores.

Parto do pressuposto que estes sapateiros produzem por meio do ofício novas formas sociais (Simmel 1983), poetizando o espaço urbano por meio do agir no mundo. O ofício de sapateiro constitui-se enquanto uma prática que se “especializa” (Frias 2001) na medida em que, através de seu trabalho estes sujeitos configuram – no sentido de co-figurar (Silveira 2009) – as paisagens do mundo urbano belemense. Ao mesmo tempo, as artes de fazer (Certeau 1994) do cotidiano, tal como o saber-fazer do sapateiro² e concomitantemente um “saber viver” característico da experiência nos grandes centros urbanos, turgem a cidade em seu caráter de meio praticado (Certeau 1994) com a dimensão do sensível. Logo, a oficina e o próprio bairro transformam-se em espaço sensível (Frias 2001) por meio da agência destes sujeitos e pelas marcas que o gesto técnico (Leroi-Gourhan s/d; Focillon s/d) imprime no lugar.

O diálogo com os interlocutores induziu-me a apreciação de suas narrativas acerca de suas trajetórias no ofício de sapateiro e à compreensão de rítmicas diversas que conduzem as temporalidades da cidade. Neste sentido, o trabalho foi desenvolvido tomando por inspiração a proposta de uma etnografia de duração (Rocha, Eckert 2010), o que envolve uma reflexão alusiva ao plano dos jogos da memória, considerando a experiência etnográfica enquanto evento evocador de esquemas de pensamento singulares. Acionadas pelo ato de recordar,

² Proponho o termo “arte dos calçados” presente no subtítulo deste trabalho, partindo justamente da ideia de que o ofício de sapateiro constitui uma das “artes de fazer” conformadoras da dinâmica de práticas sociais da urbe moderno-contemporânea.

estas estruturas figurativas do intelecto humano promovem o vibrar das imagens que habitam o outro, que por sua vez, transbordam por meio da palavra enunciada na ocasião do encontro com o etnógrafo. Por meio do processo de adesão às imagens evocadas pelo narrador³, o antropólogo lança mão de um mecanismo através do qual torna-se possível a compreensão das formas sociais às quais o interlocutor alude em suas narrativas (Rocha, Eckert 2010).

Ao longo de seu trabalho de campo, quanto mais esquecido de si mesmo, mais profundamente o antropólogo escuta a voz de quem conta, atingindo assim a visão compartilhada daquilo que lhe é contado. A etnografia da duração realizada pelo antropólogo é, assim, devedora das histórias vividas que lhe foram transmitidas e das quais nós, antropólogos, nos apropriamos para produzir teorias e conceitos desde nossa matriz disciplinar. Narramos histórias vividas quando produzimos descrições etnográficas e, com isso, evocamos essas reminiscências seja por meio da escrita, de fotografias, de vídeos ou de filmes. (Rocha, Eckert 2010: 133).

A imagem emerge na narrativa enquanto elemento através do qual transportamos e acionamos os sentidos que atribuímos ao vivido. Logo, a narrativa etnográfica aqui construída tem em vista aliar a imagem textualizada na escritura à imagem visual do registro fotográfico, versando a linguagem antropológica por meio da conciliação/tensão⁴ entre a narrativa textual e a narrativa composta através da imagem fotográfica.

Matéria de todo processo de simbolização, a imagem constitui-se enquanto artefato elementar da consciência e intelecto humano no processo de percepção e compreensão do mundo (Durand 1989). Os pontos de linha feitos no couro, as pinceladas de tinta e cola, as marteladas sobre a sola do calçado revelam não apenas o fazer de um ofício, como também o trabalho de inventar a cidade (Certeau 1994) e produzir formas sociais (Simmel 1983). Por sua vez, a palavra narrada pelos sapateiros evoca através da memória as imagens que aludem a estas formas, preenchendo o social com sentidos, afetos, emoções. A narrativa etnográfica é também produto de uma imaginação criadora, na medida em que percorre símbolos, metáforas, silêncios e esquecimentos na tentativa de esquematizar e esquadrihar as constelações de imagens figuradas nas histórias contadas pelo Outro: a escrita da obra traduz dimensões do “trajeto antropológico” (Durand 1989), vereda que trespassa as múltiplas perspectivas e a pluralidade de vozes oriundas do encontro etnográfico.

³ O que implica no fato de que o encontro etnográfico é a ocasião onde as imagens que transbordam pela narrativa do outro possam fluir em direção às imagens do pesquisador, pois que o próprio antropólogo é também habitado por elas.

⁴ O diálogo entre imagem visual e texto ultrapassa a ideia de uma narrativa uníssona ou harmonizada. A profundidade semântica de cada uma das linguagens advém de ordens diferentes, logo, uma pode vibrar um tom que a outra não alcança, atingir uma nota que a outra não toca, gritar no momento em que a outra cala. Imagem e texto não apenas se conciliam, pois se agridem, enfrentam-se, chocam-se. Contudo, é a intencionalidade etnográfica que constitui o fio condutor que guia este encontro.

O destaque que as oficinas assumem nos bairros da porção central da cidade advém da profundidade temporal e de uma presença de longa duração no cenário urbano característica das atividades de ofício. As transformações pelas quais a atividade passa, tal como os diferentes serviços que passam a oferecer, como forma de se adaptar ao mundo do trabalho, indicam que tal prática não está congelada no tempo ou fadada ao desaparecimento como diria o senso comum. A própria localização das oficinas e ateliês (os bairros de Batista Campos e Campina, assim como o Reduto e a Cidade Velha) constitui um espaço marcado pela complexidade do fenômeno urbano: a racionalidade técnica e científica dos grandes centros urbanos revela-se pela presença de um Shopping Center – este cercado por uma densa área comercial traduzida na profusão de lojas dos mais variados gêneros e, geralmente, no grande número de vendedores ambulantes e camelôs que por ali circulam; a vista emblemática do “novo” divide o espaço com a permanência de elementos arquitetônicos do passado da cidade versados no casario antigo presente na Campina e em Batista Campos, onde entre alguns funcionam determinadas oficinas de sapateiro identificadas em minha pesquisa⁵.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de refletir sobre a realidade de um dos ofícios tradicionais que figuram no elenco das práticas sociais em Belém. Este estudo, que além de discutir uma temática nova – na medida em que a produção acadêmica local é pouco significativa em relação ao objeto de estudo em questão – se faz necessário, pois busca compreender a trajetória de uma profissão que, apesar de ser erroneamente considerada como “ultrapassada” e até mesmo em vias de extinção, demonstra ser um dos ofícios tradicionais – assim como os ofícios de barbeiro, de costureira, etc. – que assumem papel de destaque no jogo complexo das práticas sociais na cidade de Belém, persistindo como práticas de trabalho na urbe. Através deste estudo, é possível refletir sobre o ofício de sapateiro e a importância da atividade artesanal na dinâmica de transformações do mundo urbano contemporâneo, tendo em vista as inovações tecnológicas e as mudanças nas relações de trabalho que modificam expressivamente o fazer humano e o seu resultado, ressignificando certas práticas do ser humano e as coisas que este produz, redimensionando as relações simbólicas e de produção de cultura material envolvidas nos ofícios tradicionais (Sennet 2009).

A etnografia em questão está dividida em seis capítulos, cada um referente a um “episódio”, por assim dizer, da pesquisa de campo realizada entre 2012 e 2013. No primeiro

⁵ Como resultado dos trabalhos realizados no âmbito do Projeto de Pesquisa *Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém – Pará*, coordenado pelo Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira, observou-se a presença recorrente de atividades tradicionais – tais como o ofício de alfaiate, barbeiro, costureira, sapateiro, etc. – em prédios e casarões antigos, tendo em vista que na maioria das vezes os trabalhadores encontram nestes locais preços de aluguel mais acessíveis.

capítulo apresento reflexões pertinentes à primeira etapa da experiência etnográfica. Os tópicos seguintes dizem respeito ao período em que frequentei as oficinas de calçados. Em cada capítulo a narrativa percorre sequências de fragmentos e historietas⁶, atravessando uma miscelânea de relatos acerca do ofício de sapateiro. A fala do autor divide espaço com as vozes dos interlocutores, que em certos momentos aparecem diluídas no texto, e em outras ocasiões, destacadas em blocos transcritos que referem-se a um tema em particular. Além disso, é importante acrescentar que os conceitos e teorias por mim operacionalizados concorrem ao lado das categorias e proposições elaboradas pelos próprios sapateiros durante nossas conversas.

O que proponho com esta escrita fragmentada é evitar impor certa linearidade cronológica que em muitos aspectos se torna incompatível com o gênero etnográfico. Pensar a etnografia enquanto pesquisa de campo e também a produção de uma narrativa representativa de tal experiência, é um estímulo para a produção de um texto construído em trajetos aleatórios e através de passos perdidos (Certeau 1994), tal como os (des)caminhos trilhados no decorrer de meu trabalho de campo, quando estabeleço percursos, me perco propositalmente em meio às ruas, travessas e avenidas, e posteriormente, refaço meus passos, redescubro caminhos, desvendo atalhos e encontro itinerários.

Esta proposta é um reflexo da metáfora do fenômeno urbano, este complexo de possibilidades e trajetórias, cenários dinamizados pelas “corpografias urbanas” que desafiam os projetos da urbe moderno-contemporânea que visam produzir as cidades-imagens (Jacques 2008), onde o antropólogo ora se perde, para mais tarde se reencontrar, deparando-se com uma diversidade de significados e sentidos. Comparo novamente a narrativa aqui produzida – que dilui-se em uma linguagem preocupada com a experiência sensível e afetiva na cidade e com uma retórica que problematiza tal experiência a partir do diálogo com os interlocutores – à ideia das errâncias urbanas de Paola Jacques, considerando a arte de perder-se na cidade a partir de três relações espaço-temporais: orientação, desorientação e reorientação (Jacques 2006). Para a autora, errar pela urbe configura “a possibilidade de um “urbanismo poético”, que se insinua através da possibilidade de uma outra forma de apreensão urbana, o que levaria a uma reinvenção poética, sensorial, das cidades” (Jacques 2006: 134).

No primeiro capítulo estão presentes reflexões acerca do processo de entrada na pesquisa de campo e os meandros de uma investigação antropológica que aborda a temática dos grandes centros urbanos. Retomo o percurso de minhas deambulações por entre as

⁶ Tomo de empréstimo a estratégia narrativa utilizada em etnografias como *A poética do vivido* (Silveira 2002) e *Os Milton* (Franco 2001).

veredas de Batista Campos e Campina, apreciando os deslocamentos e itinerários que mobilizam as práticas sociais e dinamizam o espaço urbano para deste modo problematizar as questões metodológicas que envolvem o etnografar na urbe.

O segundo capítulo revela a primeira parte de minhas visitas à oficina Zeno Calçados, localizada na rua Gama Abreu, bairro da Campina. Naquele espaço tive a oportunidade de conhecer o interlocutor que em muito contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa: Seu Zeno. Neste tópico demonstro, de forma geral, o funcionamento da oficina, bem como uma breve história de cada um de seus funcionários. Além disso, apresento os diálogos com Sidnei, filho de Zeno.

O capítulo seguinte traz consigo a segunda parte da narrativa referente a investigação realizada naquela oficina. Neste momento, apresento a análise de minha conversa com Seu Zeno, através da qual pude conhecer a trajetória social (Velho 1994) daquele sapateiro e como este planejou sua carreira ao longo dos anos, elaborando diferentes táticas (Certeau 1994) no sentido de lidar com o campo de possibilidades da vida na urbe.

Na quarta parte deste texto, apresento a análise das narrativas de Zé Luís e Chiquito. O primeiro administra uma oficina de calçados no ateliê Ponto a Ponto, localizado rua Veiga Cabral, ao lado do shopping Pátio Belém. Ele aprendeu o ofício com o pai, juntamente com Seu Zeno. Os dois são amigos desde a infância. Ali, além dos serviços com calçados, também funciona uma oficina de costura, dirigida pelo alfaiate Gilmar, que é auxiliado por algumas costureiras.

O quinto capítulo diz respeito às narrativas de Seu Anacleto, senhor de setenta e quatro anos de idade, que apresenta uma perspectiva distinta dos anteriores. Enquanto que os primeiros preservam expectativas positivas com relação ao ofício de sapateiro, Anacleto acredita que a profissão já não existe mais na capital paraense por não encontrar mais espaço no mercado calçadista. Ele trabalha em uma oficina na avenida 16 de novembro, no bairro da Cidade Velha, mas realiza apenas os serviços de conserto.

O sexto capítulo conta a história dos irmãos Pedro e Luís, senhores que trabalham como sapateiros desde a infância, aprendendo o ofício com o pai, que era dono de uma pequena fábrica de calçados e uma oficina de consertos, chamada “A Proletária Sapataria”, localizada no bairro do Reduto e que mantém-se de portas abertas desde o ano de 1940.

CAPÍTULO I

Perambulando pela cidade Crônicas de um etnógrafo em construção

1.1. As “primeiras” caminhadas⁷

Os planos para retornar às caminhadas já haviam me tomado alguns dias, pouco mais de uma semana. Sentia falta de algo motivador, o ímpeto de inspiração que quando menos espero me tira do assento e me empurra para o campo. Aquele dia trouxera estímulos mais do que interessantes. Certamente, convite melhor não poderia existir: sair de casa e deparar-me com uma bela manhã, em que os raios de sol esgueiravam-se por detrás das nuvens, tingidas pelo leve tom amarelo pincelado pela luz do astro; o azul ao fundo conformava o relevo onde flutuavam serenamente as nuvens, umas aqui, outras acolá. Além da acolhedora ocasião que me induzia ao passeio matinal, havia acordado com o desejo de partir à procura das oficinas, curiosidade nutrida pelas sugestões de alguns amigos e professores com os quais conversara ao longo da semana.

“Se não me falha a memória, tinha uma bem por ali... assim”, diziam-me os colegas. Indicavam ruas dos bairros da Campina e do Comércio, as proximidades do Largo da Palmeira e outros arredores. Apesar da pouca certeza e exatidão das sugestões, os relatos insinuavam paisagens onde eu certamente encontraria as oficinas. As lembranças destas pessoas somavam-se às minhas recordações de anos anteriores, quando realizara outras pesquisas ali naquela região. Esbocei mentalmente alguns itinerários e então parti em caminhada pelas ruas do bairro de Batista Campos, dirigindo-me para a Campina e em seguida para o Comércio.

Logo na primeira rua que tomo, encontro a oficina Ponto a Ponto, lugar onde trabalha um velho conhecido, o sapateiro Zé Luís⁸. O espaço localiza-se na rua Veiga Cabral, bem ao lado do Shopping Pátio Belém. Nos baixos de um casarão antigo, deparo-me com um ateliê: na primeira sala trabalham Seu Gilmar e demais funcionários com serviços de costura; em seguida, a cozinha onde as pessoas que ali labutam fazem sua refeição; quem procura os

⁷ Apesar de constituírem as deambulações que deram início à etnografia acerca do ofício de sapateiro, a pesquisa em questão resulta, na verdade, de experiências anteriores referentes aos incursos antropológicos que realizei entre os anos de 2010 e 2011 a respeito da presença de prédios antigos e arruinados por entre os bairros de Batista Campos, Campina, Cidade Velha e Comércio, conformando assim parte do centro histórico de Belém.

⁸ Havíamos nos conhecido durante o ano de 2011, período no qual realizava a pesquisa acima mencionada.

serviços do sapateiro precisa chegar a sala mais ao fundo, onde lá o encontrará concentrado nos calçados.

Sigo pela travessa Padre Eutíquio, cruzando a avenida Almirante Tamandaré, para enfim chegar às ruas do bairro da Campina. Tomei o velho caminho das antigas pesquisas que realizei por ali, mas ao invés de seguir pela rua Frutuoso Guimarães como habitualmente faria, escolhi a Campos Sales, rua paralela à primeira e que da mesma forma atravessa a Campina em direção ao bairro do Comércio. Ao me deparar com aqueles prédios antigos, muitos deles vítimas do descaso das pessoas e do Estado, bem como dos castigos do tempo, me vejo levado a refletir sobre como alguns elementos do mundo urbano belemense acionam as tensões entre a presença/persistência do antigo em companhia do desejo pelo novo que envolve Belém.

Elementos arquitetônicos oriundos da Bela Época belemense e até mesmo de períodos anteriores dividem espaço com distintas construções de *design* contemporâneo – shoppings, galerias, arranha-céus. De maneira semelhante, uma série de atividades ligadas aos ofícios manuais/tradicionais (as atividades de alfaiate, barbeiro, sapateiro, costureira, entre outros) marcam lugar em meio as complexas relações provocadas pelas mudanças e inovações na organização social do trabalho. A rítmica da cidade conflui em diferentes temporalidades. A ideia de uma linearidade cronológica enquanto desejo/imposição de um tempo objetivo se dilui na tessitura do mundo urbano, isto é, nas interseções, lacunas e descontinuidades próprias do viver a cidade. O fenômeno urbano harmoniza-se em um compasso desordenado, fruto das tensões entre o tempo vivido e o tempo pensado, que acabam por desembocar no tempo narrado das memórias dos cidadãos.

Por meio das narrativas dos sapateiros, este tempo lacunar e descontínuo adquire sentido, e a própria experiência de espaço se turge de significados. Os arredores onde estão situadas as oficinas são prenes desta ambiência onde “tradicional” e “moderno”, presente e passado deslocam-se lado a lado, sobrepondo-se em diversas camadas que compõem a experiência espaço-temporal no mundo urbano belemense. Estes espaços, em seu caráter de lugar praticado (Certeau 1994), onde se assentam as memórias narradas pelos interlocutores, acabam por conformar paisagens de caráter urbano. Estas, entendidas enquanto fenômeno complexo da cultura, acionam imagens de uma Belém de outrora que coabitam a rítmica do presente vivido, constituindo portanto o *locus* de investigação da pesquisa.

Estas paisagens são características dos itinerários que busquei trilhar inicialmente ao longo da rua Campos Sales a fim de encontrar as oficinas que haviam me indicado. Dobrei em uma rua abarrotada de lojas imaginando que ali poderia encontrar porventura alguma oficina.

Segui em direção ao Largo da Palmeira, sem estabelecer um percurso de muita certeza, errando por entre ruelas que apesar de não conhecer o nome, guardavam a lembrança familiar de já ter passado por ali. Depois de muito andar (já estava chegando na altura da Presidente Vargas) resolvi retornar o caminho pela rua General Gurjão, pois até então não havia encontrado nada. Decidi retornar por aquela rua, acreditando em minha intuição, de certo modo, confundida com minhas recordações daqueles caminhos.

Minha intuição estava enganada. Já havia chegado na Frutuoso Guimarães e nem sinal das oficinas. Na Frutuoso, rua que conheço razoavelmente bem sabia que ali não teria sorte maior. Naquela altura, já começava a sentir um leve cansaço, menos pelo tempo de caminhada, do que pelo sol que àquela hora já começava a castigar bastante. O clima ameno do início da manhã dava lugar a um calor fatigante típico da culminância do meio do dia. O rosto úmido coberto pelo suor, a camiseta cada vez mais molhada, a garganta seca e a sede, estes pequenos incômodos somados à frustração de não encontrar as oficinas que haviam me indicado, ampliavam minha impaciência. Decidi então tomar o caminho de volta para casa.

Alguns dias após a primeira desventura em campo, retornei às caminhadas, agora com novas indicações, e para minha surpresa, em endereços bem mais próximos do que a experiência anterior. O interessante foi perceber o quanto aquela “área” que me parecia tão “familiar” revelou particularidades que eu desconhecia. Subindo a Veiga Cabral até a altura da Presidente Pernambuco, pude encontrar a oficina de nome Conserto & Cia, onde trabalham Ezequiel e Lázaro⁹. O espaço de aparência bem pomposa, conta com um letreiro colorido e chamativo, além de uma bela vitrine onde ficam expostos alguns pares de calçados femininos.

Poucos passos dali é possível encontrar um estabelecimento na rua Dos 48: “U.T.I. das malas, bolsas e calçados” diz a enorme placa colocada à entrada do oficina. O lugar é de propriedade de Seu Anacleto, senhor que conheci apenas meses depois, quando descobri uma oficina de mesmo nome na Avenida 16 de Novembro, onde pude conhecer o sapateiro. O ateliê localizado na rua Dos 48 é administrado por Dona Fernanda.

⁹ Estes dois rapazes trabalharam para Seu Zeno, um dos principais interlocutores da pesquisa, anos antes de abrirem o próprio negócio. Infelizmente não tive a oportunidade de frequentar esta espaço para estabelecer um diálogo mais aprofundado com os dois sapateiros, assim como em outras oficinas localizadas durante estas caminhadas, tendo em vista o rico material que já havia contemplado a partir das oficinas que já visitava. Contudo, é importante destacar a presença destas oficinas a fim de revelar a quantidade significativa de ateliês concentrados nesta área específica.

Dia de sorte este, pois enquanto andava pela rua Dos 48 e fazia anotações na caderneta de campo, encontrei um lugar simples bem ali próximo, na esquina desta rua com a Ferreira Cantão. Uma placa ao lado da entrada indicava “OFICINA ARTE” e logo abaixo seguia a lista de serviços prestados no estabelecimento.



Depois de ter encontrado bem mais do que esperava estava suficientemente disposto a passar o resto da manhã caminhando, a fim de encontrar outras oficinas. Resolvi procurar novamente nas proximidades do Largo da Palmeira, porém após cerca de quinze, vinte minutos andando sem nada encontrar, resolvi retornar, porém atrasando a volta e tomando caminhos mais longos, imaginando ter mais sorte ao longo de um percurso mais extenso. E ali na rua Padre Prudêncio, quase de esquina com a General Gurjão (rua pela qual havia passado na última atividade de campo, mas sem localizar/notar nenhuma oficina), visualizei de relance em uma entrada gradeada que levava ao porão de uma casa antiga, uma placa pequena, onde estava escrito apenas “sapateiro”. Observei rapidamente. Um lugar simples, quase escondido.

1.2. O antropólogo e o errante: uma etnografia do perder-se na cidade

Nos primeiros meses do ano, não são raras as vezes em que as manhãs de Belém nascem em tons de cinza, fechadas por uma cortina de nuvens pesadas. Nesta manhã, os fortes raios de sol que habitualmente enchem os dias dos belemenses em outras épocas do ano, tardaram a aparecer, dando lugar a uma aconchegante sinfonia de pingos de chuva que tilintavam na janela. Tomara meu café por volta das nove da manhã acreditando que fosse bem mais cedo, na verdade confundido pela pouca claridade que escapava pelo céu chuvoso. Após o desjejum, aguardei meio impaciente o findar da chuva para então sair em caminhada pelas ruas do bairro de Batista Campos e Campina, a primeira daquele janeiro que encarava como uma caminhada etnográfica.

Parti acompanhado por um chuvisco bem suave, de certo modo, bastante agradável. Para alguém acostumado com o calor dos trópicos (que às vezes cansa de verdade), o clima ameno daquela manhã era um alívio, quase chegava a fazer frio (mas um frio de se apreciar). É incrível como as menores temperaturas do inverno paraense, que nos dias mais penetrantes chegam a temperaturas entre os 20° C e 18° C, fazem o morador da capital “tremar” de frio.

É durante os meses de janeiro, fevereiro, março e um pouco menos em abril, que as chuvas assinam passagem pela cidade com mais intensidade. Donas de casa bravejam contra o tempo pluvioso, implorando poucas horas de sol que sejam para secar os montantes de roupas molhadas nos varais. Como que dançando em ritmo de tecno-brega, chuvas caudalosas que duram uma, duas horas ou mais, alagam ruas e inundam casas por toda a Belém. Não apenas em bairros “periféricos” – situação onde o culpado ora é o Estado pela falta de saneamento, quando não são os próprios moradores que os habitam por tratarem de forma indevida o descarte de lixo – mas também nas mais “urbanizadas” ruas e avenidas do “centro”. Até a residência onde moro, localizada no bairro de Batista Campos não resiste a uma hora de chuva forte sem ser inundada por um palmo d'água.

Poucos minutos após sair de casa, caminhava de braços cruzados decidindo que ruas tomar, que avenidas percorrer. Certo cuidado deve ter o pedestre ao andar pelas calçadas de Batista Campos (o que não é diferente em outros bairros), pois vários são os desníveis entre a calçada de uma casa e outra: o que parece é que em uma vizinhança, os moradores impõem “seus” passeios bem acima do nível da rua como se competissem entre si, ou elevando-as ao erguer largas rampas sobre o passeio público frente às entradas de suas garagens. Uma pequena distração pode resultar em tropeços e tombos, como vez ou outra ocorre em minhas

errâncias, quando me detenho rapidamente às anotações na caderneta e de súbito topo em degraus, batentes, descidas.

Já havia descoberto em outras ocasiões a localização de oito oficinas que trabalham com conserto e fabricação de calçados, ali nos intermédios entre a Campina e Batista Campos. Decidi finalizar este primeiro período de minha experiência etnográfica realizando algumas caminhadas por entre os arredores das oficinas, a fim de me aproximar, sentir e experienciar os timbres e sinuosidades da vida e da dinâmica daquela parte da cidade. Queria entender o porquê de um ofício, em certa medida “tradicional” – porque possuidor de uma profundidade temporal – fazer-se presente em bairros marcados por um tipo de avidez pelo novo que cresce cada vez mais, algo que é possível notar nos edifícios que surgem seguindo a tendência com que a cidade almeja as alturas, verticalizando-se a cada dia, acompanhada por um passado que permanece, tal como o casario antigo das ruas Frutuoso Guimarães e Campos Sales, além de vários outros espalhados por outras ruas do centro histórico de Belém.

A dinâmica do tempo em Belém não se resume, porém, na simples dicotomia entre as efígies do tradicional e do moderno: nem congelada em brumas do passado ou atada a outras épocas pelo intento de sua preservação, menos ainda entregue ao mergulho profundo e desenfreado nas águas do progresso e do “desenvolvimento”, a capital paraense revela-se o ressoar de muitos acordes. Assim como em uma partitura, os ritmos que regem a orquestra da vida urbana convergem em movimento, mas também se prendem a pausas sempre que necessárias, como que sob a batida de um compasso, por assim dizer, “desordenado”. Uma melodia aparentemente desarranjada, que por vezes se detém no ato de apreciar certos momentos, ou na vontade de retornar a eventos de outrora, é também aquela que às vezes persegue a efemeridade do novo. A experiência na urbe implica um deslocar-se repleto de idas e vindas, de investidas, mas também de retomadas, de continuidades e descontinuidades, caminhos e descaminhos. Cidadinos enunciam espaços por meio de passos aventureiros, cautelosos, apressados, vezes outras perdidos, (re)inventando o viver a cidade no ato mesmo de praticá-la.

De que forma pode ser possível compreender as dinâmicas do tempo na cidade? Ou melhor, como compreender o meio através do qual os próprios belemenses interpretam os ritmos da urbe? O que há de novo e o que há tempos persiste na capital paraense, segundo a ótica daqueles que trabalham com a arte dos calçados? Quais as permanências e vicissitudes do tempo para aqueles que passam os dias costurando a sola à pala dos sapatos, ou

parafrazeando o pensador francês¹⁰, os artesãos que se ocupam firmando os nós entre a abóboda do céu estrelado e a terra em que os homens pisam? Se tal aventura por conhecimento for realmente possível, que caminhos trilhar para encontrar a compreensão de tais saberes? Que trajetórias a experiência etnográfica no mundo urbano oferece para um jovem etnógrafo percorrer?

Essas questões que ocupam minha mente desde então, demonstram alguns dos traços do desenvolver de uma pesquisa de campo. A preocupação constante em compreender os significados que o encontro etnográfico revela ao antropólogo. A forma como se constroem as relações de diálogo com os sujeitos junto aos quais estudamos, logo, os possíveis laços afetivos que possam emergir, bem como as desavenças. O modo como lançamos o olhar sobre a realidade e, é claro, decidir sobre que eventos ou pessoas lançar vista. Perceber que aquilo que há anos parecia tão familiar, após alguns meses de estranhamento pode parecer tão alheio. Como aprofundar esta experiência, de modo que seja possível elaborar em um relato de caráter obrigatoriamente científico (pois afinal é este o princípio motor destes escritos) uma realidade que, apesar de tão “próxima”, revela-se tão estranha? Talvez seja melhor continuar andando e esperar que o sol consiga se esgueirar por entre as nuvens de chuva, iluminando os caminhos pelos quais possa encontrar tais respostas, ou quem sabe na próxima curva, descobrir outras perguntas mais.



Na vizinhança do Shopping Pátio Belém, ando pela Rua Veiga Cabral, vislumbrando um destes casarios antigos, a maioria bem conservada, onde funcionam alguns restaurantes. Um deles, visivelmente castigado pelo tempo é o lar da família Sampaio, pessoas que guardo enorme gratidão e afeto, pois em outra ocasião (cerca de dois anos atrás) tive a oportunidade

¹⁰ Como diria Gilbert Durand, “Toda a arte do sapateiro consiste em unir com pregos, ou fios, a sola que caminha sobre a terra à abóboda da pala. Esse é símbolo pontifical da arte do sapateiro” (Durand 1995: 14).

de conhecer muito do passado do bairro através das narrativas de Seu Carlos, patriarca da família, que vive a mais de sessenta anos em Batista Campos. Além disso, pude construir uma grande amizade com seu filho mais velho, Carlinhos, um rapaz poucos anos mais velho que eu. Bem ao lado da casa da família Sampaio há a oficina Ponto a Ponto, onde trabalha Zé Luís.

Nos perímetros entre a Rua Dos 48, Padre Eutíquio e Presidente Pernambuco, bem próximo ao Shopping Pátio Belém, se encontram quatro das oito oficinas que havia mencionado. Continuo meu percurso circulando entre os espaços que cercam estas oficinas. Lojas de móveis, aparelhos domésticos e utensílios do lar, materiais esportivos, roupas e também calçados, uma diversidade de gêneros de estabelecimentos concorrendo por consumidores. O fluxo ligeiro de rostos, vozes, palavras, letreiros, luzes e ruídos, movidos freneticamente por passos aparentemente perdidos e pelo tráfego de automóveis, acabam por se transformar numa correnteza que inebria quem passa por ali. Quem não se mantém atento ou mergulha em devaneios acaba sendo engolido por um escarcéu de informações. Indivíduo e multidão imiscuem-se em ondas de gente que quebram com força nestas praias de concreto.



Pessoas ocupadas em vender os mais variados produtos e serviços, bem como aquelas buscando “satisfazer suas necessidades” ou saciar a simples vontade de consumir, cruzam-se o dia inteiro em diferentes trajetórias, movidos que são por interesses diversos, porém convergindo em fluxo coerente em sua “desordem”. Ao final do dia, comerciante e cliente acabam por dirigir-se aos mesmos pontos de ônibus, não raro tomam as mesmas linhas de coletivo, por vezes, chegam a subir no mesmo veículo, compartilhando a intenção de retornar ao mesmo bairro, à mesma vizinhança.



Por mais que se imponha uma cortina que os tenta invisibilizar e colocar à margem do ato principal, vários outros atores sociais figuram também na urbe, como sujeitos envolvidos na poética do experienciar a cidade: trabalhadores do comércio informal, seduzindo aos berros seus clientes e sempre sujeitos às ações repressoras do poder público; malabaristas fazendo arte nos semáforos da Avenida Tamandaré, brincando não apenas com malabares, mas também com fogo e adagas, fazendo arte pela próxima refeição; flanelinhas, cada vez mais numerosos à medida que a cidade incha com o grande contingente de automóveis; moradores de rua, vivendo à deriva, tendo como teto o céu aberto e as estrelas; o deficiente ajoelhado pedindo esmola às pessoas junto ao ponto de ônibus. De importância igual à de qualquer outro cidadão, estes sujeitos aventuram-se pelas ruas de Batista Campos e Campina (e por certo, transitam por distâncias maiores), lançando-se através de suas atividades cotidianas pelos itinerários, aparentemente “descompassados”, do mundo urbano belemense.

O que dizer então do antropólogo em campo tragado pelas águas da experiência urbana? Como manter-se próximo à realidade social, mas ao mesmo tempo distante o suficiente para observá-la e analisá-la, evitando afogar-se no pensamento corrente? Mas como o pesquisador pode imaginar sua humanidade amputada e ainda crer possível uma aventura

etnográfica desprovida de intuição, sentimentos e mesmo sofrimentos? Pelo visto, o fazer etnográfico não é apenas a busca de um “texto a ser lido”, ou a construção de “mundos comuns de significados” e “canais de diálogos”. Mais do que isso, a “aventura antropológica” revela-se o amadurecer de um sentido ou intuição, que por certo, é vereda pela qual percorre a imaginação criadora (Durand 1989) capaz de compreender o significado das formas simbólicas e sensíveis da vida social.

O deambular/passear pela urbe tem em vista descobrir espaços por meio da fala dos passos perdidos (Certeau 1994) e inspira-se, em certa medida, na metáfora do flâneur, personagem alvo das reflexões de Walter Benjamin (1989) a respeito da obra de Charles Baudelaire. Neste sentido, o caminhar pode ser compreendido como meio através do qual seja possível expandir o sentido da noção de espaço, na medida em que constitui uma prática que subverte as normas que disciplinam e regulam a experiência de lugar (Edensor 2010). Aventurar-se pelos itinerários do cotidiano (Certeau 1994), seguindo percursos aleatórios, porém orientados pela intencionalidade do olhar etnográfico, constituem a estratégia metodológica através da qual busco compreender os significados da experiência urbana.

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. (Certeau 1994: 179).

O flâneur diferencia-se de qualquer outro personagem presente no mundo urbano. Seu ofício é a deriva. Lança-se por entre ruas e avenidas aproveitando-se, em certa medida, do “anonimato” que o confunde à multidão. Por entre o povilêu açulado por um tempo vertiginoso, fatigado pelas decorrências da divisão do trabalho e ocupado com formas de entretenimento e consumo, prossegue de passagem o flâneur, movido pela curiosidade e o desejo contínuo de conhecer e experienciar a urbe. Não apenas um observador passivo capaz de registrar na memória imagens e cenas da vida social com precisão, o flâneur se distingue por sua habilidade de apreciação estética através da qual se apropria da cultura urbana (Gluck 2003). Aparentemente apenas mais um cidadão, ele se distingue da turba pela vontade de conhecer cada um daqueles rostos “anônimos”, descobrir o que fazem para garantir seu sustento, quais os seus credos, que lugares frequentam a fim de encontrar momentos de lazer, o que sonham para o futuro e o que temem.

Motivo similar é o que move o etnógrafo urbano em suas pesquisas. O fenômeno das cidades contemporâneas oferece uma gama de relações e significados que podem constituir

interessantes temas de análise antropológica. Investigar junto a qual deus, orixá ou entidade, pessoas de diferentes origens reúnem-se para elevar orações, oferendas, sacrifícios. Compreender os estilos de vestir, o gosto musical, os espaços frequentados por determinado grupo social. Analisar em que tipos de atividades as pessoas ganham o pão de cada dia e qual a dinâmica que engrena tais práticas sociais. Refletir sobre as nuances do tempo e da memória, o que se transforma e o que resiste à mudança, ou a respeito dos ritmos em que a cidade se modifica, retoma, inova ou mantém.

O etnógrafo de rua (Rocha, Eckert 2003), inspirado na figura do flâneur, caminha pela cidade de forma aparentemente ingênua, porém seus passos estabelecem percursos, enunciam espaços. Assim como o flâneur, o antropólogo não apenas observa: ele busca absorver e assimilar o mundo urbano, em seus espaços, sentidos, relações; ele sente a cidade na afluência de pessoas, no clima, em suas imagens, em sua sonoridade, nos espaços praticados por seus sujeitos, na tensão entre as continuidades e discontinuidades, na dinâmica do tempo da cidade. É através desta experiência visceral que o antropólogo busca aventurar-se pela urbe, não apenas interessado em deslocar-se do ponto A em direção ao B, na medida em que o andar passa a constituir a finalidade em si mesmo, o percurso como prioridade, os atravessar lugares e não apenas o chegar a um lugar definido/pré-determinado (Jenks, Neves 2000).

Cumprir problematizar, porém, que o aventurar-se do flâneur diferencia-se do fazer antropológico em um aspecto fundamental: enquanto a atividade do primeiro pode ser caracterizada como um “esporte” ou “arte”, tal como pondera Marcus Veneu no artigo O flâneur e a vertigem (1990), o ofício do etnógrafo constitui sua legitimidade por meio de uma série de pressupostos teórico-metodológicos que possam garantir a objetividade científica da pesquisa, isto é, o compromisso com um campo de produção cultural e sua estrutura de poder.

Se para o flâneur, apreciar a cidade decorre de uma experiência ociosa, através da qual o indivíduo escorre por entre emoções, impressões, percepções e sensações, o antropólogo experimenta o fenômeno urbano por meio da intencionalidade etnográfica. Enquanto que o andarilho das grandes cidades de fins do século XVIII e início do XIX encontra na urbe o deleite e o saborear de uma experiência, o etnógrafo interessado na urbe moderno-contemporânea, por mais que procure se deixar levar pelas fluências do tempo da cidade, ainda assim pauta sua aventura na finalidade de produzir conhecimento científico.

Evidentemente, a “observação” do flâneur nada tem de objetiva, no sentido realista naturalista do termo: na verdade, a realidade é percebida como um conjunto de sensações algo difusas, não como informações precisas; não esqueçamos que o que move o flâneur são “curiosidades malsãs”, um “perpétuo desejo incompreensível” nos nervos. Como num quadro

impressionista, os contornos da realidade são vagos e a luz é essencial para o tipo de percepção significativa que vai ocorrer. (Veneu 1990: 240).

Neste sentido, torna-se imprescindível refletir sobre como a prática de flânar pode constituir uma metodologia de pesquisa válida. Caminhar à deriva, estar de passagem, uma sucessão de entradas e saídas constituem o modo de conduzir do flâneur, postura através da qual ele busca fugir da vertigem da metrópole, ou melhor, não deixar confundir-se por ela, buscando compreender a profundidade e complexidade dos significados da experiência urbana. Porém, ao longo desse vai-e-vem, ao entregar-se às trocas, permutas e intercâmbio de experiências presentes no relacionar-se com o Outro, no socializar-se, no deparar-se com o conflito, o flâneur se expõe a uma hiperestesia de tempos, sentidos, eventos e relações que retomam o risco da vertigem (Veneu 1990).

De forma similar, o antropólogo urbano enfrenta no decorrer do trabalho de campo uma série de transições entre o que é “estranho”, e o que lhe é “familiar”, o que é incompreensivelmente “desconhecido” e o que é aparentemente “tão comum” à apreciação etnográfica e, por conseguinte, um bojo de ricas informações pode escapar ao olhar do pesquisador despercebido, justamente porque sua apreensão da realidade está extasiada pela profusão de “impulsos nervosos e estéticos advindos da vida na metrópole” (Simmel 1979).

No texto *O ofício do Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”*, Roberto Da Matta apresenta pontuações pertinentes com relação ao caminho percorrido pelo antropólogo ao longo de sua experiência etnográfica no sentido de transformar “o exótico em familiar e o familiar em exótico” (Da Matta 1974). Comenta sobre a importância da experiência de “estranhamento”, essencial para a compreensão antropológica, bem como a dinâmica entre o inserir-se no universo cultural do Outro e ser capaz de manter-se distante o suficiente para não perder-se no que pode vir a se tornar supostamente “conhecido”, logo, sendo capaz de revelar novas questões e problematizar o já desvendado, por assim dizer.

Gilberto Velho (1978) dialoga com as reflexões de Da Matta em seu trabalho *Observando o familiar*, com o intuito de melhor compreender as noções de exótico e familiar quando se trata de uma experiência etnográfica desenvolvida em grandes cidades. Em uma situação onde o pesquisador trabalha na cidade onde vive, compartilhando de certo conhecimento comum aos seus interlocutores – como é o caso de meu estudo – mesmo que não exista uma distância física relevante, a heterogeneidade de grupos e indivíduos implica no choque contínuo entre o que é diferente o que acaba por constituir distâncias simbólicas. Em outros termos, mesmo para um antropólogo que tenha vivido sua vida inteira no lugar onde desenvolve sua pesquisa, aquilo que está sempre a vista “pode ser familiar, mas não é

necessariamente conhecido”, bem como aquilo que parece estranho “pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido” (Velho 1978).

Parte de minhas interpretações sobre o mundo urbano belemense são, por certo, oriundas de questionamentos lançados sobre informações que acumulei ao longo de minha vida inteira morando na capital paraense. Contudo, uma parcela pequena, na verdade, se comparada ao conhecimento que pude adquirir ao longo de quase três anos de pesquisa de campo, experiência que caminhou lado a lado com o amadurecimento de meu olhar antropológico e de minha sensibilidade etnográfica. A primeira surpresa ao longo do meu primeiro ano de pesquisa de campo foi à sensação de descobrir uma cidade outra: como pareciam tão diferentes aquelas ruas pelas quais tantas vezes caminhara anteriormente; em Batista Campos, onde moro, bem como pelos bairros vizinhos onde sempre transitara (Campina, Cidade Velha, Comércio) uma Belém não mais tão familiar se apresentava para mim. Somando-se a esta, lembranças de outrora chegavam aos meus ouvidos pelas vozes de mestres barbeiros, sapateiros e antigos moradores da cidade, revelando uma nova aparência ao lugar onde nasci e cresci.

O olhar diferenciado que lanço hoje sobre a capital paraense é, portanto, fruto de minha trajetória na Antropologia. Logo, os pressupostos teórico-metodológicos que orientam minha prática etnográfica amadureceram não apenas minha compreensão acerca dos significados que envolvem o mundo urbano belemense, como também redimensionaram a forma como experiecio cotidianamente minha cidade. Pois entre os sujeitos que fazem parte da urbe, transitando/metamorfoseando-se por “províncias de significado” (Velho 1994), perambulo como um antropólogo em construção, e ao mesmo tempo como um belemense que se depara cotidianamente com um “campo de possibilidades” através do qual traço minha trajetória em meio a várias outras (Velho 1994).

Neste sentido, o estudo aqui proposto parte da perspectiva da “etnografia de rua” (Rocha, Eckert 2003), que pretende a partir do deslocamento pela cidade, descobrir os itinerários da urbe, bem como estabelecer percursos e caminhadas, que registradas com o auxílio de caderno de campo e da câmera fotográfica, permitam narrar as práticas e saberes dos sujeitos e grupos sociais inseridos no mundo urbano contemporâneo. Em outros termos, o recurso escrito e o imagético, utilizados conjuntamente como forma de apreensão da realidade social se apresentam não apenas como ferramentas de observação e descrição, mas como importantes meios de compreensão dos processos culturais, da dinâmica urbana, das sociabilidades vivenciadas na cidade, da forma como os sujeitos se apropriam e reinventam o espaço público, bem como os conflitos engendrados na urbe, que se apresentam como

potência (des)ordenadora, configurando-se como possibilidade de transformação e conformação de novos arranjos nas paisagens urbanas.

É também capital para esta pesquisa a proposta de “etnografia da duração” (Eckert, Rocha 2001; Rocha, Eckert 2011), compreendendo a cidade como “objeto temporal” possível de ser estudado por meio da perspectiva da memória. As narrativas de mestres e aprendizes do ofício de sapateiro, ao contar sobre suas trajetórias profissionais e suas lembranças a respeito das modificações pelas quais a cidade passou ao longo dos anos, revelam não apenas as transformações na divisão do trabalho e na lógica monetária resultantes da dinâmica econômica da urbe, como também podem desvelar as camadas temporais que cobrem os bairros de Batista Campos e Campina, evocando paisagens de outrora que acabam por atualizar a experiência presente por meio da memória.

Com efeito, o estudo sobre o ofício de sapateiro revela-se uma fonte privilegiada para os objetivos que proponho em minha pesquisa, na medida em que está diretamente relacionado com o ato de caminhar/passear pela urbe, isto é a possibilidade de enunciar a cidade como lugar praticado, bem como perambular por entre os sentidos da experiência urbana; ao mesmo tempo, pelo fato de que o ofício de sapateiro constitui-se em um conjunto de saberes e fazeres que são transmitidos por meio da oralidade e que por esta via persiste entre as práticas sociais engendradas no mundo urbano belemense, as narrativas destes sujeitos podem revelar as pegadas dos (des)caminhos da memória da cidade das mangueiras.

Retomando as reflexões de Vagner da Silva (2006) presentes em *O Antropólogo e Sua Magia*, o autor coloca em cheque os meandros da relação entre pesquisador e pesquisado e de como este elemento deve ser problematizado e apresentado no texto etnográfico, pois segundo o autor, a etnografia já não deve mais ser pensada apenas como o registro científico, e sim considerada como um complexo de relações intersubjetivas e situações interativas: a prática etnográfica precisa ser pensada não apenas em termos de métodos e técnicas de pesquisa, mas como a busca pela alteridade, através da qual o antropólogo e seus interlocutores podem aprofundar os horizontes por meio dos quais produzem e transmitem conhecimentos e saberes acerca da experiência humana no mundo (Da Silva 2006). Aliar as propostas da etnografia de duração e a etnografia de rua, portanto, revela-se alternativa viável para o desenvolvimento de uma pesquisa em antropologia urbana que considere o método etnográfico não apenas como ferramenta de pesquisa a serviço da ciência, pelo contrário, que acima de tudo o veja como uma prática através da qual o antropólogo participa e intervém no mundo urbano.

CAPÍTULO II

MEMÓRIA E OFÍCIO – PARTE 1

A geração de Sidnei

2.1. Descobrindo a Zeno Calçados

Saí de casa carregando uma sacola com o par de tênis antigo que há tempos havia esquecido sob a poeira debaixo do armário. Decidi levá-lo a uma oficina de sapateiro para reparar certas avarias, que apesar de pequenas, presenteavam-me os pés com calos aborrecedores todas as vezes que insistia em usar novamente o calçado. A ideia era ir ao lugar que uma grande amiga havia indicado, um ateliê localizado na Avenida Gama Abreu, no bairro da Campina, próximo à Paróquia da Santíssima Trindade. Já havia passado uma ou duas vezes em frente ao espaço em outras ocasiões e percebera que poderia encontrar ali o que procurava em minha pesquisa.

A placa à frente da oficina sinalizava o nome Zeno Calçados e junto ao nome estava a imagem de um sapateiro trabalhando e exibindo um sorriso farto. Vários sapatos masculinos e femininos à mostra decoravam a entrada do lugar. Empilhados em uma armação de ferro que servia como mostruário, estes se apresentavam como a linha de calçados fabricados ali na oficina.

O senhor que me atendera era o mesmo da placa, Seu Zeno. Bastante atento e compreensivo ao meu pedido, anotou em um recibo o preço do serviço e me indicou que retornasse na quarta-feira para buscar o calçado (estávamos na segunda). Durante a conversa sobre o reparo, o preço e o prazo, procurei observar brevemente o lugar, os funcionários, os vários calçados espalhados por estantes e balcões, os calendários e cartazes pregados à parede – um ou dois de conteúdo religioso, elemento que já havia notado estar presente em algumas outras oficinas também. Além



de Seu Zeno, estavam trabalhando ali mais dois¹¹ senhores de idade considerável (algo entre os 50 e 60 anos, provavelmente) e um rapaz mais novo (que aparentava estar na casa dos vinte e poucos anos) em uma pequena sala ao fundo.

Por conta daqueles acontecimentos inesperados que confluem na rítmica diária da urbe, regando com o imprevisível os hábitos cotidianos dos cidadãos, só pude retornar à oficina para buscar o par de tênis na quinta-feira, um dia após o prazo acertado para a entrega. Ao chegar ao lugar, os senhores estavam todos trabalhando e Seu Zeno distribuía a cola de um recipiente maior entre algumas latas menores postas sobre uma grande mesa ao centro. Ele ao me reconhecer, perguntou surpreso o serviço que eu havia solicitado, já prevendo que havia algo errado. Após tê-lo lembrado meu nome e lhe ajudado a recordar meu pedido, ele procurou o calçado e logo notou o equívoco. O serviço, na verdade, só estaria pronto na quarta-feira da semana seguinte.

Seu Zeno e eu pedimos desculpas um ao outro, o senhor assumindo que não havia calculado atentamente as datas e me informado corretamente e eu perguntando-me se havia compreendido errado o que aquele senhor havia me dito poucos dias antes. Para não haver desentendimento ele me prometeu que no dia seguinte, sexta-feira, o tênis estaria pronto. Eu lhe respondi que não precisava apressar o trabalho, por não haver necessidade ou urgência para tanto e, além disso, sabia que eu também tinha minha parcela de culpa no desencontro (ou provavelmente, eu fosse o único culpado no fim de tudo). Contudo, ele insistiu generosamente que eu retornasse no dia seguinte para receber o calçado novinho em folha.

No dia seguinte dirigi-me à oficina de Seu Zeno para buscar o calçado. Já estava pronto, um trabalho muito bem feito por sinal. Saiu melhor que a encomenda. No meio da conversa, aproveitei a oportunidade para falar sobre minha pesquisa. Falei de forma breve sobre os mestres de ofício que conhecera desde 2010 e de como achava importante o trabalho destas pessoas para a história da cidade e como a memória dos mais antigos, dentre os quais figuram senhores como ele, são significativas para compreender como a capital paraense se modificara ao longo dos anos. Comentei a importância de um espaço como a oficina e lhe sugeri que participasse de meu estudo, é claro, se ele estivesse disposto a contribuir e se possuísse certo tempo livre.

O sapateiro logo demonstrou apreço pela ideia, inclusive comentou que em mais de 20 anos de trabalho já havia dado várias entrevistas a respeito do ofício de sapateiro. Recordou de uma delas, na qual falou para A Província do Pará, antigo jornal popular de Belém que,

¹¹ Descobri mais tarde que um destes senhores era funcionário temporário, estaria apenas auxiliando no atendimento da extensa demanda daquele mês.

hoje em dia não circula mais. Lembrou que além dele, mais outros dois senhores que trabalhavam com outros ofícios tradicionais também foram entrevistados. A reportagem iria tratar de “Profissões em extinção”. Seu Zeno guarda até hoje o recorte de jornal com tal matéria.

Logo expliquei ao senhor que minha pesquisa tinha como proposta refletir sobre a questão a partir de uma perspectiva mais abrangente: não obstante o pensamento corrente de que tais profissões desapareceram ou estão em vias de extinguir-se pelo fato de não garantirem o mesmo espaço na economia de mercado atual que outrora mantiveram, é possível encontrar um número significativo de pessoas exercendo tais atividades em diversos bairros do mundo urbano belemense¹². Logo, procuro entender o porquê da presença/permanência de ofícios de caráter manual/tradicional em meio a um tempo racionalizado, resistindo à lógica de mercado que insiste em marginalizar tudo aquilo que não se adequa ou a acompanha.

Seu Zeno demonstrou pronto interesse em contribuir com o estudo, ajudando com tudo aquilo que estivesse ao seu alcance. Foi neste momento que cheguei a uma das ocasiões de fundamental importância em qualquer pesquisa etnográfica: o antropólogo deve sempre estar atento com a maneira através da qual estabelece, ou melhor, “negocia” o diálogo com o interlocutor. Minha preocupação era aprofundar o quanto pudesse o contato com os sapateiros daquela oficina e passar ali o maior tempo que conseguisse, porém, tentando interferir o mínimo possível na dinâmica cotidiana do lugar.

Sendo assim, procurei negociar com Seu Zeno os melhores horários para visitar a oficina, aqueles em que o fluxo de clientes e de serviço fosse menor, a fim de utilizar os horários em que o sapateiro pudesse me oferecer maior atenção sem atrapalhar seus afazeres. Após a conversa, combinamos então que eu retornaria na semana seguinte, segunda-feira a partir das dezesseis horas.

2.2. De geração em geração: as narrativas do filho de um sapateiro

O final de semana passou rápido, e com a segunda-feira veio a ansiedade de retornar a campo. Por volta das 17 horas já havia terminado de organizar o material para ir a oficina e já me dirigia para lá. Caminhando sem muita pressa, apreciava as ruas de Batista Campos e logo mais o bairro da Campina. Depois de uns 15 minutos andando à passadas vagarosas, cheguei

¹² Tal como apontam os estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa *Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém – Pará*, coordenado pelo Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira.

à Zeno calçados. Logo na entrada Seu Zeno varria o passeio e conversava com uma cliente. Ao me ver, como sempre bastante atencioso, logo me cumprimentou.

Ele imaginara que seu filho, Sidnei, viesse ajudá-lo naquele dia. O rapaz trabalha na oficina atendendo os clientes no balcão e realizando alguns serviços específicos. Nas ocasiões em que o rapaz está presente, Seu Zeno pode concentrar-se melhor no serviço com os calçados. Porém, na sua ausência, o sapateiro divide o tempo entre esta atividade e o atendimento dos clientes no balcão. Pediu-me desculpas pois não poderia me reservar muita atenção naquele momento. Inclusive, ele tentara me telefonar para combinarmos outra data, mas não havia encontrado o cartão com meu telefone. Logo lhe respondi que não se preocupasse, pois o ocorrido era bastante compreensível. Deixamos combinado para dois dias depois, na quarta-feira.

Após uma tarde atribulada, “corri” apressado para a oficina. Atrasei-me com meus afazeres e quando notei já passavam das 18 horas. Caminhava em marcha acelerada, angustiado pelo receio de estar perdendo a oportunidade de conversar com Zeno e pelo medo de ser pego no caminho pela chuva que se anunciava sutilmente em um fino chuvisco. Ainda não sabia até que horas a oficina ficava aberta, então poderia encontrá-la de portas fechadas, ou então já fechando. Mas quando cheguei, os sapateiros ainda estavam trabalhando normalmente. O espaço abre por volta das oito e meia da manhã e fecha após as dezenove horas.

Como havia combinado anteriormente com o sapateiro, o melhor horário para conversar seria após as 16 horas, mas o atraso inesperado acabou revelando a melhor ocasião. A partir das 18 horas o movimento de clientes se acalma e os sapateiros continuam ali apenas terminando os serviços restantes ou adiantando algo para o dia seguinte. Seu Zeno estava trabalhando em uma bolsa. Ao me ver, sorriu como sempre de forma simpática e me indicou que falasse com seu filho, o rapaz que estava no balcão atendendo os clientes, enquanto ele terminava seu serviço.

Me apresentei ao rapaz e falei sobre o motivo da minha visita. Comentei que já havia conversado antes com Seu Zeno sobre minha pesquisa e que ele já tinha se colocado à disposição para contribuir para o trabalho. O rapaz, de nome Sidnei, foi bem atencioso e prontamente me perguntou “Ah, pode perguntar o que quiser. O quê que o senhor quer saber?”. Ele comentou que não sabia tudo sobre o trabalho de sapateiro, mas sabia bastante.

Comentou que sabia a “teoria”, o “conceito”, porém não dominava a “prática” tal como os senhores mais velhos que trabalham ali.

Ele possui o conhecimento necessário para atender os clientes: avalia o estado do calçado, define o reparo que deve ser feito e combina o custo. Apenas em casos extremos quando ele não consegue realizar um exame mais preciso, pede o auxílio do pai ou dos outros sapateiros. Ele explica que aprender a ser sapateiro, de fato, ele não aprendeu, porém ele acumula conhecimento significativo a respeito da “teoria”, acerca do processo de produção, do trabalho de forma geral. Em outra ocasião pude observá-lo realizando alguns reparos em uma mala.



Ao longo da conversa, Sidnei me revelou que há vinte e cinco anos trabalham naquele perímetro, ali na Gama Abreu. Antes trabalhavam em um espaço ao lado da Paróquia da Santíssima Trindade. Há dois anos mudaram-se para o lugar atual por conta de um aumento no preço do aluguel. Ele me informou que já chegaram a trabalhar com oito, dez funcionários, como também já trabalharam com apenas dois. Durante o período que frequentei a oficina, o número de sapateiros girava em torno de cinco funcionários.

Ao perguntá-lo sobre quem teria sido o mestre que ensinou o ofício a Seu Zeno, Sidnei parou um pouco para pensar, e apontou para um dos sapateiros que ali trabalha, um senhor de cabelos bem brancos, de nome Nazareno de Jesus, explicando que ele já havia ensinado ao seu pai. Mas além dele, Seu Zeno já tivera vários outros professores. E ao longo dos anos, alguns destes senhores que antes teriam sido professores, chegaram a trabalhar para Seu Zeno.

Duas importantes questões aparecem aqui. Primeiramente, quanto à transmissão transgeracional do saber-fazer do sapateiro: um sapateiro mais velho tende a assumir a imagem do professor, na medida em que já percorreu uma trajetória mais longa e de maior tempo, e que o possibilita acumular uma variedade maior de conhecimentos. Como comentou Sidnei, o sapateiro mais antigo revela “sempre uma técnica nova, algo novo para ensinar”.

O segundo elemento que requer maior atenção na análise é a existência de uma rede de relações entre os sapateiros que reflete o fluxo transgeracional de conhecimento: aquele que um dia fora empregado, amanhã poderá ser o empregador daquele que lhe ensinou, lhe acolheu. Segundo Sidnei, quando um sapateiro está sem seu próprio espaço para trabalhar, ele procura a oficina do amigo, seja o antigo mestre ou mesmo aquele que fora seu aprendiz. Ou então, quando passa por um momento de dificuldade que o leva a fechar seu estabelecimento, o sapateiro procura trabalho na oficina do colega até que possa se estabilizar novamente e retomar o próprio negócio.

Logo, ele estará sempre de portas abertas para o amigo que o acolheu no momento de dificuldade ou para o sapateiro mais antigo que um dia fora seu mentor, como forma de gratidão e retribuição pelos ensinamentos e todo auxílio que lhe prestaram. Esta mobilidade aciona em uma via estas complexas relações de reciprocidade e, por outro lado, faz vibrar certas tensões no seio da hierarquia entre as gerações de sapateiros. Neste sentido, compreende-se que as trajetórias de diferentes sapateiros se entrecruzam e se entropõem mediante o campo de possibilidades da vida na urbe moderno-contemporânea. O sapateiro não enfrenta solitário as mudanças e vicissitudes do cotidiano, na medida em que encontra apoio no elos construídos com o grupo: a própria ideia de um projeto de vida acaba por se constituir como fruto de uma experiência socialmente compartilhada.

A imagem e respeito de um sapateiro junto ao grupo desenvolvem-se com o passar dos anos, na medida em que aumentam seus conhecimentos e experiência no ofício. Obter sucesso com o próprio negócio garante esta reputação e quando este passa a empregar um sapateiro mais antigo e respeitado, cresce também sua posição dentro da hierarquia transgeracional. Seu Zeno, por exemplo, é um sapateiro relativamente “novo”, porém é proprietário de uma oficina respeitada onde trabalham sapateiros de grande experiência e que atende a uma demanda significativa de clientes.

Importa compreender que por meio do ofício, os interlocutores da pesquisa elaboram cotidianamente diferentes maneiras de jogar o social (Simmel 1983) e experienciar a dinâmica da vida na urbe belemense, desenhando novos quadros organizadores das interações entre os indivíduos que fazem parte de um conglomerado específico de sapateiros, assim como do

próprio espaço urbano que é palco para estas relações. A rede de afinidades tecida ao longo dos anos por meio destes deslocamentos e dos sentimentos de reciprocidade e comprometimento com o próprio grupo, revelam formas de sociação (Simmel 1983) através das quais é projetada a matéria dos conteúdos que reconfiguram o meio praticado. Ao “jogar o social”, os sapateiros acabam por desvelar arranjos sociais conformadores de transformações nas paisagens urbanas.

Perguntei a Sidnei se Seu Zeno já havia ensinado o ofício a alguém. Ele afirmou que o pai havia ensinado durante algum tempo para dois sobrinhos, mas estes aprenderam apenas o "básico" do conserto: cortar, colar e costurar sapatos. Além destes, há algum tempo um rapaz apareceu certo dia explicando que estava desempregado e que estaria disposto a aprender o ofício e caso desse certo trabalhar na oficina. Durante um tempo, ele frequentou o espaço, observando o trabalho dos senhores, mas logo desistira e não mais apareceu. Questionei-lhe se faltava aos três algum tipo de aptidão ou “talento” específico para aquele trabalho? Ele me disse que para ser sapateiro “tem que gostar”, pois o mais importante é a paciência.

As palavras de Sidnei enunciam um elemento de fundamental importância para a compreensão do ofício de sapateiro. Mesmo que presenteado com qualquer forma de dom especial para os calçados, o bom sapateiro precisa antes de tudo ser persistente e dedicado, pois a trajetória do ofício é um longo caminho a ser percorrido. Apreciar a aspereza do percurso de aprendizado ouvindo atentamente os ensinamentos do mestre. Aceitar a importância de cada pequeno erro, tendo em mente que os tropeços são nada mais nada menos que os degraus que conduzem ao acerto. Mais do que isso, é o erro que motiva o diálogo entre a mão e a mente, e que possibilita, portanto, a busca paciente pelo aprimoramento de um saber-fazer¹³.

Ao longo da conversa Sidnei me explicou sobre as relações entre a geração de sapateiros de Seu Zeno e a daqueles senhores mais antigos no ofício. Na perspectiva do filho de Zeno, o motivo principal que leva um mestre a ir trabalhar na oficina daquele que um dia foi seu aprendiz é o fato destes primeiros estarem falindo. Segundo ele, a grande maioria desta geração de sapateiros mais antigos trabalha apenas com a fabricação de sapatos: para estes, o trabalho de conserto é uma atividade desonrosa e que fere o orgulho do verdadeiro sapateiro.

¹³ Para Richard Sennet (2009), a virtude mais importante para o artífice não é o talento, e sim a motivação: é a vontade de fazer um trabalho bem feito em si mesmo; o empenho em aperfeiçoar-se constantemente, contudo sabendo considerar a demora para o desenvolvimento; é saber tirar frutos de cada erro, examinando atenta e pacientemente cada desvio, refazendo os passos inúmeras vezes ou quantas forem necessário para se encontrar o caminho certo.

Este é um dos fatores que leva os sapateiros mais velhos a fecharem as portas enquanto que o negócio de outros, como a oficina de Seu Zeno mantém-se com notável sucesso.

Sidnei acredita que o sapateiro de hoje precisa trabalhar com o conserto, pois é este serviço que atualmente garante a maior parte da renda de uma oficina. Na Zeno calçados, os sapateiros trabalham com a fabricação de linhas de calçado, além de atender a um público que procura o calçado personalizado. A saída, contudo, é bem menor do que já fora em outras épocas. Segundo Sidnei, “há um bom tempo atrás”, sapatarias como a “Carrapatoso” e o “Magazine Nossa Sra. de Nazaré” compravam pares de calçados diretamente com esses sapateiros, porém acerca de dez anos estas sapatarias aderiram exclusivamente à produção industrial. Ele concluiu dizendo que é a demanda pelos serviços de conserto que garante ao sapateiro o sucesso de seu negócio.

Ele comentou que, na verdade, ainda existe um público significativo que procura os calçados fabricados artesanalmente. Há aqueles senhores mais velhos, que preferem um calçado "tradicional". Nestes casos, segundo Sidnei, os motivos são de um lado, a preferência estética pelo estilo do modelo produzido pelo sapateiro – na oficina, o cliente tem a possibilidade de sugerir mudanças no desenho do calçado, ou mesmo apresentar ao sapateiro o modelo que deseja – e de outro, pela qualidade e durabilidade que o calçado tem se comparado aos calçados da produção industrial – na oficina os sapateiros usam couro legítimo, enquanto que os industriais são fabricados com material sintético. Além destes, Sidnei mencionou que pessoas que praticam dança de salão e atividades do gênero também procuram a oficina pedindo a produção de sapatos personalizados, também pelo fator estético, na medida em que o calçado completa o figurino do dançarino, e pelo fato de que este tipo de calçado é melhor para dançar – isso porque no momento da encomenda, o sapateiro tira todas as medidas do pé do cliente e escolhe a fôrma que lhe cabe melhor.

Quanto ao serviço de conserto, Sidnei comentou que a maioria dos clientes são mulheres. De moças jovens à senhoras de idade, são elas que encomendam a maioria dos serviços de conserto na Zeno Calçados. Sidnei completou dizendo: “mulher é obcecada por sapato”.

Enquanto conversávamos, Seu Zeno terminava o último trabalho do dia. Após um longo e estimulante diálogo com Sidnei, um bate-papo agradável que se estendera por quase duas horas, dirigi-me ao pai do rapaz para combinarmos outro dia para conversarmos. Zeno respondeu prontamente que eu poderia retornar o dia que achasse melhor e que o horário depois das 18h era realmente o mais confortável para ele.

2.3. Conhecendo a oficina

Um dia bastante ensolarado coberto por nuvens densas anunciava a habitual chuva da tarde do clima belemense. Realizei alguns pagamentos em uma lotérica perto de casa e de lá caminhei em direção à oficina de Seu Zeno. Já fazia algum tempo que não retornava com o sapateiro, por conta de viagens para congressos e dos compromissos das últimas semanas com a universidade. Subindo a Gama Abreu, me deparei com um engarrafamento que hora ou outra se inicia ali naquele perímetro. A Avenida Almirante Tamandaré e a Travessa Padre Eutíquio são vias por onde passam várias linhas de ônibus. Os itinerários destas linhas acabam confluindo para a Rua Gama Abreu. Nos horários de pico, e porventura em horas esporádicas do dia, os pontos de ônibus ficam abarrotados com os veículos, que acabam por afogar o tráfego de carros naquele pedaço.

Seu Zeno varria bem ligeiro a calçada da oficina, apressado pelos afazeres do dia. Cumprimentei o senhor e perguntei se ele lembrava de mim, ao que ele logo respondeu com um sorriso: “Lembro sim!”. Então recordei-o sobre a pesquisa e perguntei quando poderia retornar ali para conversar com ele, e além disso, tirar algumas fotografias (um pedido que já havia feito na última ida à oficina). Ele de prontidão me falou para voltar na segunda-feira, no mesmo horário de sempre, por volta das 18 horas, que é o horário em que ele já está em fim de expediente e o fluxo de clientes diminui.

É importante frisar que mantive o hábito de ir à oficina sempre um dia antes para combinar uma data com Seu Zeno, para posteriormente ir com a intenção de entrevistá-lo. Preocupe-me em interferir o mínimo possível na rotina de trabalho de Seu Zeno, evitando atrapalhá-lo nos horários em que estivesse ocupado. Essas ocasiões, apesar de somarem poucos minutos na companhia do sapateiro, afirmo novamente, são de importância fundamental por constituírem um momento específico do etnografar, o momento do "negociar" entre antropólogo e interlocutor. Além disso, o cuidado em sempre manter o contato próximo, mesmo que seja apenas para dar um “oi”, um “boa tarde” ou combinar um dia para “jogar conversa fora” quebram o claustro da formalidade entre os sapateiros e o pesquisador, tornando o diálogo mais tangível e proveitoso.

Passavam alguns minutos das 18 horas quando cheguei à Zeno Calçados. Ele estava sozinho falando no celular. Logo que me viu, lançou-me o sorriso simpático de sempre e me

cumprimentou. Sentei ao lado do balcão aguardando o término da ligação. No mesmo momento, chegara um senhor que sentou ao meu lado e também aguardava Seu Zeno. Ao terminar a ligação, o sapateiro dirigiu-se ao senhor ao meu lado e disse: “Toma logo ai Chiquito¹⁴...”. Ele tirou uma nota de cinquenta reais da gaveta e entregou ao velho homem, que em seguida se retirou.

Perguntei quem era, se era um empregado. Ele me respondeu que sim, na verdade, não era mais, pois ele estava dispensando o velho homem do serviço. Me explicou que aquele senhor era muito indisciplinado e havia entrado em conflito com ele e com seu filho, não obedecia as regras da oficina, além de outros desentendimentos. Por conta de uma série de desacordos, Seu Zeno teve que dispensá-lo (inclusive me confessou que era a primeira vez que fazia isso com um empregado), mas mesmo assim estava se esforçando para dar uma pequena indenização ao homem, para que este pudesse se manter enquanto procurava outro emprego.

Assim que se dirigiu a mim, ele mencionou que nos últimos dias a demanda por sapatos havia aumentado. Ele vem fabricando alguns pares de calçados para jovens membros de bandas escolares que irão desfilar no Dia da Raça. Ele os posicionou sobre o balcão e me convidou para entrar e fotografar. Apontou-me às máquinas nas quais trabalha: a Máquina Esquerda Industrial e a Máquina Esquerda Manual. Sidnei havia dito anteriormente que estas se chamam máquinas *Typical Esquerda*.

Enquanto fotografava perguntei em qual ele preferia trabalhar: ele respondeu que prefere a manual, explicando que ela é mais eficiente. Além disso, a industrial depende de energia elétrica, se faltar luz não dá pra usar – o que ocorre com frequência no lugar. Segundo Seu Zeno, quase todos os dias ocorre ao menos uma queda de energia, que dura entre quinze e vinte minutos, mais um motivo para a preferência em usar a manual.



¹⁴ Certo tempo depois, reencontrei este senhor trabalhando na oficina de Zé Luís.

Em seguida, ele me mostrou as fôrmas que usa para fabricar calçados masculinos e femininos. Estas ferramentas são fundamentais, é a partir destas que se inicia o processo de fabricação dos calçados. Ele me mostrou primeiramente as feitas de madeiras, que usara desde o início de sua carreira. Depois, trouxe as “modernas”, feitas de material plástico, dizendo: “Hoje a gente têm que acompanhar a modernidade, né? Se não fica pra trás”.



Aproveitei o momento e retomei algo que Sidnei havia me dito a respeito das transformações que o ofício sapateiro está sujeito ao longo dos anos. O filho de Seu Zeno me explicara que os sapateiros “mais veteranos” chegavam a falir pelo fato de serem “orgulhosos demais para trabalhar com o conserto”, preferindo trabalhar apenas com a fabricação, que seria uma atividade mais honrosa. Para Seu Zeno, o sapateiro deve acompanhar a modernidade, isto é, se adaptar às mudanças constantemente.

Ele acrescentou que o problema maior talvez seja a dificuldade de renovar o ofício com uma nova geração. Segundo ele, os funcionários mais jovens não apresentam o mesmo empenho e engajamento para seguir o ofício como fora décadas atrás. Comentou sobre o seu

funcionário mais novo – e que por coincidência havia faltado o trabalho naquele dia – apresenta algumas vezes um comportamento descompromissado.

Seu Zeno disse que em alguns dias o jovem rapaz está ali trabalhando pensando apenas no dinheiro que irá receber, aparenta não se interessar em progredir no ofício, um ofício através do qual, na opinião de Zeno, ele poderia ganhar um bom dinheiro. Ele falou sobre sua própria trajetória: a primeira vez que trabalhou numa oficina de sapateiro foi aos dez anos de idade, e até hoje é a atividade que tem prazer em exercer. Para Zeno, os jovens de hoje se preocupam menos com a profissão e mais com o dinheiro. Esta falta de compromisso das gerações mais novas é por certo, o fator que torna incerto o futuro do ofício de sapateiro.

Ao comparar a disciplina no trabalho hoje em relação a algumas décadas atrás, Seu Zeno enfatizou a carência de engajamento dos jovens de hoje. Segundo o senhor, é possível encontrar alguns sapateiros mais jovens que aprendem o ofício com os mais velhos e quando não se acostumam com as regras da oficina, decidem começar o próprio negócio. Porém, estes geralmente são descuidados com o próprio estabelecimento: não abrem todos os dias, somente quando bem entendem, não tem horário fixo, etc.

Seu Zeno recordou como eram as coisas na década de 1970 e 1980. As oficinas de sapateiro funcionavam de terça à sexta, pois segunda-feira era o dia em que o sapateiro reservava para ir ao comércio comprar o material para trabalhar durante a semana. Para dar conta do serviço, os sapateiros habitualmente faziam “serão”: trabalhavam até meia noite, ou chegavam a amanhecer na oficina. Hoje em dia, com o número de funcionários e estrutura suficiente na oficina, nas vezes em que aparece mais trabalho, eles estendem o expediente no máximo até as dez horas da noite.

Apesar das dificuldades, Seu Zeno acredita que o ofício ainda irá render um bom dinheiro por mais uns vinte ou trinta anos. Segundo ele, a demanda pelos serviços do sapateiro ainda é grande. Em seguida, refletiu sobre a influência da economia nacional e o mercado internacional: durante o governo do presidente Lula o negócio de sapateiros estava em alta, mas desde que a presidente Dilma assumiu, o negócio ficou “um pouquinho mais difícil”. Comentou que apesar de uma pequena redução nos rendimentos do negócio, não resultou em algo tão significativo a ponto de causar preocupação, acrescentando que mesmo neste cenário de crise econômica as coisas não tinham mudado tanto no mercado de calçados.

Intrigado, perguntei se realmente não havia mudado nada, talvez o preço do couro ou outra matéria-prima. Ele respondeu: “Que nada rapaz, tá sempre a mesma coisa...”. O que percebo na verdade é que Seu Zeno encara as dificuldades e os obstáculos que se apresentam ao longo dos anos a partir de uma perspectiva bastante positiva. Pois como o próprio sapateiro

me contou, a sua oficina mudou de lugar vez ou outra nos últimos tempos por conta dos aumentos no preço de aluguel¹⁵. Em outros termos, os efeitos de uma crise na economia mundial (no caso em particular, a crise do setor imobiliário e o crescimento substancial dos valores de imóveis) se fazem presentes mesmo que o sapateiro não perceba seus sinais.

Pedi a Seu Zeno que me mostrasse ferramentas utilizadas pelos sapateiros para então fotografá-las. Ele colocou algumas sobre a mesa e então se levantou, lembrando de algo que seria interessante para o meu estudo. Procurando entre as sacolas com os pedidos, tirou dois pares de calçados femininos: um deles foi levado à oficina para que se alargassem as laterais, o outro para que se aumentasse o comprimento. Então me explicou os dois procedimentos, as ferramentas utilizadas e completou: “Como diz o velho ditado: O sapateiro sabe onde o sapato aperta”.



Chegamos então a conclusão de que seria mais interessante para o trabalho fotografar os momentos em que o sapateiro estivesse fazendo uso das ferramentas. Seu Zeno então sugeriu que eu voltasse no dia seguinte, durante a tarde, pois ele estariam montando alguns pares de sapato. Eu poderia fotografar então o processo todo. Deste modo, ficamos acertados de que eu voltaria no outro dia.

¹⁵ Importante ressaltar os resultados apontados ao longo das etnografias realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa *Paisagens culturais, memória coletiva e trajetórias sociais. Estudo antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém – Pará*. Estudos realizados junto a barbeiros, costureiras, e sapateiros indicam um fato recorrente: é comum às atividades de caráter de ofício os constantes deslocamentos provenientes da procura por espaços com aluguel mais barato. Estes trabalhos revelam também como é habitual a presença destas ocupações em prédios e casarões antigos do centro histórico de Belém, construções que em grande parte passam por um processo de arruinamento/abandono, fator que propicia valores mais acessíveis para locação.

CAPÍTULO III

MEMÓRIA E OFÍCIO – PARTE 2

Diálogos com Seu Zeno

3.1. Os sapateiros da Zeno Calçados

Passei cerca de três semanas combinando com Seu Zeno o dia em que iria à oficina para fotografar os sapateiros “botando a mão na massa”. Ele me sugeriu fotografar um de seus funcionários fabricando alguns pares de calçados que haviam sido encomendados recentemente. Sempre que chegava ali, Seu Zeno me recebia gentilmente, no entanto, me pedia para retornar dois, três dias depois pois o empregado responsável pelo trabalho havia faltado ou então estava ocupado em outras tarefas mais urgentes, pedidos que já estavam para esgotar o prazo de entrega.

Numa tarde de quarta-feira as circunstâncias na oficina estavam, enfim, favoráveis para que eu pudesse etnografar, visualmente, inclusive. Seu Zeno estava bastante ocupado, se revezava entre atender os clientes no balcão e consertar alguns pares de sapato, mas me deixou à vontade para fotografar o que quisesse. Indicou-me dois senhores que estavam fabricando dois pares de calçados. Francisco, 43 anos, sapateiro desde os 14, estava terminando o conserto de um sapato feminino, e logo em seguida iria partir para a fabricação de um calçado masculino. Enquanto observava e fotografava Francisco trabalhando em uma peça, ele se virou para mim e disse: “O trabalho aqui é ‘quase’ cem por cento artesanal, só falta matar o boi mesmo pra tirar o couro”.



Enquanto isso, Seu Nazareno estava na etapa de solar o calçado, uma peça que fora trabalhada primeiramente por Francisco em uma etapa anterior. Este senhor é o mais velho trabalhador do local, e por certo, o mais brincalhão. Um senhor de 63 anos que iniciou no ofício aos nove, logo se dirigiu a mim dizendo que se chamava “O bonito”.



Numa pequena sala ao fundo da oficina estavam Diego e “Zezão”. O primeiro é o sapateiro mais novo da oficina, um rapaz de 25 anos que trabalha desde os 12 como sapateiro e espera abrir sua própria oficina futuramente. O outro aparenta estar na faixa dos 40 anos, começou aos 15 no ofício, e hoje em dia trabalha como segurança noturno e há dois meses ganha um dinheiro extra como sapateiro.



Enquanto Francisco e Nazareno trabalham na frente da oficina e em serviços com calçados, Diego e Zezão trabalham numa salinha ao fundo, pouco iluminada, menos arejada,

as paredes com pintura desgastada, o chão poeirento. Em geral, trabalham ali com serviços relacionados à bolsas e malas. Aqui se percebe os meandros de uma hierarquia que tem por base os conhecimentos que cada sapateiro acumulou ao longo dos anos. Os dois mais experientes são responsáveis pelos serviços de fabricação e os consertos de maior complexidade e dificuldade, logo trabalham em um espaço mais arejado e com as mesas mais adequadas ao serviço. No espaço mais ao fundo da oficina, os serviços relativamente mais simples são realizados pela outra dupla.



Do alto de seus 63 anos, Nazareno afirma que não gosta de ficar em casa sem fazer nada. Prefere ir todos os dias trabalhar, pois caso contrário, tem que aturar as preocupações da esposa em casa, que o “atormenta” com uma constante vigília: “ah, se eu ficar em casa a mulher fica perturbando, perguntando pra onde eu vou, o que eu vou fazer... ai é melhor vir pra cá trabalhar, porque o cara que não trabalha fica velho rápido”. Isso demonstra também a relação de satisfação pessoal que Nazareno tem com o ofício de sapateiro: trabalhar com calçados é o que faz do senhor sentir-se jovem, “vivo”, ao invés de ter de se conformar com a idade e a velhice.

Nazareno e Zeno são amigos de longa data, trabalharam juntos no passado para o pai de “Zeca” (sapateiro que já conhecia há alguns anos, por outro apelido, Zé Luís). A rotina na oficina para estes dois senhores não é apenas de trabalho: a todo momento eles fazem piadas ou chacotas, xingam-se e brincam um com o outro, mantendo um clima bem alegre e

descontraído no lugar. Seu Zeno insiste em chamar Nazareno de “Velhinho”, que responde “Velho é tu! Só porque eu tenho cabelo branco eu sou velho?”.

Um senhor que trabalha em um banco próximo à oficina chegou e perguntou o preço de alguns calçados. Aparentemente ele já era conhecido de Seu Zeno, pois estes conversaram durante alguns minutos sobre coisas triviais, momento no qual o bancário falou ao sapateiro que sua categoria estaria entrando em greve nos próximos dias. Seu Zeno brincou: “Ah, nós vamos aderir também! Vamos grevar também!”. Pouco depois do bancário se retirar, Zeno e Nazareno trocaram opiniões a respeito, comentando com certo tom de desaprovação como estava se tornando um hábito esta greve nos bancos, que todos os anos ocorria coincidentemente no período que antecede o feriado do Círio. Um ato que por mais importante que fosse enquanto luta social, parecia aos dois senhores, uma desculpa para não trabalhar. Para estes senhores, o sapateiro deve ser trabalhador dedicado e empenhado se quiser ganhar a vida, não pode se dar ao luxo de ficar sem trabalhar (fazer greve, no caso).

Perguntei aos dois, Zeno e Nazareno, se já haviam conhecido alguma mulher que trabalhasse como sapateira. “Já sim!” me responderam os dois. Inclusive, a ex-esposa de Nazareno fora sapateira e trabalhava costurando as peças de sapato: “trabalhava bem ela, podia se dizer sapateira” – comentaram os senhores. Seu Zeno revelou que conhecera ao longo dos anos quatro mulheres que exerciam o ofício, entre elas, a que mais se destacava pelo talento era chamada “Cotinha”: “Ela cortava, costurava e solava! (...) Ela tinha categoria, fazia umas peça fina!”. A sapateira trabalhara inclusive na “Oficina do Beça”, no bairro de Nazaré, segundo Zeno, uma das oficinas mais importantes e tradicionais de Belém.

Acompanhei o movimento na oficina durante a tarde inteira e pude identificar o grande número de clientes do sexo feminino (tal como Sidnei me revelara anteriormente). Seu Zeno atendia a todos sempre muito gentil e atencioso. Ao atender uma cliente em específico, virou-se para mim e fez uma referência “ao filme do Chaplin” (Tempos Modernos), fazendo o contraste entre a produção em série e o trabalho do sapateiro: ali na oficina, o sapateiro se preocupa com o trabalho bem feito, então se algo não dá certo ele retoma o processo e

conserta os erros; já que não há uma esteira dinamizando e acelerando o trabalho do sapateiro, ele tem a possibilidade de retornar, refazer, aprimorar.



Por volta das dezesseis horas apareceu um senhor para buscar os calçados que havia encomendado. Na verdade, os calçados deste senhor estavam sendo feitos naquele exato momento (pelas mãos de Francisco e Nazareno). Tive a oportunidade de presenciar Seu Zeno explicando para o cliente que ainda não estavam prontos, mas que na manhã do dia seguinte ele poderia ir lá na oficina que o trabalho já estaria terminado. Zeno fazia algumas piadas com o velho para tentar descontrair enquanto este reclamava pela demora com os calçados. Aquele

senhor ficou ali até o fim da tarde, ligeiramente aborrecido com a situação, hora ou outra resmungando “égua, a quanto tempo que eu já encomendei isso?!”.

Ele permaneceu sentado ali um bom tempo, observando a rua, as pessoas que ali passavam, batendo papo com Zeno, lendo jornal. Ele reclamava da demora pois queria os sapatos para “ir bonito” aos bailes que frequenta. Recordou brevemente de antigos bailes que aconteciam em Belém, falou que fora no passado membro de um grande clube de Belém onde era realizado um dos principais bailes da capital. Seu Zeno me revelou depois que aquele senhor tem o hábito de encomendar sapatos ali, inclusive comentou que somavam-se mais três aos dois que estavam sendo fabricados. Seu Zeno já conhece o modelo específico que agrada o senhor, bem como a fôrma que melhor cabe em seu pé.

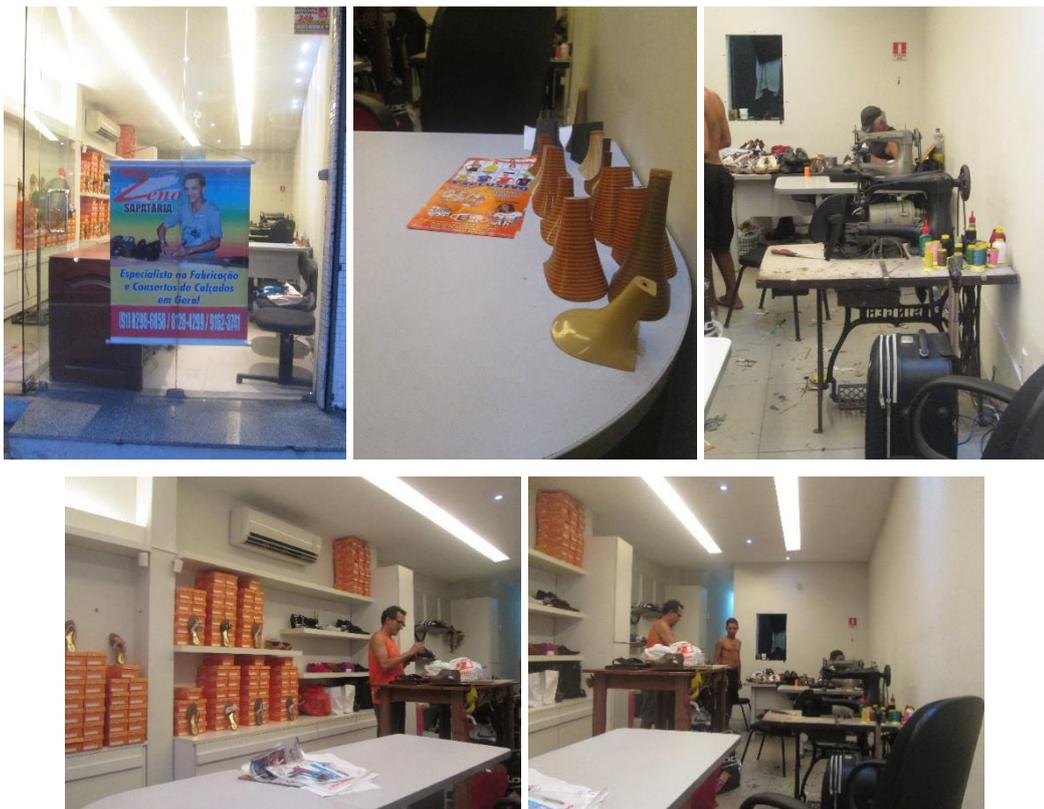
Ao final da tarde despedi-me dos sapateiros e conversei com Seu Zeno para combinar meu retorno à oficina. Eu ainda pretendia entrevistá-lo com mais calma, dando-o tempo para falar de forma mais abrangente sobre sua trajetória no ofício de sapateiro, e se ele permitisse, utilizaria o gravador digital para fazer o registro de seu relato. Ele me indicou que retornasse nos dias de sábado após o almoço, pois neste horário ele poderia fechar a oficina e dedicar toda sua atenção à entrevista.

3.2. A nova Zeno Calçados: entrevistando o sapateiro

Havia visitado a oficina poucos dias antes para saber se naquele sábado Seu Zeno estaria disponível para realizarmos uma entrevista mais aprofundada. Descobri na ocasião, que o sapateiro havia mudado o ponto da oficina. Ainda no mesmo quarteirão, na rua Gama Abreu, a nova Zeno Calçados assumia outros ares: à esquerda do espaço ficam as estantes onde estão expostas várias caixas com pares de sandálias femininas logo próximo à entrada. São os mais diversos modelos e tamanhos, tal como uma verdadeira loja de calçados. Mais ao fundo a estante continua com as encomendas de conserto que já estão prontas, apenas aguardando que o dono venha buscar. Os sapateiros trabalham à direita, cada um próximo a sua mesa, sempre cobertas com recortes de couro, latas de cola, ferramentas, peças de calçado, saltos, fivelas, tiras de sola, conformando uma variedade de objetos sobrepostos de maneira aparentemente desordenada, porém aqueles senhores sabem exatamente onde encontrar cada instrumento e cada objeto em meio àquela “bagunça” característica.

Os ponteiros do relógio se aproximavam das quatorze horas. Os pássaros voavam em círculos sob um céu bastante nublado, desenhando o aviso de uma forte chuva que estava prestes a cair naquela tarde de sábado. Caminhei à passadas largas pelas ruas de Batista Campos, desatento ao movimento de pessoas ao meu redor, pois estava mais preocupado em chegar à oficina antes de ser pego pelo aguaceiro. Quando passava próximo à Paróquia da Trindade, as árvores balançavam-se e as folhas caídas dançavam no ar conduzidas pelo vento que ficava cada vez mais forte, fazendo com que a poeira do chão corresse pelo passeio público. A pouco menos de dois quarteirões da oficina as primeiras gotas de água me encontraram, obrigando-me a atravessar a rua em correria, procurando caminhos em que pudesse encontrar qualquer cobertura e evitar molhar-me mais ainda.

Por sorte, não estava tão molhado quando cheguei à Zeno Calçados. Entrei na oficina e encontrei Sidnei sentado junto ao balcão. Nazareno ainda terminava de trabalhar em um calçado. Na sala ao fundo, estava Seu Zeno. De lá mesmo ele gritou: “Pode sentar ai meu amigo, assim que eu terminar aqui já converso com o senhor”. Bati algumas fotos enquanto conversava com o filho do sapateiro, até que este terminou o trabalho e veio sentar-se no balcão. Como sempre, muito simpático, me cumprimentou e disse: “Pois bem, diga lá o que o senhor quer saber mesmo?”.



Pedi ao senhor para ligar o gravador, o que ele permitiu prontamente. Expliquei a ele que queria, na verdade, que contasse sobre sua trajetória como sapateiro ao longo dos anos:

ZENO: Tudo começou em 1972. Uma pequena oficina de fundo de quintal como chamava na época, né... oficina de fundo de quintal. Era dum cearense chamado Seu Nonato e... Dona Rita. (...) Aí, do lado da nossa casa tinha uma oficina. Aí, meus pais me disseram: É aí que cê vai aprender a profissão... Na época o “menor” poderia né, podia trabalhar. Então eu acho muito errado hoje em dia que o menor não pode trabalhar, que não tem futuro. Se fosse eu não tinha (...) Eu tinha oito anos, oito anos na época (...) A oficina era colada à nossa casa. Aí minha mãe falou: é aí que eu vou te colocar. Aí ela me colocou lá pra aprender. Aí ela disse: “Se precisar pagar eu pago pra que ele fique aí dentro, mas não deixa ele ir pra rua”.

Nós ficamos naquela rua cinco anos, moramo lá cinco anos. Ai nós mudamo pro mesmo bairro da Marambaia pra outra rua (...) A cem metros de nossa casa tinha outra oficina de sapato. Ai justamente o destino tava apontado. Ai minha mãe foi lá com meu pai, conversou com o dono, que é o pai do Zé Luís. Ai disse “Olha eu tenho um filho assim, assim, assim. Ele já começou a trabalhar ali, no Seu Nonato. Seu Nilton já conhecia o Seu Nonato também (...) Seu Nilton era o pai do Zé Luís.

MANOEL: E como que era essa época de aprendiz?

ZENO: Ah, na época aprendia tanto na costura, quanto na colagem. Aprendia observando e fazendo também, na prática mesmo. Estragava material, mas já era material perdido. Acerta, errando, né. Acerta, errando.

Ai começou, né. Ai já com doze anos de idade, né, doze anos pra treze anos, ai ingressei nessa oficina, já era de maior porte, já tinha máquina. Porque lá nessa primeira era tudo manual, só tinha máquina de costura, lixadeira não tinha nada, era tudo feito na mão. Ai quando eu cheguei lá nessa oficina do pai do Zé Luís, o Nilton, ai já era maior, ai lá que eu fui conhecer máquina. Tinha máquina lixadeira poderosa, ai foi que eu fui me aperfeiçoar mais. Ai fiquei lá até... 1980. Ai em 1980 eu já vim pro centro.

Desde sua infância Seu Zeno já entrara em contato com o ofício de sapateiro. As oficinas de sapato foram o remédio para a preocupação de seus pais em garantir-lhe uma profissão no futuro e para mantê-lo ocupado nas horas em que estivesse livre da escola, afastando-o da ociosidade. Esta foi sua época de “aprendiz” no ofício, o período dos primeiros tropeços, tempo dos puxões de orelha, das chamadas de atenção. Zeno frequentemente enfatiza seu respeito por Seu Nilton, pai de Zé Luís. Um de seus primeiros mestres, ele é o grande exemplo para o sapateiro, um senhor pelo qual ele guarda enorme gratidão, pois fora ele que tivera a paciência para lhe passar os ensinamentos e o braço firme para repreendê-lo nas horas certas, apontando-lhe os erros e incentivando-o a corrigi-los.

É interessante como o sapateiro recorda este período enaltecendo a época em que era permitido aos menores de idade trabalhar. Na opinião deste senhor, o trabalho é basilar na

trajetória de um jovem tanto quanto os estudos. Zeno acredita que não há nada de errado em pôr os mais novos para trabalhar, desde que a labuta não atrapalhe suas atividades escolares, é claro. Na verdade, ele compreende que é importante oferecer aos jovens os dois elementos em concomitância, pois deste modo o menor têm desde cedo a oportunidade de aprender uma profissão através da qual ele possa ganhar a vida no futuro.

Nestes relatos podemos identificar certos elementos que indicam os atributos que diferenciam o trabalho em caráter de “profissão” daquelas atividades caracterizadas enquanto “ofícios”. Em suas reflexões, Eliot Freidson (1995) distingue os dois tipos da seguinte forma: no âmbito das profissões, a etapa de aprendizado antecede a atividade laboral; existem espaços específicos destinados ao momento de transmissão de conhecimentos – educação básica, escolas profissionalizantes, universidades, dentre outros - que se localizam do lado de fora da esfera do trabalho propriamente dita; a formação básica e a formação profissional são intermediadas por este sistema educacional, que é parte constituinte da organização social do trabalho, capacitando os indivíduos a desempenharem as mais diversas atividades conforme as demandas produtivas da sociedade moderno-contemporânea¹⁶; no segundo tipo, o aprendizado e a atividade laboral são concomitantes, não há cisão entre o espaço de trabalho e aquele onde os indivíduo trocam, transmitem e assimilam saberes; nas oficinas os mestres e seus aprendizes não apenas laboram, como também interagem por meio das mais diversas formas de sociabilidade; aquele é o lugar da ação, mais do que simplesmente o local da labuta, é espaço produtor de formas sociais (Simmel 1983), ambiente onde indivíduos cultivam vínculos afetivos e laços de pertencimento a um grupo determinado, que tem por elemento de identificação a própria atividade laboral (Sennet 2009).

3.3. Trabalhando no centro: uma nova etapa em sua carreira

Passados os primeiros anos da trajetória de Seu Zeno no ofício de sapateiro, ele inicia-se em oficinas de maior porte localizadas no centro da cidade. Na década de 1980 o sapateiro começa a trabalhar na “Oficina do Beça” e posteriormente na oficina de um senhor chamado Epaminondas. Foi ao longo desta década que o sapateiro ganhou mais experiência no ofício, pois trabalhou em organizações variadas onde o trabalho visava diferentes objetivos (produção voltada para a fabricação por encomenda, produção em larga escala, produção especializada em calçados femininos), aprendeu a trabalhar com matéria-prima mais

¹⁶ Não se pode esquecer que esta instituição tende a ser a responsável por selecionar e segregar os indivíduos, garantindo a manutenção das hierarquias e assimetrias sociais.

sofisticada, entrou em contato com o trabalho mecanizado mais complexo, manuseando as máquinas mais modernas da época. O sapateiro revela que durante este período pôde acumular o conhecimento necessário e imprescindível para vir a administrar o próprio negócio e garantir por todos estes anos o sucesso de seu empreendimento.

ZENO: Fui trabalhar na 28 de setembro no Beça, uma empresa aí já mais sofisticada. Couros de primeira qualidade. Já um outro padrão de trabalho, tudo chamado de primeira classe. Aí que eu fui conhecer pelica, camurça, marca de couro... Isso tudo eu fui conhecendo lá.

Quando eu sai de lá... em 1980, em fevereiro de 1980... Aí eu vim trabalhar no Beça, onde eu vim fazer especialização. Era tipo uma faculdade, tipo uma faculdade. Essas outras lá era como se fosse um jardim de infância, um ginásio, né. E lá no beça não, era como se fosse já a faculdade. Era tudo de primeira, tinha máquinas modernas, mais moderna que a do pai do Zé Luís. Aí, foi aonde eu trabalhei quatro anos, que foi ótimo, já viu só a faculdade, o curso é de quatro anos, né. Foi quatro anos bem, bem, bem aproveitado. (...) Aí foi de lá que, depois saí de lá e voltei de novo com o pai do Zé Luís, lá pra Marambaia. Voltei de novo, aí trabalhei mais um ano. Mas como eu já tinha o padrão, já era muito elevado pra oficina dele, né, aí foi pra onde eu vim trabalha aqui na 13 de maio, com o Senhor Epaminondas.

Aí lá eu fui aprender linha de produção. Grande escala... cem, duzentos, trezentos pares de sapato por semana, lá era linha de produção. Uma média de 150 pares de sapatos por semana tudo manual (...) Aí já ia pras lojas. Não fazia já o que a gente faz aqui, conserto e encomenda. Era só fabricação, uma linha específica de produção, só para mulheres. O diferencial do Beça é que era pra homem e pra mulher, mas só que era unidade, encomenda, sapato exclusivo.

Isso década de oitenta, foi em 86. Aí foi aí que eu fui me especificar mais ainda. Fui aprender a produção, já correr com o serviço. Aí tudo foi servir pra que eu aplicasse no meu mesmo. Aí saindo de lá, foram três anos e sete meses, né, nesse Epaminondas.

Nos anos 1990, Seu Zeno veio empregar-se na rua Gama Abreu, onde trabalha desde então. O experiente sapateiro chamado Aldenor foi quem primeiramente lhe ofereceu serviço ali naquele perímetro do bairro da Campina. Contudo, no período da presidência de Fernando Collor, assim como várias outras pessoas, o patrão de Zeno acabou passando por grandes dificuldades. Ele se viu então obrigado a fechar as portas de sua oficina de calçados e tentar encontrar outra forma de ganhar seu sustento.

Como o próprio sapateiro enfatiza este foi um momento decisivo na sua vida. Seu Aldenor havia desistido do empreendimento por não mais ter condições de manter a oficina em pleno funcionamento. Zeno aproveitou a oportunidade que surgira e pediu permissão ao antigo empregador para assumir o negócio em seu lugar. O senhor deixou para Zeno parte das máquinas, ferramentas e outros instrumentos, porém, ele teria de iniciar sua própria produção,

além de assumir o contrato de aluguel com a proprietária do local e arcar com toda a responsabilidade daquela oficina.

ZENO: Aí foi aí que veio a minha área. Fui entrar e fui trabalhar dois anos e cinco meses com um cearense de nome Aldenor. Qualquer dia desses vou aproveitar, vou visitar ele. Vou dizer que a planta, a árvore que ele plantou deu frutos, né (...) O negócio era dele, ele entregou, mas ele não me entregou assim, ele abandonou e eu que tive coragem assim, e assumi. Em 1991, quando o Fernando Collor assumiu.

Fui lá no Banco do Brasil aí o cara me disse: “Olha cara eu vou te ajudar, mas tu é muito corajoso”. Ninguém queria se meter num negócio quando o Fernando Collor assumiu. Ninguém queria. Mas o que aconteceu? Ele deixou o povo sem anda. Eu não tinha nada, né. Então não tirou nada de mim. Agora eu vou começar do zero!

Comecei do zero. Quando nós “começamos” lá na oficina, não tinha um cinto sequer pra colocar pra vender! Então nós “trabalhamo” segunda, terça, quarta e quinta. Não tinha como abrir a porta, a gente tava fazendo cinto e sapato pra botar pra vender. Como é que a gente vai abrir se não tem nada. A gente tinha que vender alguma coisa. Faz o seguinte, bora trabalhar segunda, terça e quarta, bora fazer alguma coisa pra botar aí (...) Aí “colocamo”. Quando foi quinta-feira eu digo: é, já tem sapatilha, já tinha sandália rasteira também, né. Já tinha uma base de uns 100 pares de sapatos e uns 25 a 50 cintos. É, bora abrir!

A narrativa do sapateiro revela como uma iniciativa no mínimo ousada, pois tomada justamente na ocasião em que o país atravessava um momento de crise econômica e política, resultou em um negócio de notável sucesso apesar de todas as dificuldades evidentes e os obstáculos por vir, contrariando qualquer previsão de fracasso. A história de Zeno demonstra como diferentes trajetórias sociais desenham-se por meio das decisões tomadas com base no campo de possibilidades (Velho 1994) que o cotidiano da urbe moderno-contemporânea nos apresenta.

ZENO: Na primeira semana, sucesso total. Na segunda aí já entrou a fase do conserto. Fabricação e conserto. Que foi aonde explodiu todo o auge aqui, só quem tinha trabalho com conserto era lá na “A proletária”. Lá na 28 de setembro, com a Quintino. Sessenta anos de tradição. Lá eles só faziam coisa de conserto. Era o único que existia. “Vamos começar a fazer aqui!” Aí foi onde nós começamos a fazer aqui. Fabricar e consertar. Eu fui o primeiro aqui na área.

Sapateiro que tinha negócio de consertador era aquele de beira de rua, entendeu? Existia que era o engraxate e sapateiro. Isso aí existia tudo nos anos setenta. Mas em pontos aqui mesmo, não existia nenhum. Não tinha ninguém que... Aí quando foi que viram a gente fazendo aí, aí que começou a se expandir na cidade.

Conserto não dá prejuízo. De jeito nenhum. Mesmo que não venham buscar, o que fica aí. Dá um retorno muito grande, na faixa de setenta a oitenta por cento do geral do mês. Já a fabricação não, a fabricação é dez, quinze, vinte por cento no máximo.

A perspicácia de Seu Zeno em trazer para o “centro” um serviço que só era encontrado no bairro do Reduto e que antes fora oferecido por apenas uma oficina, revela as táticas (Certeau 1994) por meio das quais os cidadãos (re)inventam o sentidos do viver a cidade e praticar o espaço urbano¹⁷. Como conta o sapateiro, depois dele as outras oficinas do bairro da Campina e da porção mais central da cidade passaram a aderir ao trabalho com o reparo de calçados. Tal movimento constituiu uma mudança gradual, mas profunda e significativa, pois estes sapateiros enfrentaram a ideia de trabalhar com algo que os mais antigos consideravam menos honroso – e em alguns casos, passaram por cima do próprio orgulho. Este processo de transformação configura um dos elementos cardeais que garantem a presença/permanência do ofício de sapateiro no mundo urbano belemense.

Na avenida 16 de Novembro encontrei a oficina U.T.I das malas, bolsas e calçados, onde trabalham os senhores Anacleto e “Bené”. Estes sapateiros são da geração anterior a de Seu Zeno. Apesar de trabalharem apenas com conserto, narram de forma trágica as mudanças pelas quais seu ofício passou nas últimas décadas. Contaram-me sobre a época do fechamento dos curtumes aqui em Belém onde se trabalhava o couro utilizado para a fabricação de calçados, a chegada de linhas de sapatos de outros estados do Brasil, e nos últimos dez anos até mesmo de outros países como a China. Segundo estes senhores desde a década de 1960 começou o processo de decadência dos sapateiros na capital paraense. No quinto capítulo, as narrativas destes senhores serão abordadas de forma mais aprofundada.

Próximo do fim de nossa conversa, Seu Zeno contou-me sobre seus planos para o futuro, sobre a vontade de trabalhar seus últimos anos apenas em casa, no distrito de Icoaraci¹⁸ onde mora com a família. Observando as expectativas que o sapateiro pincela para os próximos anos é possível compreender, tal como já indicara Gilberto Velho (1994), que as trajetórias individuais dos cidadãos tendem a seguir a ideia de um “projeto” (Velho 1994), uma linha através da qual planejamos, objetivamos e estetizamos os rumos da vida cotidiana,

¹⁷ Segundo Michel de Certeau (1994), a cidade é palco de diferentes forças que dinamizam o espaço e suas transformações ao longo do tempo: de um lado, a experiência urbana é regulada e normalizada verticalmente pelo viés institucional, através do qual uma série de “estratégias” viabilizam o projeto e planejamento da urbe, tendo por resultando uma “cidade panorâmica”, imagem da cidade que é redimensionada e ressignificada por meio da agência dos cidadãos, que no fazer e inventar o cotidiano, elaboram “táticas” através das quais subvertem o ordenamento racionalizado imposto a experiência na cidade.

¹⁸ Distrito pertencente à Região Metropolitana de Belém.

um “planejar” que está sujeito, contudo, às disposições de um campo de possibilidades inerente à dinâmica do vivido.

Tô com vontade de levar lá pra Icoaraci, até mesmo pra fugir do aluguel. Não tem condições de comprar aqui, os preços são muito... muito altos. Qualquer casinha aqui é 250, 300 mil reais. Lá não, eu já tenho, não vou ter que comprar nada. (...) Quero ir daqui a três anos (...) Tô com 52 anos... quero trabalhar lá até os 65.

O planos de Zeno estão longe de estar prontos e acabados, pois o sapateiro redesenha, reelabora e tece o seu projeto de vida cotidianamente ali naquela oficina. Mudá-la para o bairro onde mora não é apenas um sonho, não se justifica apenas pelo fato de que o sapateiro deseja trabalhar em casa. Esta vontade revela também uma tática (Certeau 1994) através da qual ele busca fugir dos altos preços de aluguel do bairro da Campina. Sobre os caminhos futuros da trajetória do sapateiro nada posso afirmar, cabe apenas considerar que estes percursos serão reflexos dos arranjos sociais provenientes da própria agência do sapateiro e de seus parceiros de ofício.

CAPÍTULO IV

OS SAPATEIROS DE BATISTA CAMPOS

As memórias de Zé Luís e Chiquito

4.1. Nos fundos da Ponto a Ponto

Dentre os sapateiros que tive a oportunidade de conhecer durante o desenvolvimento deste estudo, o primeiro deles foi Zé Luís – também conhecido como Zeca. Completava-se um período de pouco mais de dois anos desde a primeira vez que visitei aquela oficina. Nos baixos de um casarão antigo¹⁹ localizado na rua Veiga Cabral, bem ao lado do shopping Pátio Belém, encontra-se o ateliê Ponto a Ponto. O letreiro indica que ali realizam-se serviços de costura e reparo de roupas, bem como o trabalho referente à fabricação e conserto de calçados. Na primeira sala encontram-se máquinas de costura, peças de roupa, pedaços de tecido: este é o espaço onde trabalham o alfaiate Gilmar e algumas costureiras. Na sala posterior fica a cozinha, onde os funcionários fazem suas refeições. É no último cômodo que está o sapateiro, trabalhando em companhia de suas ferramentas e da sua máquina *typical*, cercado por pares de sapatos, sandálias, bolsas e mochilas, objetos espalhados em estantes ou sobre as mesas esperando o conserto. Recortes de couro tingidos nas mais variadas cores cobrem o chão de cimento daquela pequena sala.



Ao longo destes últimos dois anos, Zé Luís chegou a alugar outro espaço, ainda na rua Veiga Cabral, à poucos metros de distância do ateliê Ponto a Ponto. “JL dos calçados” anunciava a placa posicionada à porta da nova oficina. O sapateiro conta que trabalhou ali cerca de um ano e meio, até que o proprietário do lugar lhe pediu para que se mudasse, pois

¹⁹ Naquela época estudava a presença notável de elementos arquitetônicos do passado da cidade, construções que evocam paisagens de uma Belém de outrora. Dentre estas figuram os casarões antigos concentrados nos bairros de Batista Campos, Campina, Cidade Velha, Comércio, Reduto, bem como espalhados por outros arredores da capital paraense.

pretendia ampliar seu restaurante, logo carecia reaver o espaço que havia alugado. Zeca então conversou com Gilmar, responsável pelo aluguel, a fim de retomar o seu antigo espaço se este ainda estivesse disponível. Com a resposta positiva do alfaiate, Zé Luís retornou ao ateliê Ponto a Ponto onde está já fazem cerca de 14 anos.

Neste momento, trabalham dois sapateiros ali. Zé Luís abriu uma vaga para Chiquito – chamado também de Chiquinho – um senhor que já trabalhara em inúmeras oficinas de Belém, até mesmo na oficina de Zeno e n'A proletária Sapataria, estabelecimento administrado pelos irmãos Pedro e Luís²⁰. A principal atividade ali realizada é o conserto de calçados, assim como de artigos de couro e semelhantes, tal como bolsas, mochilas, dentre outros. Inclusive, tive a oportunidade de presenciar uma amiga do sapateiro pedir-lhe para que consertasse uma rede de dormir, ocasião que demonstrou a variedade de serviços que o senhor pode realizar. Zé Luís também fabrica sapatos por encomenda, além de produzir alguns pares de sapatos masculinos, femininos e infantis que ficam à mostra no balcão, prontos para a venda.

Através das narrativas destes dois senhores tive a oportunidade de vislumbrar suas trajetórias no ofício de sapateiro. Mais do que isso, ao contar sobre suas histórias de vida, revelam uma série de mudanças pelas quais a atividade passou ao longo dos anos. Zé Luís e Chiquito descreveram sobre como se iniciaram no ofício e os meandros do processo de aprendizado deste saber-fazer; recordaram de tempos outros em que era possível encontrar um grande número de pequenas fábricas de calçados em Belém, período que fora segundo eles, o “tempo bom pra sapato”; narraram também sobre as mudanças gradativas que tornavam cada vez mais difícil o empreendimento do negócio de fabricação de calçados em Belém e, por conseguinte, a falência de vários fabricantes na capital paraense, culminando no fechamento das fábricas e fabriquetas e a tendência crescente que levou cada vez mais sapateiros à aderir preferencialmente aos serviços de conserto e reparo de calçados.

4.2. A trajetória de Zé Luís

Por meio de gestos singelos e precisos o sapateiro conduzia a flanela levemente sobre o corpo da *typical*. “Pode fotografar! Essa aqui é uma relíquia!”, dizia Zé Luís referindo-se carinhosamente à máquina que o acompanhava a tantos anos. Vislumbrei este momento na primeira vez em que visitei a oficina Ponto a Ponto. A manhã cercava as nove horas e o sapateiro a pouco chegara ao ateliê. Enquanto conversávamos, o senhor organizava o lugar e

²⁰ O capítulo seis é referente às narrativas destes dois senhores.

suas atividades, designando os primeiros serviços em que trabalharia naquele dia: separava sacolas com pares de sapato, empilhava outros calçados nas estantes ou retirava-os e colocava sobre a mesa para trabalhá-los, selecionava algumas bolsas, preparava e posicionava suas ferramentas. E assim ele contava a respeito do instrumento onde fabricava as peças de calçado, costurava as bolsas dos clientes, reparava suas mochilas:

Rapaz, essa máquina ela é “antigona”, desde a época da Segunda Guerra Mundial, foi fabricada na época da Segunda Guerra Mundial. Ela é Alemã. Eu tinha duas dessa, aí eu vendi uma, fiquei só com essa. Eu quero montar uma outra. Eu tenho uma outra cabeça, só a cabeça, aí tô atrás dum pé desse de pedra. Aí eu quero montar uma outra máquina dessa.



O sapateiro segurava de uma lado uma pequena tira de couro, enquanto mergulhava o indicador da outra mão no pote de cola. Com movimentos ligeiros ele espalhava o grude no avesso do couro. Em seguida, repetia o processo sobre toda a extensão do pequeno salto, para enfim revesti-lo com o couro previamente umedecido com o líquido adesivo. Terminada aquela tarefa e acabada a peça, Zé Luís esfregava o dedo sobre a tampa do pote, até que não restassem mais resíduos de cola em seus dedos. Sobre a cobertura do recipiente notei a enorme protuberância que se formara pelo acúmulo de goma que ali ele desprenhia, friccionando repetidamente a ponta do indicador.



Certamente não haveria situação mais proveitosa para apreciar as narrativas daquele homem do que o próprio horário de trabalho. Enquanto manuseia os instrumentos, Zé Luís recupera as lembranças das diferentes veredas que trilhara como sapateiro. Durante nossos diálogos, os movimentos que aquele senhor executava com as mãos ao costurar os pontos no couro faziam emergir imagens do trabalho, que no enunciar do gesto técnico evocam simbolicamente o exercício de tessitura através da qual suas reminiscências são amarradas em uma trama sobre a qual se sobrepõem camadas de lembranças. Em outros termos é o “trabalho da memória” (Bosi 1994) que o sapateiro aciona não apenas pelo ato de narrar, mas também por seu agir no espaço e no mundo através de suas práticas cotidianas.

O ofício surge na vida de Zé Luís ainda na infância. Filho de sapateiro, este senhor aprendera a atividade com o pai – Seu Nilton – trabalhando em sua oficina desde os dez anos de idade. Ele fala com orgulho que foi através desta profissão que sustentou sua família ao longo dos 37 anos que trabalhou como sapateiro e até hoje vive por meio da renda obtida com esta atividade. E tudo começou na própria casa onde sua família morava, lugar onde o pai administrava uma pequena fábrica de sapatos de nome Calçados Iracema.

ZÉ LUÍS: A minha vida... morava dentro duma sapataria. Meu pai ele era sapateiro, né, tinha uma oficina, tinha os funcionário tudo dele, tinham carteira assinada, aí foi que eu primeiro, meu primeiro patrão foi ele. Aí 18 anos ele assino minha carteira.

ZÉ LUÍS: Eu ficava lá. A oficina dele era embaixo. Assim... a nossa residência, a residência dele até hoje ainda existe, né. A gente morava em cima, embaixo era a oficina. Um barracão, aí os funcionários. Durante o dia, eu não “tava” fazendo nada, eu “tava” lá pelo meio deles. Eu ficava olhando por lá, eles encarnando em mim, eu era moleque, tu sabe como é, né. Aí eu ia por lá, ficava olhando, fazia alguma coisa. Aí a minha mãe: “Rapaz, tu procura aprender alguma coisa na vida”. Dava corda!

ZÉ LUÍS: Eu aprendi um bocado. Fui aprendendo com meu pai. Quer ver quando ele ia tirar modelo, eu ficava prestando atenção. Aí fui aprendendo. Não é só querer dizer eu sei fazer e na hora não sabe. Tem que ficar se aprimorando e aprender mesmo.

ZÉ LUÍS: Fui, fui, até que um dia, aí eu peguei fui. Precisava, o papai precisava dum operário lá. Aí eu fui, comecei fazendo o trabalho lá. Lá ele perguntou se eu dava conta: “Dou!”. Já “tava” rapazinho já. Aí fui trabalhando. Aí depois com o tempo ele assinou minha carteira.

ZÉ LUÍS: Os cliente dele é pra loja daqui de Belém. Ele conhece, era conhecido, né. Iracema, o nome da fábrica dele era Calçados Iracema. Era registrado e tudo.

Ao recordar os seus primeiros anos na oficina, o sapateiro revela que aquele lugar constitui mais do que apenas um espaço de trabalho. Segundo Zé Luís, a relação entre os sapateiros mais velhos com seus jovens aprendizes aliava a rigidez e firmeza dos ensinamentos às chamadas de atenção, com as chacotas, piadas e trotes que espareciam a tensão da labuta. Logo, o processo de aprendizado iniciava os sapateiros mais novos nas sociabilidades engendradas ali na oficina, por meio das quais o intercâmbio de experiências – além de promover a transmissão transgeracional de um saber-fazer – propicia a transferência de valores morais e de um “saber viver”: Zeca afirma que ali na Calçados Iracema ele aprendeu não apenas a ser sapateiro, como também aprendeu a ser homem; na opinião dele, o sapateiro digno deve trabalhar duro e de forma honesta, e do mesmo modo deve portar-se em qualquer situação da vida.

O ofício de sapateiro revela seus atributos de “arte de fazer” (Certeau 1994) a partir do momento em que constitui uma prática social através da qual os sujeitos ao mesmo tempo que rearranjam o espaço e reelaboram o sentido de viver a cidade, aperfeiçoam e aprimoram o gesto e a técnica, assim como constroem e remodelam a própria identidade do grupo todos os dias. Instruir-se na “arte dos calçados” implica, portanto, o processo de “fazer-se”²¹ (Vedana 2013) sapateiro, “no sentido de um *métier* construído cotidianamente a partir de uma experiência compartilhada” (Vedana 2013: 41), que resulta não apenas no aprendizado de um saber-fazer, como também a construção de um sujeito ético-moral, logo, em um “saber viver” concernente à maneira como o artífice escolhe desfrutar o vivido.

Segundo Zé Luís, nos anos de sua infância os pais perseguiram o ensejo de conseguir uma ocupação para seus filhos ainda bem novos. Engajar o filho em uma oficina de sapateiro, por exemplo, representava a chance de encaminhar o futuro da criança, evitando que se

²¹ Nesta etnografia, Viviane Vedana (2013) argumenta como os trabalhadores de feiras experienciam um processo de “fazer-se” feirante.

acostumasse com o ócio e enveredasse pelo “mal caminho”. Além disso, confiar os filhos aos ensinamentos do mestre de ofício era uma forma de contribuir para a formação pessoal da criança. Neste período, a estima destes senhores era de tal modo significativa, que na maioria das vezes chegavam a ser pagos pelos responsáveis da criança para que esta tivesse a oportunidade de frequentar a oficina.

ZÉ LUÍS: Olha na minha época que era de adolescente mesmo, tinha as oficinas, os pais, pegavam iam falavam com o operário, com o dono da oficina, né: “Ah, eu quero colocar o meu filho pra aprender” ... Ele pagava, era pago, pra ensinar.

ZÉ LUÍS: Na minha época mesmo, assim que era rapazinho, os pais eles levavam numa oficina, iam onde que tivesse uma oficina: “Olha, deixa o meu filho aí, tal, eu dou uma ponta” e pagavam! E o moleque trabalhava, trabalhava, faziam sacanagem com ele. Cansei de ver, o operário fazia sacanagem com o moleque, era chamado de candango. Era o apelido de ajudante, era candango antigamente. Mas eles penavam, cansei de ver nego penar. Hoje em dia não.

Zé Luís salienta a importância da figura paterna ao longo de sua trajetória no ofício de sapateiro. Seu Nilton foi seu primeiro mestre, além de ter sido seu primeiro patrão. Trabalhou como aprendiz desde a infância com o pai, durante a adolescência toda e aos 18 anos teve sua carteira de trabalho assinada por ele e passou a ser, de fato, funcionário da Calçados Iracema.

Nas considerações de Eliot Freidson (1995), um dos elementos que distingue as profissões dos ofícios é o caráter institucionalizado da primeira condição de trabalho em oposição à tendência para a informalidade do segundo tipo de atividade laboral. Não obstante as atribuições manuais/artesanais do ofício de sapateiro, bem como o tipo de organização do trabalho que predomina em uma oficina ou ateliê²², o destaque que o sapateiro revela em sua narrativa para o fato de seu pai garantir a carteira assinada de seus funcionários demonstra que esta atividade reúne elementos das duas categorias definidas por Freidson (1995). O que importa aqui é perceber que do ponto de vista do próprio sapateiro, o ofício é interpretado enquanto profissão: institucionalizada, formal, reconhecida pelos órgãos públicos na Carteira Profissional de Trabalho.

Ele continuou naquela oficina na condição de empregado cerca de sete anos após a maioridade. Por volta de seus 25 anos de idade, Zé Luís assumiu então o negócio do patriarca,

²² As narrativas dos sapateiros revela processos de manifestação de sociabilidades engendrados na oficina e o caráter lúdico que permeia o intercâmbio de experiências e a transmissão transgeracional de saberes. Como descreve Richard Sennet (2009), a organização do trabalho em uma oficina foge da lógica institucional que rege, por exemplo, uma empresa moderno-contemporânea, na medida em que obedece a uma espécie de hierarquia fundamentada na experiência e acúmulo de conhecimento de cada artífice, bem como nos vínculos afetivos que estes estabelecem cotidianamente entre si.

quando este resolveu ir morar certo período no Maranhão. O sapateiro deu continuidade ao empreendimento, mantendo em funcionamento a pequena fábrica especializada na produção de calçados infantis.

ZÉ LUÍS: Aí que foi, né. Eu trabalhei com ele até eu, o quê, uns 7 anos, de carteira assinada com ele (...) Eu tava com meus 20 e poucos anos, tô com 47. Tinha uns 25 anos mais ou menos de idade

ZÉ LUÍS: Aí, foi que depois que eu trabalhei com o papai, ele acabou com a empresa dele, né. Aí, ele ainda deixou pra mim, foi embora pro Maranhão. Aí eu fiquei trabalhando, né. Ele me deu os cliente dele, tinha os cliente tudinho de Macapá, de Santarém, daqui de Belém. Aí eu fiquei trabalhando, né. Fiquei fabricando. Mesmo estilo que ele fazia, que era só sapatinho de criança, sabe. Fazia muito mesmo!

O sapateiro explica que este período, que envolve a década de 1980, coincide com a época em que perdurava a presença de um número considerável de fábricas de calçados em Belém, que estariam espalhadas por vários bairros da cidade, alguns na porção mais central da capital paraense, outros em locais mais periféricos. Esta década conformaria os últimos anos do “tempo bom pra sapato”. Zé Luís comenta que àquela época a demanda pela fabricação de calçados exigia muito trabalho, logo, quase não se conheciam sapateiros especializados no serviço de conserto, tendo em vista que o fabrico era bem mais lucrativo.

ZÉ LUÍS: Na época mesmo, na época era, nessa época de 80 tinha muito fabricante, negócio de conserto quase num existia. Era bem pouco. Aí hoje em dia não, que hoje em dia a facilidade que tem aí de fora, né, que acabou com os fabricante dentro de Belém.

Mas antigamente comandava aqui em Belém era muito, tinha muito fabricante. Era no Jurunas, na Marambaia, Terra Firme, tudo por aí, tudo bairro por aí tinha umas fabriqueta, sabe.

Aí foi, foi. Aí depois foi caindo o movimento. Aí foi que, aí eu fui entreguei depois. Trabalhei com o Zeno, bom tempo com ele.

Na época, eu já trabalhei de padeiro, fazendo pão, já trabalhei de marceneiro. Mas mesmo, a profissão mesmo aqui, adotei essa. Já vendi jornal, assim, final de semana, quando não tinha nada o que fazer. Comecei a vender jornal, pra ter mais uma rendazinha, quando meus filhos eram pequenos.

Depois disso eu trabalhei em outros cantos. De servente de pedreiro. Mas sempre nessa profissão. Eu trabalhei no Guamá, numa oficina de sapato também, com um rapaz lá que, eu

acho que ele ainda é vivo, Mucurão que chamavam pra ele. Mas sempre mesmo. Criei meus filho tudinho nessa profissão.

A partir do momento em que o trabalho com a fabricação de calçados já não era suficiente para garantir o sustento de Zé Luís e de sua família, o sapateiro teve de procurar outros meios de ampliar sua renda. O movimento que ele realizou ao passar por entre várias profissões revela o elaborar de uma série de esquemas através dos quais o cidadão subverte as tendências normalizadoras e reguladoras impostas à “vida vivida” da urbe moderno-contemporânea. A trajetória social do sapateiro toma alguns desvios na medida em que o campo de possibilidades (Velho 1994) da experiência cotidiana sugere entraves que impulsionam os indivíduos a procurar alternativas no sentido de mourejar²³ pelos múltiplos percursos de um projeto de vida (Velho 1994) nos grandes centros urbanos.

Elementos recorrentes nas narrativas dos sapateiros interlocutores desta pesquisa são os relatos sobre as profundas mudanças ocorridas no período da presidência de Fernando Collor de Mello. Momento de grande depressão econômica, o início dos anos 1990 foi um período delicado na trajetória dos sapateiros em Belém. Os escândalos de corrupção durante o governo de Collor marcaram as memórias destes trabalhadores: se durante a década de 1980 o negócio calçadista já se tornava cada vez mais difícil de administrar, a partir do momento em que os brasileiros tiveram o dinheiro de suas poupanças confiscado, grande número de pequenos e grandes empreendedores foram levados à falência, dentre estes vários dos fabricantes de calçados da capital paraense. Para Zé Luís não foi diferente:

ZÉ LUÍS: Nessa época, eu também parei, foi na época que o Collor começou a prender o dinheiro do pessoal, aí pronto começou, aí eu fui, fiquei trabalhando em casa, fiquei só fazendo pouca coisa. Aí depois fui, o negócio tava tão ruim, aí eu peguei, foi que eu vim trabalhar com o “Zena”²⁴. Aí passei um bom tempo trabalhando, passei mais de 7 anos trabalhando com ele. Aí saí, aí passei um tempo de novo em casa. Só que eu não parava, ficava trabalhando assim. Aí depois voltei pro “Zena”, passei mais uns dois anos, mais ou menos, ou três. Aí depois disso fui trabalhar na Sapataria do Futuro. Trabalhei um ano, um ano lá. Aí voltei pro “Zena”.

²³ A palavra refere-se ao empenho em trabalhar arduamente. Neste sentido, o termo se aplica confortavelmente à ideia de “projeto” de Gilberto Velho (1994), na medida em que este implica o trilhar de um percurso que demanda esforços contínuos do indivíduo no intuito de alcançar os objetivos mirados ao longo dos anos. Vale ressaltar que aqui empregamos a expressão considerando uma ética do trabalho que enaltece a labuta enquanto agência do sujeito no mundo, construtora do ser e transformadora do espaço, por meio da qual desenvolvem-se as faculdades humanas e se cultiva a subjetividade.

²⁴ Em alguns momentos de sua fala, Zé Luís troca o nome do colega Zeno.

Durante a década de 1990, Zé Luís trabalhou na oficina de seu amigo de infância, Seu Zeno. Como mencionado no capítulo anterior, as trajetórias sociais dos sapateiros de Batista Campos, da Campina, do Reduto – e mesmo de outros bairros – se entrecruzam na medida em que ao longo dos anos, estes sujeitos criam vínculos afetivos e de trabalho, e estabelecem laços de reciprocidade entre os colegas de profissão.

Antes de vir se empregar no centro, Zeca trabalhava no bairro onde mora, na Marambaia. Os interlocutores mencionam em seus relatos como sapateiros de diferentes bairros (Jurunas, Guamá, Terra Firme, além dos já mencionados) deslocam-se entre diferentes oficinas, ateliês e sapatarias no decorrer do tempo. Se em determinada época revela-se mais interessante trabalhar com o negócio próprio – o que varia entre trabalhar no espaço de sua própria casa em uma oficina familiar, ou deslocar-se para um bairro em que a relação entre clientela e aluguel do estabelecimento sejam mais vantajosas – em outras situações, a possibilidade mais atraente pode ser empregar-se na oficina de outrem (o velho mestre, o colega de ofício, ou até mesmo um antigo aprendiz), ou em outros casos, conseguir trabalho em um estabelecimento reconhecido e respeitado dentro a categoria (o que pode equivaler a uma melhor remuneração).

A partir do momento em que vir arrumar emprego em uma oficina de calçados no centro da cidade demonstrou-se mais vantajoso do que administrar o próprio negócio, Zé Luís veio bater na porta daquele amigo dos tempos de criança, aquele que crescera e aprendera o ofício junto com ele. Após sete anos trabalhando na Zeno Calçados, ele retorna para a oficina própria no espaço de sua residência. Esta narrativa revela os deslocamentos que o sapateiro realizou durante alguns anos entre trabalhar em casa e trabalhar para Zeno.

Este episódio se desdobra até a ocasião na qual Zé Luís se deparou com uma oportunidade de emprego no centro da cidade em um estabelecimento de maior porte, a Sapataria do Futuro. Após um ano trabalhando ali, ele retorna para uma breve temporada na oficina de Zeno, período que antecede sua vinda para a rua Veiga Cabral, onde o sapateiro trabalha desde então.

ZÉ LUÍS: Aí com três mês que eu tava no “Zena”, aí um colega meu que trabalhava aqui, né... Cascudo. Veio mês retrasado parece, mês passado ele teve aqui em Belém. Tá em Fortaleza ele. Foi embora pra Fortaleza. Aí ele trabalhava aqui, dizia que não dava, né. Que ele tava aqui, já tava com dois meses, mas não dava. Aí ele veio e me apresentou pro rapaz aí. Porque o rapaz aí na frente, o Costureiro²⁵, que é o responsável pelo aluguel. Aí eu pago uma parte do aluguel pra ele. Aí ele me apresentou né: “Ah tudo bem, quiser trabalhar tudo bem, tá aí a área”.

²⁵ Aqui Zé Luís se refere a Seu Gilmar, o alfaiate que trabalha no ateliê Ponto a Ponto, responsável pelo contrato de aluguel do espaço. Para utilizar sua sala, o sapateiro contribui com a devida parte do preço da locação.

Ele [Cascudo] tinha deixado umas máquina dele aqui né, aí eu fiquei usando “Não, pode deixar, pode usar minhas máquina, o dia que eu precisar, tu... Tu tem máquina?” Eu digo “Tenho”. Aí eu tinha uma em casa, só que aí eu trouxe. Minto. Eu deixei em casa, que eu levava serviço daqui pra fazer em casa, a noite e tal. Tinha vez que tinha o serviço aqui aí eu pegava levava pra casa, fazia, dia de domingo também. Sábado eu pegava uma sacola, levava três, quatro, aí quando na segunda-feira já trazia pronto. Aí já tava tudo aí, deixava.

Aí foi, trabalhando, trabalhando. Hoje em dia tô com o quê? Tenho 14 anos trabalhando aqui nessa área. Aqui mesmo eu trabalhei 12 anos, aí passei 1 ano e meio ali que eu aluguei, onde tu foi né? Aí eu passei um ano e meio ali ainda. Aí voltei pra cá, que o rapaz lá pediu o ponto pra ampliar lá o restaurante dele. Aí eu fiquei doidinho, que a clientela aqui perto do shopping, pra mim alugar pra longe ia começar tudo de novo. Aí eu vim conversei com ele: “Olha, tem lá atrás, dá pra tu trabalhar sim” Aí me alugou de novo, aí “tô” de novo aqui. Aqui todo mundo me conhece, né. É o caso do “Zena”. Ele diz: “vou trabalhar em casa”. O “Zena” ele é “antigão” aí, é conhecido, é muito cliente e tal né, mas os cliente dele é tudo aqui da frente, “num” vão daqui pra Icoaraci lá na casa dele.

Este último trecho da narrativa revela em que linhas Zé Luís designa suas expectativas para o futuro por meio do ofício, isto é, de que modo o sapateiro moureja para materializar seus anseios e aspirações. Através do ato de narrar, ele evoca por meio da rememoração uma série de imagens que sobrepostas acabam por conformar a ideia que este constrói a respeito de sua própria trajetória social. Percorrer suas lembranças e as transformações que atravessam o tempo traz à tona por meio da palavra as experiências, mudanças e permanências, bem como os conhecimentos que este senhor acumulou ao longo dos anos trabalhando em diversas oficinas, transitando por entre vários bairros, experimentando diferentes formas de viver a urbe. A experiência narrada imprime traços densos sobre o pano de fundo no qual o sapateiro desenha um plano para sua vida. Com efeito, o projeto (Velho 1994) que Zé Luís enuncia todos os dias em sua oficina, não diz respeito apenas ao amanhã, aos seus sonhos e metas, mais que isso, vislumbra as imagens espelhadas dos caminhos que o cidadão percorreu ao longo dos anos.

No desdobrar de sua história como sapateiro, Zé Luís já desempenhou também o papel de mestre. Ensinou o ofício a um de seus filhos, que já empregou-se na Sapataria do Futuro e hoje em dia trabalha na oficina do avô. Além deste outros rapazes foram aprendizes de Zeca. Na primeira vez que visitei a oficina em 2011, por exemplo, ele era auxiliado pelo sobrinho, rapaz que estava se iniciando no ofício sob a responsabilidade e ensinamentos do tio.

De acordo com Zé Luís, são poucos os jovens que engajam no ofício nos dias de hoje. Não obstante seus esforços para transmitir para os mais novos os conhecimentos relativos à atividade com calçados e as várias tentativas de levar rapazes para sua oficina para que estes aprendam aquela ocupação, são raros os garotos que se interessam pela oportunidade. E

mesmo nas vezes que estes rapazes aceitam a proposta do sapateiro, são grandes as chances de desistência, proporcionada em muitos casos pela falta de paciência com o caráter gradativo, repetitivo e demorado do processo de transmissão dos saberes do ofício de sapateiro.

ZÉ LUÍS: Tenho, eu tenho um filho que trabalha na profissão. Ele trabalhou aqui comigo uma época. Trabalhou um bom tempo. Ai ele se empregou no Futuro, agora ele saiu. Inclusive ele tá trabalhando com o papai agora, tá ajudando o papai, lá na Marambaia.

O mais velho que nunca pegou, mas o segundo ele veio pra cá comigo, aprendeu. Hoje tem a profissão também. Trabalhou aí na Sapataria do Futuro, aí nessa rede do Shopping aí que tem.

Antigamente trabalhava eu e o meu filho, mais um sobrinho meu. Aí eles se empregaram, né. Aí eu passei um tempo sozinho. Agora que eu tô com aquele senhor aí, trabalhando comigo.

Hoje em dia não, hoje em dia a gente quer, hoje em dia a gente chama um moleque desse “olha eu vou te dar tanto” ele ainda achava que é pouco. Cansei de convidar rapazinho lá perto de casa: “Bora lá tio, te levo lá pra aprender, te ensinar, te dou tanto por semana” ... Ainda achavam pouco: “Ah não, não dá”, não sei o quê. Ah, tu quer o quê? Quer tá na rua, aprendendo o que não deve.

É que hoje em dia, a molecada de hoje em dia não querem nada. Não querem aprender uma profissão hoje em dia. Eu já peguei assim, rapazes né. Uma vez eu trouxe um rapaz aqui, parente da mulher lá, primo duma, marido duma prima dela. “Ah porque ele tá desempregado”. Aí eu trouxe. “Olha eu vou te dar tanto, tu não sabe, eu vou te ensinando” Tá ele veio: “Ah, tá legal”. Ai quando depois já pensou umas duas três semana já queria ganhar. Eu digo “Mas tu ainda não sabe nada rapaz, ‘tô’ te ensinando, ‘tô’ te dando almoço, merenda, te dou o transporte, chega final de semana tu leva o teu, tu ainda tá achando muito? Tu não sabe fazer nada cara. Eu ainda ‘tô’ te ensinando”.

Na opinião de Zé Luís, se a cada ano diminui o número de sapateiros na capital paraense, isto ocorre, em parte, por conta da dificuldade no sentido de transferir o ofício para as próximas gerações. Aprender o ofício de sapateiro é uma oportunidade pouco interessante para a juventude dos dias atuais. O outro motivo decorre das mudanças ocorridas nas últimas décadas que levaram o negócio de fabricação de calçados ser substituído pelas oficinas de conserto. Os sapateiros que trabalham exclusivamente com o fabrico encontram-se significativamente em menor número, e entre os poucos que mantêm a atividade, a maioria trabalha concomitantemente com consertos e reparos.

Descrevendo ainda o “tempo bom pra sapato”, Zé Luís comentou sobre a época em que os fabricantes preocupavam-se, na verdade, em conseguir atender à demanda dos clientes

dentro dos prazos. Por várias vezes, a grande quantidade de trabalho e o pouco tempo para terminá-lo, obrigava as oficinas a colocar seus funcionários para fazer “serões” a fim de dar conta do serviço. Os sapateiros passavam a madrugada fabricando lotes de calçados para atender o pedido de determinada loja ou revendedor. Zé Luís narra com entusiasmo sobre estes “serões”, na medida em que esta carga extra de trabalho, por mais excessiva que fosse, valeria no final uma boa renda complementar. Além disso, as madrugadas na oficina não significavam apenas a labuta intensa: as sociabilidades engendradas pelos sapateiros durante os serões, somadas ao prazer pelo trabalho feito e de qualidade imprimiam o caráter lúdico da jornada de trabalho.

Quando era novo, trabalhava muito, a noite fazendo serão. A gente virava, por exemplo, de sexta pra sábado, a gente virava o dia com a noite tudinho, só parava meio dia. Passava a sexta-feira trabalhando. Cansei de fazer isso. Tinha três quatro trabalhando a noite toda, uma galera trabalhando. A gente não via a hora passar, quando a gente se tocava o dia tava clareando, e o serviço também já tava pronto pra entregar. Cansei de fazer isso quando era mais novo. Dia de sexta, pegava uma nota de sapato pra fazer, 25 pares de sapato: “olha é pra amanhã!”. 25 pares de sapato, na sexta-feira: “pô, então tá”. Trabalhava, quando era de noite, só parava no outro dia.

4.3. Da fabricação ao conserto

CHIQUITO: Eu trabalhei em muitas oficinas por aí (...) Trabalhei numa “fabricazinha”, passei bem uns 6 ou 7 anos pra aprender. Foi só como ajudante. Ajudante, ajudante, ajudava numa fábrica. Numa fábrica, tinha muitos ajudante, era muito grande a fábrica. Trabalhei n’A Proletária duas vez, trabalhei no Beça duas vez. Lá [n’A Proletária] é Seu Pedro e Seu Luís só, o dono. E só trabalha um lá com eles lá. (Lá é de geração) Eles tão lá desde 1940. Eles fizeram sapato pra guerra. Veio do pai dele.

“Chiquito” é um senhor experiente no ofício de sapateiro. Hoje está com 56 anos, e apesar de não possuir o negócio próprio, conta que trabalhou em várias oficinas e fábricas de calçados espalhadas por Belém desde sua mocidade. “Essa aí que é bom! Esse aí tem história mesmo! Esse tem raiz!”, disse Zé Luís. Trabalhou em ateliês bastante conhecidos na capital paraense, tal como a oficina do “Beça” no bairro de Nazaré; empregou-se também n’A Proletária Sapataria, situada no bairro do Reduto; além disso, exerceu o ofício certo tempo na Zeno Calçados; atualmente ele auxilia Zé Luís. Ele afirma: “Nunca tive ambição de ter meu negócio. Minha ambição era assim, minha ambição era ajudar os outros”.

É interessante o fato de Chiquito enfatizar que para aprender os primeiros passos do ofício são necessários anos a finco de aprendizado. Em seu caso, levou entre seis e sete anos

trabalhando como ajudante em uma fábrica de calçados e aos poucos aprimorou suas habilidades. Ele fala sobre como foi importante empenhar-se com paciência desde quando era apenas aprendiz para, enfim, chegar a ser um bom sapateiro. Como argumenta Sennet (2009), mais do que qualquer tipo de talento ou aptidão especial, é a motivação que leva o artífice ao aperfeiçoamento de um saber-fazer.

Antes de contar suas histórias, ele me perguntou precisamente o que eu gostaria de saber, que fatos seriam importantes para mim e o que eu estaria pesquisando realmente. Expliquei ao senhor que me interessava conhecer as histórias de vida dos sapateiros de Belém, ouvi-los contar sobre como era trabalhar como sapateiro no passado, o que vem mudando ao longo dos anos e como a situação do ofício se encontra hoje em dia. Ele prontamente respondeu: “Ih rapaz, mas mudou muito!”. Assim iniciou sua narrativa:

CHIQUITO: Na nossa época não tinha esse negócio de tênis. Aí eu sei que foi mudando já nos anos 70, 80, sapato era bom mesmo, tinha muitas oficinas por aí, sabe.

Aí depois de 90, aí quando foi já acabando com esse negócio de tênis. Era muito tênis. Aí as fábrica foi, as fábrica do sul dava prazo, né, 70 dias, 80 dias, até 90 dias. Primeiro 30 dias, 60 dias, aí depois já foi pra 90. Aí tinha as carreta lá do Rio... Novo Hamburgo, Fortaleza. Aí aqui acabou a fabricação de sapato, né. Aí entrou mais conserto. Aí no caso Belém hoje em dia, Belém, aqui a capital Belém, é mais conserto que tem. Fábrica, fabricante no caso é bem poucas pessoas, sabe. Bem poucas pessoas. Os que tem por aí tão se arrastando.

O conserto tomou conta mesmo geral. Porque é mais vantagem consertar do que tu fabricar. Porque se tu for fazer sandália é... fazer sapato, os cara não querem comprar do teu, porque o lá do sul é mais barato, né. E conserto não, “cê” vem aqui encomenda um sapato desse, uma bota, é um preço. E o material que vem de lá também não presta. O conserto tomou conta mesmo geral. Aí foi mudando, né. Mudou... Mudou... Mudou... Hoje em dia é mais mesmo é conserto.

Esta época mencionada no relato de Chiquito, período entre os anos 1970 e 1990, corresponde à época de maior destaque, segundo a bibliografia pertinente ao tema, para o desenvolvimento dos polos coureiro-calçadistas do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, e na região de Franca, no estado de São Paulo (Lagemann 1986; Lima 2008; Moser, Martins 2013; Nunes *et al.* 2013). As memórias do sapateiro referem-se ao período em que as lojas de Belém passaram a adquirir os calçados dos fornecedores das regiões Sul e Sudeste. Em outros termos, foi ao longo deste período que a matéria-prima e os “sapatos do sul” invadiram o mercado belemense. Junto a esta investida, segundo as narrativas dos sapateiros, a crescente dos últimos anos na fabricação coureiro-calçadista de Fortaleza promoveu a forte entrada de produtos cearenses em Belém. Sidnei, filho de Seu Zeno, confessou-me em outra

ocasião que sempre aproveita as viagens que realiza para adquirir a matéria-prima “de fora” a preço de custo, evitando os acréscimos no valor do couro provenientes de impostos e gastos com o transporte.

A produção fabril/artesanal das oficinas, ateliês e fabriquetas de Belém implicava em uma forma específica de organizar, não apenas a produção, como também a própria relação entre os fornecedores e a rede de lojas de calçados: o pagamento de cada lote de pares de sapato era realizado imediatamente aos fabricantes. Somado à entrada de matéria-prima e produtos significativamente mais baratos oriundos de outros estados, as indústrias “de fora” passaram a oferecer aos revendedores belemenses prazos de até três meses para que estes pagassem pelos lotes fornecidos. Além do mais, a quantidade de pares de sapatos por lote aqui fabricados de longe se comparava à produção dos polos coureiro-calçadistas do país.

ZÉ LUÍS: Por exemplo, tem muito aí em Fortaleza, tem muito fabricante, que chega a mercadoria, a mercadoria chega aqui, ixi! Muito barato! Aí pessoa aqui dentro de Belém vai querer fabricar, vai comprar material aqui dentro, é caro. Aí não dá, não tem condições.

Aí a pessoa, um pequeno fabricante aqui, vai fabricar, entrega numa loja dessa ele quer receber na hora. E de fora não, eles tem até 90, 30 dias, 60 dias pra pagar, aí tem mais vantagem. Aí pronto, foi isso que acabou. Muito sapateiro fechou por causa disso

Pouco antes desta conversa com os dois sapateiros, uma cliente que chegara perguntou a respeito de um par de sapatos que havia encomendado dias antes. A filha desta senhora estava às vésperas de seu casamento e há alguns meses procurava por várias lojas da cidade o sapato adequado para a cerimônia de matrimônio. Por não encontrar a combinação certa entre o tamanho (de número 40) e o modelo do calçado, acabou decidindo que seria melhor confiar os sapatos que usaria naquela data especial aos serviços de um sapateiro experiente.

Zé Luís mostrou-me algumas folhas de papel onde havia registrado as medidas dos pés da cliente: com os pés da moça apoiados sobre a folha de papel, o sapateiro conduziu com a caneta o contorno e a base; do calcanhar à ponta dos dedos ele mediu seu comprimento; circundando com a fita métrica o “peito” do pé da jovem, obteve a medida da altura. Entre estas páginas estava uma imagem do modelo que a cliente solicitara, desenho a partir do qual aquele senhor fabricara a peça do calçado.

Que ZÉ LUÍS: Sapato duma noiva. Sapato da filha daquela senhora. Ela vai casar ela. Pensa: 40! Ela não encontra sapato. Ela não encontrou. Ela veio comigo, pra eu fazer. “Faço!”.

Hoje o cara tem o dinheirinho e tal. Mas fabricar hoje em dia... Tem que fazer os dois mesmo. A gente faz olha... Hoje em dia trabalhar assim por encomenda dá. Olha esse sapato aqui. Esse sapato que eu “tô” fazendo eu cobrei... ela não encontrou né, na loja ela vai ela não encontra, do jeito que ela queria, né. Tal, modelo, tudinho, aí a gente faz. Isso aqui é couro, tudo no couro mesmo. Aí eu fiz pra ela por 150 reais. Na loja se ela for encontrar, ela encontra até mais caro, mas não encontra o tamanho dela.

A narrativa destes senhores aponta para o fato de que o serviço de fabricação acabou por se tornar no decorrer deste processo, enveredado entre os anos de 1970 a 1990, um dos meios de complementar a renda dos sapateiros. A partir dos anos de 1990, o serviços de conserto e reparo assume papel predominante nas oficinas e ateliês em Belém. Sobre a realidade atual do ofício de sapateiro, Chiquito exprime sua opinião de forma bem definitiva, e ainda prossegue o relato comparando os anos em que a fabricação de sapatos era uma atividade bastante lucrativa com a recente época em que fabricantes remanescentes sobrevivem aos últimos suspiros.

CHIQUITO: Fabricação mesmo acabou! Existe só conserto, se tiver uns quinze negócio de conserto, vai trabalhar 1 ou 2 só [com fabricação]. Antes não... era muita, muita fábrica.

CHIQUITO: Os cara comprava até o “passe”. Se trabalhasse bem... eles te davam era dinheiro pra ti largar daqui e ir “pr’ali”. Cansei de pegar dinheiro mano.

ZÉ LUÍS: Por exemplo, digamos que ele trabalhasse pro Zeno, se ele fizesse o trabalho bem e eu queria ele, aí eu chegava lá pagava pra ele, pagava o passe dele. Igual o jogador de futebol.

Estes últimos trechos das falas de Zé Luís e Chiquito apresentam a questão do “passe”. Os trabalhadores que se destacavam por sua destreza e qualidade dos serviços acabavam ganhando reconhecimento e boa reputação entre a comunidade de sapateiros da capital paraense. Os donos de oficina, ateliês e fábricas competiam entre si para ter estes artífices de maior estima entre seus funcionários, tanto que chegavam a realizar várias negociações pela transferência dos mesmos.

A fim de compreender os meandros da economia monetária característica da sociedade moderna industrial, Georg Simmel propôs uma análise menos interessada nos processos que envolviam especificamente a produção, voltando o olhar para a dimensão dos processos da cultura (Simmel *apud* Waizbort 2000): as interações sociais de caráter econômico promovem o movimento de pessoas e coisas por meio de trocas e permutas que produzem e redimensionam os arranjos organizadores da sociedade de mercado. Como resultado, os “processos de circulação” (Simmel *apud* Waizbort 2000) acabam por constituir o mecanismo

principal através do qual provém a expressão de valor que emana dos conteúdos simbólicos veiculados pela “mística do dinheiro” (Simmel *apud* Waizbort 2000).

Os fluxos de idas e vindas de sapateiros entre um estabelecimento e outro revelam um tipo interação social característica dos processos de circulação (Simmel *apud* Waizbort 2000) intermediados pela troca monetária: o “passe” é mais do que simplesmente uma “quantia em dinheiro”, na medida em que constitui um dispositivo que aciona a simbólica de uma cultura de mercado através do qual os atores sociais ressignificam a ideia de valor a partir dos deslocamentos de sujeitos e objetos e da reformulação dos quadros onde se assentam os arranjos sociais que organizam as relações entre as oficinas, ateliês e sapatarias.

Este elemento constitui mais um dos fatores que promoviam a intensa mobilidade dos sapateiros de uma oficina a outra. Segundo os interlocutores, quando um sapateiro passava a ser alvo destas negociações, ele levava em conta as melhores possibilidades na carreira, como também considerava uma ética do trabalho, que o impedia, por exemplo, de quebrar um compromisso abandonando a oficina do velho amigo, ou ainda, recusar-se a atender à convocação do antigo mestre quando este lhe solicita auxílio.

A decisão entre uma ou outra proposta partia, portanto, de ponderar o equilíbrio entre uma oportunidade objetivamente mais vantajosa e, por outro lado, pelo acionar de laços afetivos e vínculos simbólicos amarrados em uma rede de reciprocidades tecida ao longo dos anos por meio de uma gama de relações transgeracionais. O campo de possibilidades que a vida na urbe apresenta aos cidadãos é regido não apenas por uma dinâmica objetiva, pois que o deliberar entre uma vereda ou outra está imerso nas sutilezas do cotidiano, isto é, na dimensão das formas sensíveis que turgem de sentido a poética das grandes cidades (Sansot, 1996).

CAPÍTULO V

A PERSPECTIVA DE SEU ANACLETO

A decadência do ofício de sapateiro

5.1. A memória coletiva e a heterogeneidade das reminiscências

As historietas que até agora contemplamos conformam uma trama complexa que insinua as marcas da trajetória do ofício de sapateiro em Belém. Cada relato particular presenteia com lembranças únicas um quadro maior onde estão consteladas as imagens que evocam o passado da profissão e que, por conseguinte, fulguram na experiência vivida no tempo presente pelos sapateiros belemenses. As próximas linhas desatam o olhar acerca das narrativas de Seu Anacleto: as memórias que emanam por meio das palavras deste velho sapateiro confluem em direção àquelas imagens presentes nos relatos de Zeno, Sidnei, Zé Luís e Chiquito, porém revelam uma perspectiva peculiar e em muito diferenciada dos demais interlocutores. Com efeito, o pensamento de Maurice Halbwachs a respeito do tema da memória coletiva (2006) sugere os percursos através dos quais anuncio o presente capítulo, tópico no qual pretendo proporcionar reflexões em torno da sutil relação entre as memórias de caráter individual e aquelas oriundas de experiências compartilhadas e/ou engendradas no interior de uma comunidade ou grupo, isto é, as memórias de caráter coletivo.

Um destes olhares é o de Sidnei: ele acredita que grande parte dos antigos sapateiros que tiveram de fechar as portas de suas oficinas no passado, aproximaram-se deste destino por conta do próprio orgulho. Enquanto continuassem se negando a aderir aos serviços de reparo, seus empreendimentos estariam fadados à falência. Descrevendo a oficina do pai, ele explica que nos dias de hoje a entrada de dinheiro através da venda de calçados – sejam os fabricados por lote ou aqueles sob encomenda de clientes particulares – é pequena se comparada ao retorno financeiro proporcionado pelos pedidos de conserto. Sua narrativa sugere a necessidade de determinadas táticas (Certeau 1994) que asseguram que o trabalho de fabrico torne-se ligeiramente mais lucrativo, que podem envolver o caráter estético do calçado (atualizar as linhas de calçados à venda por meio da fabricação de modelos em *designs* novos, diferenciados e criativos), ou mesmo através de elementos diretamente ligados ao processo de produção, tal como adquirir estoques de matéria-prima de melhor qualidade por menores preços em outras regiões do país.

O ponto de vista de Zeno é de longe o mais otimista dentre os interlocutores. O sapateiro especula que o ofício irá render bons frutos por pelo menos mais duas ou três décadas. Ele defende sua afirmativa elencando ao longo de sua narrativa um contingente significativo de oficinas e ateliês de calçados espalhados pela cidade, lembrando-me constantemente do aglomerado de estabelecimentos concentrados ali naquela área dos bairros de Batista Campos e Campina e que eu mesmo havia localizado ao longo de minhas deambulações. Seu Zeno não nega que sobreviver unicamente como fabricante de calçados é uma tarefa impiedosa e que atualmente projeta horizontes estreitos para o futuro de qualquer sapateiro. No entanto, combinar esta atividade com os serviços de conserto e reparo demonstrou-se, na opinião de Zeno, a melhor alternativa para estes trabalhadores: a própria Zeno Calçados é exemplo claro de como esta iniciativa vem proporcionando boas recompensas.

Zeno ainda acrescenta em sua fala as esperanças que tem com relação ao ofício de sapateiro em outros cantos do Brasil. Quando falávamos sobre o colapso que atingiu a produção dos grandes polos coureiro-calçadistas do país nos anos 1990 (a região do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul e Franca, em São Paulo) e indiretamente as oficinas e ateliês da capital paraense, ele confessou suas expectativas de que em breve as duas regiões impetrarão sucesso em reerguer-se no cenário de crise.

Posicionamento outro é o de Zé Luís e Chiquito com relação às transformações econômicas no país que culminaram nesse processo de desenvolvimento da produção coureiro-calçadista nas regiões Sul e Sudeste. Estes senhores interpretam estas mudanças históricas como uma das principais causas do profundo declínio da fabricação de calçados em Belém: a entrada em larga escala de produtos de custo consideravelmente menores; as vantagens proporcionadas pelas novas formas de negociação entre fornecedores e revendedores, tal como a possibilidade de pagamento à prazo dos lotes de calçados. É importante observar atentamente que estes interlocutores mencionam a queda crescente no número de fabricantes em Belém, porém, não sugerem a decadência do ofício, no âmbito mais geral. Zé Luís e Chiquito compreendem este processo, na verdade, enquanto uma mudança gradativa que levou os sapateiros à especializarem-se também nas atividades ligadas à manutenção dos calçados e assumirem esta como a principal atividade rentável nos últimos anos.

As notáveis divergências entre estes três argumentos revelam as diferentes imagens evocadas pelas memórias de alguns membros de um grupo social mais ou menos definido, que compartilha as experiências ligadas a um saber-fazer característico e que participa de um

conjunto de práticas do cotidiano vividas em uma porção particular do espaço urbano. Sobre as paisagens de Batista Campos e Campina afeioam-se as memórias acionadas pela narrativa de cada um destes interlocutores, que ao descreverem ao seu modo versões próprias a respeito das modificações na cidade e as transformações no ofício, remodelam e redimensionam as noções de espaço e tempo, bem como a própria poética do viver a urbe. As múltiplas veredas percorridas por estas lembranças acabam por concorrer através de diferentes correntes, fluxos diluídos na enseada das águas da memória que conduzem e refletem a trajetória do ofício de sapateiro em Belém.

Logo, por mais conflitantes que sejam em certos aspectos os fluxos de suas narrativas, as falas dos interlocutores desembarcam em um ponto comum: o ofício de sapateiro não desapareceu e nem se encontra, porventura, em vias de desaparecer. O que ocorre é que a profissão enfrenta um processo de profundas mudanças. Estes interlocutores afirmam que apesar das dificuldades que os sapateiros tiveram de encarar nas últimas décadas, é através deste ofício que eles continuam conseguindo o sustento de suas famílias.

A perspectiva destes sapateiros encontra eco na presença/permanência de uma quantidade significativa de oficinas e ateliês que pude localizar e identificar concentrados em alguns bairros da porção central da cidade, a exemplo de Batista Campos, da Campina, da Cidade Velha, do Comércio e do Reduto. Obviamente, em suas narrativas os sapateiros revelam que há também oficinas espalhadas por entre os bairros periféricos da região metropolitana, como Guamá, Jurunas, Icoaraci, Marambaia, onde neste último trabalha o próprio pai de Zé Luís.

Zeno acrescenta outro importante elemento que corrobora com este ponto de vista: muitos rapazes que antes foram seus funcionários administram a própria oficina hoje em dia. Ezequiel, Lázaro e Davi são exemplos disso, sapateiros que aprenderam em várias oficinas, incluindo a de Seu Zeno, acumulando ao longo dos anos conhecimento suficiente para conduzir seus negócios²⁶. Além destes, há aqueles que cultivam o sonho de abrir o próprio empreendimento. Diego, rapaz que trabalha atualmente na Zeno Calçados, já havia confessado os planos de começar sua oficina em um futuro breve. Não obstante as dificuldades em transmitir os saberes e fazeres do ofício e constituir uma nova geração de sapateiros, estes exemplos demonstram que ainda existem aqueles indivíduos que tomam por herança arcar com o compromisso de não deixar se extinguir a profissão.

²⁶ As oficinas destes rapazes está situada no bairro da Campina, nas proximidades da Zeno Calçados, mais precisamente no perímetro entre as ruas Arcipreste Manoel Teodoro, Presidente Pernambuco e Padre Prudêncio. Havia identificado estes espaços ao longo de minha primeiras deambulações.

De encontro a estas narrativas correm as histórias contadas por Seu Anacleto, sapateiro de idade avançada, que pertence a uma geração anterior à de Zé Luís e Zeno. Ele trabalha em uma oficina localizada na avenida 16 de Novembro, nos limites entre os bairros de Batista Campos e Cidade Velha. Este senhor conta em certo tom de lamento imiscuído com um sentimento de insatisfação sobre determinados acontecimentos iniciados nos anos de 1960 que levaram à decadência do ofício de sapateiro. Suas palavras enunciam que para ele já não existem mais sapateiros em Belém, que há muito tornou-se inviável manter um ateliê ou mesmo uma pequena fábrica de produção de calçados na capital paraense.

Ele toma sua trajetória como exemplo: trabalha hoje em dia apenas com a manutenção de produtos dos mais variados gêneros. Ele investe no conserto não apenas de calçados, como também no reparo de bolsas femininas, mochilas, malas de qualquer modelo – das mais tradicionais, produzidas em couro, àquelas mais modernas, fabricadas em tecido ou material sintético – artigos e acessórios de couro e demais derivados. O próprio nome da oficina indica a multiplicidade de serviços ali oferecidos e a possibilidade de “salvar” qualquer objeto por mais danificado e envelhecido que esteja: “U.T.I. das Malas, Bolsas e Calçados” anuncia o letreiro inusitado colocado à entrada do espaço.

Se olharmos com atenção é possível perceber que as diferentes narrativas despontam certos diacríticos que esboçam a identidade profissional do grupo: os elementos comuns que os unem enquanto semelhantes é o conjunto de conhecimentos, valores e princípios que envolvem o saber-fazer, ou mesmo, o saber-viver que envolve os meandros de uma experiência laboral singular. Como nos coloca Ecléa Bosi (1994), “o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado” (Bosi 1994: 414). Porém, em cada trajetória particular reverbera as impressões de uma geração diferente de sapateiros, em cada relato específico repercutem as experiências vividas e compartilhadas em épocas distintas. Algumas ressoam “a experiência que anda de boca em boca” (Benjamin 1996), os reflexos diretos de um intercâmbio proporcionado pelo diálogo transgeracional.

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. (Bosi 1994: 413)

Como veremos nas próximas linhas, a narrativa de Seu Anacleto conecta-se às falas dos demais interlocutores, contudo revela uma contradição pertinente. Podemos vislumbrar o caráter heterogêneo da memória coletiva apontando nossa atenção para a forma distinta como este senhor compreende o que, de fato, é ser sapateiro. Na opinião de Anacleto, a manutenção de calçados que é realizada hoje em dia na grande maioria das oficinas caracteriza uma atividade de outra ordem, pois sapateiros são aqueles que fabricam calçados: criam modelos, desenham peças, conhecem todas as etapas de manufatura do calçado, produzem coleções. Se por acaso as oficinas e ateliês não mais sobrevivem desta atividade e investem em outros meios de trabalho, é sinal de que “aquele tempo” dos sapateiros já chegara ao fim.

5.2. A U.T.I. das malas, bolsas e calçados

“Tens que ir lá com o Seu Anacleto também. Ele é bem antigo, olha!”. Dissera-me Seu Zeno na tarde em que indicara algumas pessoas importantes que em muito poderiam contribuir para a pesquisa. Deu-me esta sugestão na feliz ocasião em que comentei a respeito de uma oficina de nome interessante: “U.T.I. das malas, bolsas e calçados”. Havia encontrado o espaço ali próximo da Zeno Calçados, mais exatamente na rua Padre Prudêncio. Como mencionado anteriormente, já localizara naquela área uma quantidade satisfatória de oficinas e ateliês de calçados. Perguntava agora a Zeno, que muito conhecia sobre o movimento daqueles arredores, se as pessoas que ali trabalhavam eram seus amigos, colegas ou conhecidos, pois desta forma aquele senhor poderia indicar-me onde poderia encontrar bons interlocutores para o desenvolvimento deste estudo.

Explicou-me então que este era um dos estabelecimentos de Seu Anacleto: Zeno aconselhou-me então a visitar a oficina localizada na avenida 16 de Novembro, lugar onde o velho sapateiro trabalha com o auxílio de mais outros dois senhores. Na verdade, o espaço atende pelo mesmo nome da oficina situada na rua Padre Prudêncio, porém é administrada por uma senhora chamada Dona Fernanda, como me informou mais tarde Seu Anacleto.

Por coincidência, encontrei durante a época da pesquisa uma antiga professora dos tempos em que fazia a graduação em Ciências Sociais. Ao contar-lhe sobre o estudo com os sapateiros ela acabou por me indicar um sapateiro que trabalha no mesmo ateliê, Seu Bené. Ela mora bem em frente ao lugar e é uma das clientes assíduas daquela oficina. Confessou-me que costuma levar regularmente pares de sapatos ali para os senhores realizarem ajustes ou reparos. Parafraseando as palavras – ditas em meio às risadas – da própria:

Ah! Mulher quando compra sapato tem duas opções: ela pode comprar aquele sapato bonitinho, mas que sempre vai fazer calo no pé... Ou compra o confortável, mas que parece com os sapatos que a avó usava. É sério! No meu caso, eu compro o bonitinho e acabo levando pro sapateiro arrumar pro meu pé. Se eu compro o confortável é só pra sair perto de casa.

Um pequeno corredor segue a porta de entrada da oficina. Este leva à sala onde trabalham os sapateiros. De frente para este corredor, por detrás da mesa coberta por ferramentas, potes de cola, bolsas danificadas e pares de sandálias velhas estava sentado um senhor negro, de cabelos grisalhos. Bem à vontade no espaço de labuta, aquele senhor vestindo apenas uma bermuda, mostrando-se pouco preocupado com qualquer formalidade acerca da indumentária. Divisava através das lentes dos óculos os detalhes da sola de uma sandália. Enquanto isso, executava pinceladas de cola com os próprios dedos sobre o material. “Diga?” foi como aquele senhor me recebera.

Perguntei primeiramente por Seu Bené – minha professora havia se antecipado e contado ao sapateiro que um aluno seu apareceria nos próximos dias a fim de conversar sobre sua história de vida – e ele respondeu que era o próprio. Mencionei então a indicação da professora, porém, Bené não recordava precisamente do assunto em questão. Prontamente expliquei que minha intenção era dialogar com os sapateiros daquela oficina pois estava realizando um estudo sobre a memória do ofício de sapateiro e quis saber se aqueles senhores poderiam contribuir para tal estudo. “Olha, conversa com aquele senhor ali, ele que é o proprietário aqui. Vê o que ele pode fazer por ti” – respondeu Bené.



O homem costurava uma bolsa feminina na máquina *typical* quando então lhe abordei. Enquanto conversávamos ele me fitava por sobre os óculos, com um olhar sério e penetrante. Eu estava ali com a intenção de observá-los e compreender a dinâmica daquele espaço, mas desde o momento em que entrei na oficina, fui também analisado minuciosamente pelos

sapateiros. Recordo com certa precisão as palavras que trocamos no primeiro diálogo que ali tivemos. Assim que retornei, tentei transcrever aquela conversa do modo mais fiel que a minha memória permitisse:

MANOEL: O senhor que é o Seu Anacleto?

ANACLETO: Sim, sou sim. Quê que o senhor deseja?

MANOEL: Ah, sim. Na verdade quem me indicou o senhor foi o Seu Zeno, sapateiro... aquele que trabalha ali perto da Trindade, o senhor conhece?

ANACLETO: Sim.

MANOEL: É que eu sou estudante da UFPA. Eu “tô” fazendo uma pesquisa sobre a história dos sapateiros daqui de Belém. Aí já conversei com vários sapateiros: Seu Zeno, o Zé Luís... aí eles me indicaram o senhor.

ANACLETO: Ah, mas o Zeno ainda é novo.

MANOEL: Eh... eh, na verdade, eu queria saber se eu poderia vir aqui algum dia pra conversar com vocês sobre a trajetória de vocês, se vocês poderiam me ajudar nessa pesquisa que eu “tô” fazendo.

ANACLETO: Olha rapaz, a questão é que a gente tá todo tempo trabalhando, aí não tem como a gente te dar tanta atenção assim. Mas o que é que tu quer saber?

BENÉ: É, porque aqui tem bastante trabalho, aí fica complicado. Tem que ver aí com ele.

MANOEL: Não, não! Não se preocupe, também não posso atrapalhar o trabalho de vocês. Vocês não precisam interromper o trabalho pra me dar atenção. O que eu queria é conhecer o trabalho de vocês aqui. Eu posso vir e ficar aqui sentado. Eu queria só ficar aqui olhando, observando, se der também tirar umas fotos. Se o senhor deixar é claro.

ANACLETO: Olha tu podes vir, ficar aí. Tira foto aí do que tu quiser. Mas a nossa rotina é essa. Trabalho o tempo todo. Aí tu vê o que tu tira pro teu estudo.

Naquele momento ele havia terminado com a *typical*, então se levantou e veio trabalhar em uma mesa mais próxima de onde estava Seu Bené e ali continuou a consertar a bolsa manuseando suas ferramentas. Assim que se acomodou no assento ele dirigiu-se a mim e então me indagou: “E essa tua pesquisa é pra que? É do governo é? É pra ajudar a gente? Porque eu vou te contar, tá difícil...”. Revelei então que o trabalho era proveniente de uma pesquisa de mestrado, tendo em vista conhecer a trajetória do ofício de sapateiro ao longo dos anos, compreender as mudanças que a atividade atravessou nas últimas décadas e identificar o cenário conformado nos dias de hoje.

Mal terminara de explanar as intenções de meu estudo e Anacleto, Bené e mais um terceiro sapateiro que estava ao fundo da sala iniciaram um verdadeiro desabafo. Enquanto reparavam os objetos que tinham em mãos, confessavam sua insatisfação com as transformações engendradas no cerne do ofício. “Hoje em dia tu não pode nem botar um moleque pra trabalhar que tu vai preso!”, resmungava Seu Anacleto. Seu Bené acrescentou: “Esses político, ao invés de fazer uma lei pra ajudar, fazem lei pra piorar! Essa molecada de hoje não quer nada com a vida por causa disso, se trabalhassem desde cedo não era assim”.

Estes senhores proferem em tom amargo que o tempo dos sapateiros “já acabou”, pois há mais de quarenta anos o ofício mergulhou em um processo de decadência, que teve início

nos anos de 1960 com a abertura da rodovia Belém-Brasília. Estes acreditam que a estrada abriu as portas do mercado belemense para os grandes produtores da indústria coureiro-calçadista de outras regiões do país. Nesse sentido, a narrativa de Bené e Anacleto vai ao encontro das memórias de Zé Luís e Chiquito quando estes contam a respeito das transformações entre as décadas de 1970 e 1990 que levaram os sapateiros da capital paraense a trocar a fabricação pelo serviço de conserto como atividade principal.

Olha, isso tem mais de quarenta anos... Desde que os cara abriram essa estrada aí, como é? Belém-Brasília (...)

Aí foi que veio sapato do sul tudo aí... Novo Hamburgo... Franca... muito sapato. Aí não teve como “pro” cara aqui em Belém fabricar sapato.

Era tudo mais barato e os cara ainda vendia a prazo, pra pagar só com um mês, dois. Aí acabo pro fabricante daqui.

Aqui em Belém? Não tinha como... Desde 1960 que começou a ficar ruim. Os curtume na época, foram tudo fechando... Aí já viu. Não tinha nem matéria-prima pra trabalhar (...) Tudo vinha de fora.

Essas loja aí compravam do artesão. Compravam direto aqui das oficina. Não tinha essa coisa de fábrica estrangeira.

Seu Anacleto mencionou que durante este período os municípios de Novo Hamburgo e Franca foram as regiões centrais da economia coureiro-calçadista no país. Ele completa que a predominância que os fabricantes destas cidades perpetraram durante três décadas no mercado dos calçados, foi então substituída gradativamente da década de 1990 aos anos 2000. “Quem ia pensar que aqui ia chegar sapato da China?” – dizia o sapateiro – e a partir de então foram os calçados chineses que passaram a difundir-se no mercado calçadista belemense²⁷.

Segundo seu Anacleto, a abertura da Belém-Brasília provocou outra mudança significativa na produção coureiro-calçadista em Belém: com a chegada dos produtos e

²⁷ A bibliografia pertinente a esta questão indica que o desenvolvimento de Franca e Novo Hamburgo enquanto polos da indústria coureiro-calçadista foi resultado de pesados investimentos do capital estrangeiro, que em três décadas transformou o Brasil em um dos principais fornecedores de produtos do gênero para o mundo. A produção brasileira tornou-se inclusive a principal exportadora de calçados para o mercado norte-americano. Contudo, as transformações políticas e econômicas de caráter neoliberal, iniciadas na presidência de Fernando Collor de Mello e que reverberaram no mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso provocaram o deslocamento do capital estrangeiro para a indústria coureiro-calçadista chinesa (Lagemann 1986; Lima 2008; Moser, Martins 2013; Nunes *et al.* 2013).

matéria-prima da região Sul e Sudeste, os curtumes de couro da capital paraense entraram gradativamente em crise e com o passar dos anos foram um a um fechando as portas. O senhor diz que hoje em dia, quem tenta fabricar sapatos não tem a possibilidade de adquirir a matéria-prima local, justamente por não haverem mais curtumes. Logo, o fabricante é obrigado a aderir aos fornecedores de matéria-prima oriundos de outros estados, material que, segundo Seu Anacleto, é tão caro que não compensa²⁸.

Por estes motivos, Anacleto acredita que hoje em dia já não é mais possível manter o negócio de fabricação de calçados em Belém. Ele considera que a essência do ofício está no ato mesmo de fabricar o sapato: se já não é mais possível manter esta atividade, então já não existem mais sapateiros. Enquanto que os demais interlocutores analisam o movimento em direção aos serviços de manutenção de calçados como uma mudança necessária, ele compreende de forma trágica esta transformação e lamenta com certa acidez o fato de restar, em sua opinião, apenas o serviço de conserto e reparo como atividade rentável.

ANACLETO: Sapateiro acabou já. Tem essa indústria aí hoje, né. Hoje em dia é assim. Tudo muda muito rápido. Aqueles cara que trabalhava com máquina de escrever... como é? Datilografia. Não existe mais! Quer ver? Alfaiate? Não existe mais! Hoje em dia eles só quer ganhar dinheiro

Interessante observar o caráter interpretativo deste pequeno trecho da narrativa de Seu Anacleto. Em suas reflexões, o sapateiro compreende que cada uma destas atividades é devedora das circunstâncias dadas em uma determinada época. O datilógrafo, o alfaiate e o sapateiro da fala de Anacleto prosseguem representando seus papéis enquanto o cenário característico para o ato ainda existir. Da feita que o plano de fundo é modificado, transforma-se não apenas o espaço: as amarras de um tempo vivido também afrouxam-se para ceder aberturas para novas tessituras. “O tempo que o homem considera como seu é aquele onde ele concebe e executa suas empresas... A época pertence aos homens mais jovens que nela se realizam por suas atividades, que animam com seus projetos” (Bosi 1994: 421). E assim a época daquelas pessoas, de certas práticas, de outros costumes passa a compartilhar o tempo do novo, do inovador com as novas gerações.

O tempo de Anacleto agora é outro. Ele trabalha atualmente em sua oficina exclusivamente com o serviço de manutenção. Ali são realizados vários tipos de reparos e nos objetos dos mais variados gêneros: não apenas sapatos, como também mochilas, cintos, bolsas

²⁸ As narrativas dos demais interlocutores aproximam-se da fala de Seu Anacleto quando este critica os altos preços da matéria-prima que aqui chega. Contudo, Sidnei revelou as táticas que se utiliza para reverter esta dificuldade.

femininas, malas, artigos e acessórios de couro ou material sintético. Tanto no ateliê da avenida 16 de Novembro quanto no estabelecimento da rua dos 48 é possível encontrar uma enorme quantidade de malas esperando o conserto.



Seu Anacleto revelou-me inclusive que boa parte do trabalho com as malas não diz respeito à manutenção do couro ou algo do tipo. Na maioria das vezes o cliente aparece na oficina com um destes modelos novos de malas com carrinho, em que o problema está no puxador acoplado à traseira da mala. Como resultado, o sapateiro acabou por ter de desenvolver conhecimento referente à mecânica do acessório. Em alguns casos, ele se vê obrigado a contatar os fabricantes desta peça quando o conserto já não é mais suficiente, restando apenas a substituição por uma peça nova.

Olha aí, tá cheio de mala... Vem um e deixa aí pra consertar a peça... Mas eu não tenho... Aí tem que ligar pro fabricante né, o fornecedor, pra encomendar...

Vislumbrando a trajetória do ofício de sapateiro em Belém através das imagens evocadas pela narrativa de Seu Anacleto, concebem-se não apenas mudanças históricas, na

medida em que a perspectiva do senhor percorre, por assim dizer, um lamento que anuncia infortúnios sucessivos, conduzindo a certos esquemas e quadros sobre os quais repousam as impressões que marcaram de forma mais negativa as memórias do senhor. Apesar destes aspectos que imprimem um caráter trágico às suas lembranças, bem como as dificuldades cotidianas oriundas de um processo de mudanças, Seu Anacleto afirma que não trocaria sua profissão por nenhuma outra. O próprio enuncia:

O trabalho é esse: mala velha, sapato velho, bolsa velha; e eu não troco por nada, eu aqui não sou mandado, não preciso bater ponto... Não preciso trocar de roupa.

É difícil com tu tá vendo aí, mas é isso mesmo. Tem que trabalhar, senão como é que o cara vai comer?

É importante perceber a importância que o senhor atribui ao fato de não ter patrão, de não dever satisfações a ninguém. O espaço da oficina é um lugar de maior liberdade, ele não precisa trabalhar uniformizado, pode abrir e fechar a hora que quiser. Naquele espaço, os sapateiros produzem não apenas no sentido do trabalho, pois também elaboram novas formas sociais, na medida em que redimensionam os arranjos que conformam sua atividade laboral. Com efeito, o caráter lúdico acrescido ao trabalho por meio das sociabilidades, a maior autonomia e liberdade no processo produtivo, o desprendimento das formalidades de um espaço racionalizado, constituem os elementos que sugerem o manifestar de uma poética enunciada na oficina, que concebe uma disciplina do trabalho de ordem outra, assim como uma ética profissional da ordem do vivido.

5.3. As complicações e sutilezas do diálogo com os interlocutores

Anacleto e Bené foram, sem sombra de dúvidas, os interlocutores mais difíceis de conversar durante o desenvolvimento da pesquisa²⁹. As primeiras impressões com relação a estes senhores foi o inconfundível semblante ranzinza e a acidez que atravessa suas narrativas. Assim que chegava na oficina, os dois senhores me olhavam meio desconfiados por cima dos óculos. Cumprimentava-os e em seguida tentava recordá-los sobre o estudo que estava realizando. “Olha, eu não posso te dar muita atenção agora... mas tu fica à vontade aí, pode entrar, pode olhar, se quiser tirar foto...” – dizia-me Seu Anacleto. Pouco mais de dez

²⁹ Receoso de ser muito invasivo, registrei a maioria das conversas apenas com a caneta e papel nas mãos. Foram raras as ocasiões em que utilizei o gravador, e mesmo nestas situações, ficaram guardadas apenas certos trechos de diálogos informais que acabaram por constituir os fragmentos da narrativa do sapateiro.

minutos passados, o sapateiro repetia a pergunta: “Quê que tu queres saber mesmo?”. Quando falava que estava estudando as memórias do ofício de sapateiro e que gostaria de conhecer um pouco da história da profissão, tanto Anacleto quanto Bené insistiam que o ofício já não existe mais, repetidamente desencorajando a pesquisa afirmando que se era esse o tema do trabalho, já não havia o porquê de estudar uma coisa que não teria futuro ou utilidade.

O interessante é que sempre que ia à oficina, mesmo dizendo que estava ocupado demais, o sapateiro começava a lembrar sobre como a profissão foi desaparecendo e iniciava assim suas narrativas. Seu Anacleto, mesmo sendo um interlocutor difícil, desatava a fala e só calava com certa demora. Com uma voz bem baixinha, ele tece suas narrativas em ritmo vagaroso, pausado. Apesar da calma presente na sonoridade de suas palavras, estas conformam um discurso crítico e contundente que avalia, examina e reflete sobre suas experiências ao longo dos anos.

Destaco aqui a importância do caráter sensível das artes de narrar. Seguindo as reflexões de Walter Benjamin (1996), compreendo a narrativa por meio dos dois aspectos que a constituem: o *contar* só existe na medida em que o narrador encontra uma plateia que se ocupa em *ouvir*. A partir do momento em que uma das partes se ausenta, quebra-se a conexão e assim termina a comunicação.

Ao longo dos diálogos que participei na oficina de Seu Anacleto, tive de experienciar certos dilemas que envolviam o cuidado com a objetividade metodológica e o caráter sensível de minhas impressões com relação aos senhores que ali me revelavam suas histórias. Questão de ética no fazer antropológico é saber quando estamos afetando ou mesmo trespassando os limites que são construídos entre interlocutor e pesquisador: minha grande preocupação era não interferir na rotina de trabalho daqueles senhores. No entanto, o problema maior era saber a hora exata de deixar a oficina. Mas como fazê-lo quando o sapateiro prosseguia narrando sobre o passado da profissão. Estas ocasiões demonstram alguns daqueles momentos em que o antropólogo encontra-se atravessado por um turbilhão de emoções, impressões e sensações das mais variadas ordens: mesmo que eu estivesse seriamente preocupado em estar atrapalhando o trabalho deles, ficava mais angustiado ainda com a ideia daquele senhor sentir-se ofendido caso eu me despedisse repentinamente e interrompesse a sua fala.

“Nossa rotina é essa aí: trabalho!” – repetia seguidas vezes o sapateiro enquanto realizava os consertos. A destreza dos gestos de Seu Anacleto conduzindo o couro sob a agulha da máquina *typical* acompanhava a rítmica através da qual articulava as palavras e amarrava as lembranças. Com efeito, o trabalho da memória (Bosi 1994) e o trabalho técnico, propriamente dito, acionados pelo ofício acabam por confluir por entre as veredas do tempo,

percorrendo imagens de uma Belém de outrora, “aquela época” quando ainda existiam “os sapateiros de verdade”.

CAPÍTULO VI

A Proletária Sapataria Os irmãos Pedro e Luís

6.1. Para além das oficinas de Batista Campos e Campina

É de se esperar que no âmbito de qualquer pesquisa etnográfica, o antropólogo procure estabelecer, antes de tudo, determinados percursos pré-definidos que delinearão as veredas pelas quais trilhará o trabalho de campo. Porém, o contato com os interlocutores e a experiência de alteridade que advém do transitar pelas camadas do universo cultural do Outro, tendem a desvelar horizontes e possibilidades diversas que o pesquisador sequer cogitara enquanto se encontrava em seu gabinete de trabalho, concentrando-se em suas reflexões, apenas preocupado com o elaborar de um projeto de estudo. É através da experiência etnográfica que os próprios objetivos e problemáticas da pesquisa são de fato construídos e, em certa medida, demarcados.

Desenvolver uma investigação antropológica no mundo urbano belemense, por certo, não seria diferente. As pesquisas que precederam minhas expectativas com relação ao estudo sobre o ofício de sapateiro, forneceram uma base de dados através da qual determinei quatro bairros da capital paraense nos quais realizaria pesquisa de campo. Contudo, as primeiras caminhadas pelos bairros de Batista Campos e Campina já me ofereceram um rico território onde havia encontrado um número significativo de oficinas e ateliês de sapatos. Sendo assim, a primeira mudança no projeto inicial foi delimitar a observação a estes dois bairros centrais, tendo em vista o vasto recorte de pesquisa que aquela área determinada me apresentava.

As modificações em meu plano de trabalho, porém, ainda não haviam acabado. Com o recorte espacial já definido, restava-me então iniciar o diálogo com os interlocutores. A partir das conversas com Seu Zeno, Zé Luís e Chiquito, fui obrigado a ultrapassar os contornos de Batista Campos e Campina que antes havia proposto. Quando descreviam os acontecimentos que resultaram no surgimento/difusão dos serviços de conserto entre os sapateiros de Belém, estes senhores mencionavam em sua narrativa um elemento recorrente: “A Proletária”. Os sapateiros enfatizavam incentivos do tipo: “Tu tem que ir lá”, “Eles são muito antigo ali!”, “De conserto é o mais antigo”. Na opinião dos três, seria imprescindível para minha pesquisa conhecer A Proletária, uma oficina de calçados que funciona desde 1940, localizada no bairro

do Reduto, administrada pelos senhores Pedro e Luís, irmãos que herdaram o negócio após o falecimento do pai.

Consultando minhas anotações, descobri que os sapateiros haviam me indicado endereços diferentes. Seu Zeno havia me dito que o ateliê ficava na rua Quintino Bocaiúva de canto com a rua Benjamin Constant. Chiquito, por sua vez, indicara que a oficina estava localizada na rua 28 de setembro, de esquina com a Quintino Bocaiúva. Não quis arriscar saber qual dos dois estaria certo. Para evitar qualquer desencontro, procurei através do Guia Telefônico disponível na internet, pelo possível endereço da sapataria. Por sorte, tive êxito na busca: segundo o site que consultei, “A Proletária” estaria localizada na rua Benjamin Constant, entre as ruas 28 de setembro e Manoel Barata.

O clima agradável daquela manhã convidava-me para a experiência em campo. Escapava também de três longos dias de trabalho intenso transcrevendo entrevistas e relendo a enxurrada de anotações do diário de campo. Por volta de nove da manhã, caminhei para o ponto de ônibus. Ainda havia cogitado a possibilidade de ir a pé ao bairro do Reduto – menos que um obstáculo, a distância do percurso se apresentava como um interessante estímulo para etnografar. Porém, ainda sentia um pequeno incômodo no tornozelo machucado, resultado de um acidente ocorrido poucos dias antes. Logo, não me restava outra opção a não ser andar de coletivo e reduzir o trajeto trilhado a pé.

Saltei na rua Assis de Vasconcelos, quase de esquina com a rua Manoel Barata. Ainda teria de caminhar cerca de três longos quarteirões antes de chegar na sapataria indicada pelos interlocutores. Pouco demorou para eu perceber a semelhança daquele perímetro com as ruas do bairro da Campina: casarões e prédios antigos figuram junto às construções mais contemporâneas, conformando uma paisagem que, em certa medida, evoca imagens de uma Belém de outrora.

E assim como as reminiscências de um passado belemense repousando nos elementos arquitetônicos do lugar, destacam-se algumas das práticas sociais engendradas naquela redondeza. Logo, na primeira esquina deparei-me com uma placa anunciando a existência de uma oficina de sapatos ali próximo. Sobre um toldo amarelo lia-se “Sapataria Piedade”. A placa apontava rua abaixo. Lancei o olhar naquela direção e pude visualizar um pequeno estabelecimento em frente ao qual encontrava-se um letreiro maior com as mesmas indicações. Ao fim do quarteirão seguinte, vislumbrei alguns senhores tomando café e lendo jornal nos bancos de uma padaria: as características do lugar e a rítmica daquele tipo de sociabilidade acresciam à rua os ares da idade avançada, por assim dizer.

Subi a Manoel Barata a passos lentos por conta do tornozelo machucado, aproveitando assim para deter-me um pouco mais à apreciação daquela paisagem. Assim que fiz a curva na rua Benjamin Constant, percorri com os olhos os dois lados da rua a fim de encontrar a oficina. Conforme me aproximava da rua 28 de setembro, compreendia de forma mais legível o que dizia a placa à frente da porta do estabelecimento: “A Proletária: conserto de calçados em geral”. Sentado próximo à entrada encontrava-se Seu Pedro, e logo ali próximo, atrás do balcão, estava seu irmão, Luís.



Dirigi-me primeiramente ao senhor que estava logo no porta. Perguntei-lhe se era mesmo ali que trabalhavam Seu Pedro e Seu Luís. Ele prontamente me respondeu que era o próprio, e que o segundo encontrava-se no balcão atendendo os clientes. “Pois não, o que o senhor deseja?” – indagou-me o homem de cabelos grisalhos. Expliquei então, que estava realizando havia mais de um ano um estudo a respeito do ofício de sapateiro na cidade de Belém. Conteí ao senhor que nos últimos meses havia conversado com vários sapateiros da porção mais central da cidade. Acrescentei que estaria procurando aquela oficina por sugestão destes. Quando referiam-se à oficina, meus interlocutores revelavam a boa reputação que aquele estabelecimento possui, e que ali eu encontraria dois senhores que, sem sombra de dúvida, poderiam me ajudar em minha investigação, por conta de sua longa trajetória na profissão.

Seu Pedro logo respondeu: “O que tu precisar a gente te ajuda, o que tu quiser saber a gente te conta”, e em seguida, tivemos uma breve conversa³⁰. Expliquei ao senhor a respeito do que se tratava o estudo, conteí um pouco sobre o que já havia descoberto com outros sapateiros. Ele falou sobre os primeiros anos trabalhando ali, que a oficina na verdade era de seu pai, que além da oficina de conserto, administrara uma pequena fábrica de calçados, onde trabalhavam em média cerca de 12 operários. No ano de 1951, assim que o pai faleceu, ele e o irmão Luís assumiram apenas a oficina de consertos. Hoje em dia o espaço ao lado onde ficara a fábrica é alugado para terceiros.

Após essa conversa introdutória, combinei então com Seu Pedro de retornar em outras ocasiões, com mais calma e maior tempo disponível para conversar com os dois sapateiros. No próximo tópico apresento as narrativas destes dois senhores, vislumbrando o modo como estes encaram as atuais condições de trabalho no ofício de sapateiro, levando em conta suas memórias a respeito da trajetória desta atividade no decorrer dos anos em que trabalharam ali naquele espaço.

6.2. Os herdeiros de Seu Tibúrcio

A história d’A Proletária Sapataria tem seu começo no ano de 1940. Tibúrcio Filomeno da Silva Costa (na foto a seguir³¹), pai dos dois senhores que hoje administram a oficina, era oriundo de São Luís do Maranhão. De acordo com os relatos de Seu Pedro, este

³⁰ Assim como nas outras oficinas, quando percebia que os sapateiros encontravam-se muito ocupados, decidia retornar em outra oportunidade para não atrapalhá-los em seu trabalho.

³¹ Os irmãos Pedro e Luís guardam o retrato do pai pendurado no alto da parede da oficina. Assim que começaram a contar a história do patriarca apontaram para a moldura: “É aquele ali”.

mudou-se para Belém – ele não revelou qual teria sido o ano exato da chegada do pai – e foi aqui que se casou e instalou o negócio com calçados. O casal e mais seis filhos, três homens e três mulheres, morou nos altos do prédio onde até hoje funciona a sapataria. No andar térreo, Seu Tibúrcio mantinha uma pequena fábrica de calçados e logo ao lado funcionava a oficina de consertos.



Atrás do balcão de onde atende os clientes, Seu Luís recorda em seus relatos dos primeiros anos em que aprendera ali mesmo com o pai os saberes do ofício de sapateiro. Apontando para uma bancada que estava ali próxima, ele indicou o lugar onde Seu Tibúrcio sentava para transmitir aos seis filhos o conhecimento que possuía. De acordo com Seu Luís, não havia distinção entre os três rapazes e suas irmãs mulheres: todos os filhos receberam os mesmos ensinamentos e eram capazes do mesmo trabalho³².

³² É interessante observar as narrativas de Seu Luís, Seu Zeno e Nazareno, que revelaram a presença de mulheres no ofício de sapateiro em outros períodos, demonstram uma realidade em certa medida diferenciada daquela observada por alguns estudos acerca do tema que indicam a predominância da presença masculina na atividade. O primeiro conta que suas irmãs aprenderam o ofício com o pai e trabalharam na oficina antes de constituírem família. Em outra ocasião, conversando com Zeno e Nazareno, ouvi os dois relembrares de algumas mulheres que trabalharam como sapateiras, entre as quais se destacam “Cotinha” e a ex-esposa de Seu Nazareno, sapateiras de talento, segundo os dois. Contudo, não tive a oportunidade de conhecer nenhuma mulher exercendo o ofício ao longo da pesquisa, o que indica a preponderância da mão-de-obra do gênero masculino. Apenas uma investigação de maior folego poderia dizer mais a respeito da presença de mulheres exercendo o ofício de sapateiro.

SEU PEDRO: Pode tomar nota aí. O nome dele era Tibúrcio Filomeno da Silva Costa [...] Ele era de São Luís, veio pra cá e... Casou e... Abriu uma loja e começou a trabalhar.

SEU LUÍS: A nossa casa era aí do lado... a gente morava lá em cima e embaixo era a oficina.

SEU LUÍS: Com nosso pai, aprendemo tudinho. Nós era seis irmãos. Três homens e três mulheres. O velho sentava aqui no meio da banca. E nós sentava aqui do lado pra aprender com ele. Nisso pra engraxar sapato, colar sapato... costurar sapato. Fazer o sapato que entrava, né.

O último trecho do relato de Seu Luís oferece um exemplo que descreve aspectos específicos do processo de aprendizado peculiar às atividades de caráter de ofício, tal como nos aponta Eliot Freidson (1995): a formação e capacitação laboral engendrada por meio da observação direta e da própria prática; a transmissão de conhecimentos ocorre no próprio espaço de trabalho, que tende a estar situado em um ambiente familiar regulado por regras que obedecem mais ou menos³³ a um tipo de hierarquia geracional específico. De modo geral, estes fatores encontram-se presentes também nas narrativas dos demais interlocutores, compondo assim um quadro que reflete a compreensão dos próprios senhores acerca de sua atividade de trabalho, onde estão elencados os atributos comuns à maioria dos ofícios manuais tais como o de sapateiro.

Na perspectiva de Seu Pedro, instruir-se no ofício de sapateiro implica em uma longa marcha a lentos passos, que como já havia me dito Zeno, requer “muita paciência” por parte do principiante e vontade para aprimorar suas técnicas. A própria história do filho de Seu Tibúrcio serve de exemplo: de modo curioso, o sapateiro conta que apesar de trabalhar com calçados desde os quinze anos de idade – lembrando que passara os anos anteriores de sua infância recebendo os ensinamentos do pai – só chegou a aprender, de fato, após uma quinzena de anos de *sacrifício* trabalhando e acumulando conhecimentos. No ano de 1966,

³³ Como já observado em capítulos anteriores, a organização de uma oficina depende de outros elementos que complementam os diferentes níveis de autoridade que tomam por base a idade e experiência do sapateiro: como exemplo, temos Seu Zeno que pode ser considerado “mais novo” se comparado a outros donos de oficina e, que no entanto, assume o papel de patrão de sapateiros que são inclusive mais velhos que ele próprio.

quando já alcançara a altura dos trinta anos de idade, ele deixou a condição de “aprendiz”, por assim dizer, e tornou-se realmente um *operário*.

Seu Pedro argumenta que uma das virtudes necessárias ao “bom sapateiro” é a capacidade de se *sacrificar* pelo ofício. Ele compreende que o indivíduo que não estiver disposto a gastar tempo e dedicação no sentido de engajar-se na atividade, dificilmente obterá sucesso em sua carreira e, menos provável ainda, chegará o dia em que ele se tornará “um sapateiro de verdade”. Este sacrifício significa anos trabalhando na condição de aprendiz, ajudante ou auxiliar, período durante o qual deve procurar nos mais velhos a maior quantidade possível de lições, conselhos e direcionamentos. Este aprendizado era custeado pelo próprio iniciante, o que poderia significar o pagamento em certa quantia em dinheiro ao proprietário da oficina e/ou professor, ou em outras circunstâncias, o aluno trabalhava sem remuneração durante certo período de tempo (Malatian 1996). Este percurso é, de acordo com Seu Pedro, fundamental para que o neófito na arte dos calçados possa no futuro tomar o lugar daquele que um dia teria sido seu mestre.

Aprendi em sessenta e seis. Meu irmão também (...) Só fui aprender tudo já com muitos anos. E é assim: vai trabalhando, vai aprendendo.

O ofício é isso: sacrifício. Tem que trabalhar muito até aprender. Sem sacrifício não tem como o cara aprender de verdade.

Todos eles vem pra cá pra aprender. Todos os operários. Todos que vem pra cá é pra aprender.

Devia ter um sindicato, como antigamente tinha, o sindicato... Sindicato dos Sapateiros. Podia fazer como esses outro lugar aí, abrir uma escolinha. Podia abrir um sindicato, pra ajudar os sapateiro. Devia ter uma escolinha, antigamente tinha, hoje em dia não tem mais nada. Pra aprender, né. Tudo isso é importante pro sapateiro.

É interessante observar a maneira como Seu Pedro se refere à categoria de trabalhadores do ofício dos calçados: *operários*. Por mais que o trabalho manual constitua elemento imprescindível tanto para a fabricação, quanto para a manutenção de sapatos, o sapateiro pouco menciona o termo artesão. Não obstante a dimensão estética, sensível e afetiva que envolve o processo técnico de criação ou reinvenção dos calçados, foram raras as vezes em que Seu Pedro ou outro interlocutor chegou a denominar-se enquanto artista.

Ao se identificar enquanto operário, o filho de Seu Tibúrcio revela em sua narrativa que a atividade em questão concilia elementos de dois tipos distintos de produção – de um lado a mecanizada e do outro a manual; a fabril/industrial e aquela da oficina ou ateliê familiar. Além disso, insinua uma espécie de identificação histórica com a luta de movimentos sociais e sindicais com a classe proletária, tal como o próprio nome da sapataria indica. Este elemento conformador da ideia que Seu Pedro formula com o grupo é, por certo, o reflexo das memórias que envolvem o passado de lutas políticas dos sapateiros de Belém. Engajamento político que, segundo Seu Pedro, já não faz parte das motivações e anseios das gerações mais jovens de sapateiros.

A reputação daquela sapataria advém não apenas do fato de funcionar a muito mais tempo, segundo os interlocutores, que as demais oficinas da capital paraense que existem atualmente. Antes que eu tivesse conversado com os dois sapateiros, Chiquito já havia me contado sobre a notoriedade d'A Proletária, fama que envolve acontecimentos antigos que remontam ao período da Segunda Guerra Mundial: ele revelou-me que é conhecida entre os sapateiros mais velhos a história de que ali n'A Proletária “eles fizeram sapato ‘pra’ Guerra”. Durante as conversas com Seu Pedro, descobri que durante os primeiros anos da década de 1940, a sapataria de Seu Tibúrcio atendia pedidos dos Estados Unidos, produzindo botas para os soldados americanos, além de realizar semanalmente a manutenção destes calçados.

CHIQUITO: Eles tão lá desde 1940. Eles fizeram sapato pra Guerra. Veio do pai dele.

SEU PEDRO: Olha, nós aqui “fizemo” sapato pra Guerra. Nós “fizemo” sapato pros americano. Americano! Aí depois eles “vinha” deixava aí. Vinha numa semana e... na outra semana eles tirava... Vinha trinta, quarenta pares de bota. Toda semana!

No ano de 1951, o patriarca da família veio a falecer, deixando para os filhos a missão de dirigir A Proletária. Seu Pedro tinha àquela época quinze anos de idade e Luís, o caçula dos seis irmãos, apenas treze. Contam que após o falecimento do pai, só foi possível manter a administração da oficina de consertos, sendo obrigados a fechar as portas da pequena fábrica. Com o passar dos anos, os herdeiros de Seu Tibúrcio tomaram caminhos próprios à medida que constituíam as suas famílias. Desse modo, restaram apenas estes dois senhores que até hoje continuam trabalhando na sapataria.



SEU LUÍS: Todos os 6 trabalhavam com sapato. Todos os 6. Aí as moça foram crescendo, se casaram. E a família foi se dividindo, né. Os único que tá de pé aqui somos nós dois. Ele tá com setenta e...oito anos, eu tô com setenta e seis. Enquanto o Grande quiser, nós “tamos” aqui.

SEU PEDRO: Eu trabalho aqui desde garoto. Desde 15 anos eu trabalho aqui.

SEU LUÍS: Nós trabalhamos junto desde que o nosso pai morreu. Aí nós fomos aprender a dirigir o negócio desde quando ele morreu. Há sessenta e três anos, né. Nosso pai morreu que nós “tomamo” conta.

Das palavras sobre o “Grande” presentes na fala de Seu Luís acima transcrita emergem imagens da fé do trabalhador depositada na providência divina, aspecto importante que ilumina a questão acerca da presença do sagrado nas oficinas de calçados em Belém. Sem exagero algum, posso afirmar que em todos os ateliês que frequentei ao longo deste estudo, apreciei a presença de variados tipos de objetos e acessórios de caráter religioso, elementos que revelam uma série de vínculos simbólico-afetivos (Silveira 2009) que estes senhores estabelecem por meio de sua atividade laboral com a ordem do sagrado (Durand 1995).

Calendários e cartazes decorados com as representações de santos e santas enfeitam as paredes do espaço de trabalho destes sapateiros. Estes dividem espaço com mensagens

religiosas e salmos bíblicos impressos em folhas de papel que acabam por conformar uma espécie de mural sobre o qual estes trabalhadores guardam sua devoção. Em algumas oficinas é possível até mesmo encontrar exemplares e imagens das santidades, assentadas em pequenos e singelos altares. Em meio a esta variedade de artefatos de caráter religioso, cartazes do Círio de Nossa Senhora de Nazaré de diferentes anos revelam a fé destes artífices para com a padroeira dos paraenses.



Na obra *A fé do sapateiro*, Gilbert Durand (1995) reflete acerca do embate entre a possibilidade de uma “experiência simbólica autêntica” com relação à existência de uma “mentalidade científica e técnica” e o decorrente desagrado da sociedade moderno-contemporânea com a dimensão do espírito e a desvalorização do imaginário. Durand argumenta que por mais profundas que sejam as marcas do processo de “desespirtualização iconoclasta” que aflige a sociedade do Ocidente, o ofício de sapateiro revela uma das artes que concebem vínculos outros entre o indivíduo moderno e a poética dos símbolos. Por meio da linha e da agulha, o artesão une não apenas a sola à pala do calçado: a imaginação criadora o conduz a reconciliar a materialidade terrestre à transcendência do espírito (Durand 1995). O sapato feito pelas mãos do artesão revela algo além do que apenas o acessório que protege os pés do caminhante. Mais que isso, é um dos símbolos que sugerem o percurso do mortal na terra em proximidade aos céus e ao sagrado.



A ambiência das oficinas é, portanto, túrgida de formas sensíveis (Sansot 1983) que emergem enquanto produto do saber-fazer do sapateiro, assim como de um saber-viver que está ligado a trajetória social de cada um destes senhores. O conteúdo sensível das formas sociais (Simmel 1983) torna-se, por sua vez, também produtor de formas outras, remodelando e adornando a existência material e subjetiva dos indivíduos: santos e santas os acompanham na rotina diária, amaciando as mãos calejadas e sujas de tinta, remediando os ferimentos do corte da lâmina e das espetadas da agulha, protegendo-os e agraciando-os com o sucesso na profissão e conduzindo-os da melhor forma possível na labuta e em seus caminhos na vida. Os sapateiros e seu próprio local de trabalho seguem então habitados por estas imagens do sagrado que constelam a experiência de fé destes homens. A atividade laboral transcende seu caráter objetivo na medida em que passa a nutrir o cotidiano da cidade com a coexistência/complementaridade (e não menos, o conflito) entre real e imaginário, conectando a materialidade do trabalho à simbólica da vida na urbe.

6.3. “Hoje em dia já não tem mais”: uma história de trabalho e de transformações

Rememorando os anos vividos ali naquela oficina, os irmãos Pedro e Luís lamentam as circunstâncias que desencadearam, ano após ano, um série de mudanças e, por conseguinte,

o empalidecer de um antigo fulgor cujo brilho enaltecera em outras épocas o valor do ofício de sapateiro em Belém. Lembranças estas que vão ao encontro das reminiscências presentes nas narrativas dos demais interlocutores, acentuando, por exemplo, a perda de espaço no mercado dos calçados em decorrência da chegada “dos sapatos do Sul”; a escassez de matéria-prima e a elevação de seu preço atribuídas ao fechamento de grande parte dos curtumes de couro locais; e o número cada vez menor de aprendizes do ofício, tornando cada vez mais difícil formar e capacitar uma nova geração de sapateiros. Porém, a fala de Seu Pedro revela um sapateiro que não assiste passivo a estas transformações e que procura realizar um trabalho cada vez melhor, apesar de todas estas dificuldades. E mais ainda, sugere alternativas para a categoria que, em certa medida, podem vir a alavancar um processo de reorganização do ofício e das condições de trabalho destes indivíduos.

Durante nossas conversas, pedi aos senhores que me explicassem sobre a situação atual do ofício, se o conserto e reparo de calçados rendia bons frutos, se existiam muitas dificuldades para trabalhar naquele ramo, e como teriam sido os anos anteriores comparados ao quadro mais recente. O retorno de Seu Pedro e Seu Luís conduziu-me logo à questão da disponibilidade de matéria-prima e da mão-de-obra específica para o exercer do ofício. “Escasseou tudo! Tanto o material, quanto pessoal ‘pra’ trabalhar!” – responderam-me os dois sapateiros. Os filhos de Seu Tibúrcio afirmam, sem pestanejar, que o ofício de sapateiro em Belém “já foi muito melhor”.

As perceptíveis dificuldades enfrentadas por estes trabalhadores e o número significativamente menor de oficinas em relação aos períodos anteriores da produção calçadista na capital paraense não são os únicos aspectos que configuram, na opinião destes senhores, a conjuntura que reflete as vias de um declínio e desvalorização da atividade. Eles acreditam que grande parte dos sapateiros que hoje iniciam novos ateliês de calçados em Belém não possuem, de fato, o domínio do saber-fazer e preocupam-se menos ainda em aprimorar seus conhecimentos. A falta de comprometimento com o ofício e com a qualidade do trabalho é um dos fatores, na perspectiva de Seu Pedro, que contribuí para a decadência do setor calçadista em Belém e, certamente, para a desvalorização da imagem do sapateiro e a perda de estima pelo trabalho do “operário”.

SEU PEDRO: Hoje em dia tá caro. Material tá muito caro. Quilo da sola tá quarenta reais. E é assim. Cola tá caro, tudo tá caro.

MANOEL: Mas essa matéria-prima é daqui mesmo ou vem de fora?

SEU PEDRO: Não... Vem de São Paulo. Tudo de fora!

SEU PEDRO: Curtume tinha aqui mas fechou tudo. Tinha uns três curtume aqui fecharam tudo. Não sei te dizer a época. Mas faz, mais de vinte anos.

SEU LUÍS: Eu acho que antigamente nós tinha mais, tinha mais, possibilidade de comprar material e de arranjar também pessoas pra trabalhar. Eu hoje... tá vendo? Tá tudo escasso atualmente. Tanto material, como pessoa pra trabalhar, que eu tô vendo não tem mais operário né. Todas as profissão atualmente tão se... extinguindo "tudinha", né. Tanto faz, pedreiro, carpinteiro, encanador, funileiro, tudo, não tem mais. Não tem mais nada pra se aprender atualmente né.

SEU LUÍS: Aí, quer dizer que os operário que tem as suas oficinazinha, eles tão se mantendo com sacrifício, né. Como nós "tamos" aqui também há muitos anos, né, nós agradecemos tudo aos nossos fregueses antigos. Desde o tempo do papai. Os pais morreram, mas os filhos continuam servindo a gente aqui, e tudinho.

SEU PEDRO: Operário mesmo não tem mais em Belém. Todos que vem pra cá é pra aprender. Aí depois que já aprende, vai embora (...) E é assim hoje. O cara nem bem aprendeu, já quer abrir a oficina dele. Ainda nem sabe trabalhar, já quer abrir uma sapataria.

As narrativas de Seu Pedro e Seu Luís revelam um tipo de ética do ofício que ultrapassa o âmbito do fazer, posto que atinge um ideal de realização pautado em um comprometer-se com o contínuo aperfeiçoar da obra de seu trabalho. Vale lembrar que este compromisso está ligado também à obrigação estabelecida entre o sapateiro e seu cliente, relação que pode vir a tornar-se mais do que um mero vínculo comercial de caráter imediato, a partir do momento em que produto final de um conserto pode servir como nutriente para a confiança³⁴ entre as partes (Simmel 1983), resultando no estreitamento dos laços e prolongamento de sua duração.

É apostando em seu próprio esforço e na qualidade dos serviços prestados que os filhos de Seu Tibúrcio garantem a fidelidade de seus fregueses ao longo dos anos. Este componente moral e afetivo constitui um dos atributos que segundo Richard Sennet (2009) corroboram para o desenvolver de uma ética do trabalho peculiar às atividades do *artífice*. Seguindo os passos do autor, é possível afirmar que os princípios e valores que regem as particularidades da atividade laboral de Seu Pedro e Seu Luís e a própria maneira como se

³⁴ Nas considerações de Simmel (1983), o "confiar" é uma mistura de conhecimento e de ignorância, é a "expectativa" depositada em uma relação específica que emerge do equilíbrio entre as informações que se tem a respeito deste tipo de interação, e um sentimento de fé ou de crença (na ausência de informações) nas possibilidades de resultado que tal relação pode oferecer.

relacionam com sua clientela compõem os elementos que lhes fazem merecedores do título emblemático que nomeia a obra de Sennet³⁵.

SEU LUÍS: E essa é a nossa vida de todo dia né meu amigo. A gente, a gente vem pra cá de manhã, só vai pra casa de noite... Eu chego aqui sete, sete e meia. Aí a gente fecha dez “pras” seis... seis horas. No sábado a gente abre sete e meia, e aí, encerra às treze horas.

SEU PEDRO: Isso depende da gente. Tem que melhorar o serviço. Se não o freguês não vem mais.

MANOEL: Mesmo com toda a dificuldade?

SEU PEDRO: Tem que fazer um trabalho bom. Tem que fazer. Antes tinha assim, o pai vinha com o filho trazer o sapato. Aí, hoje em dia o filho que continua vindo. Se o freguês não tiver satisfeito ele não volta.

MANOEL: O senhor gosta de trabalhar como sapateiro?

SEU PEDRO: Gosto, gosto. Nunca quis trabalhar com outra coisa. Sempre foi aqui... É uma pena que não tenha ninguém mais “pra” aprender. Governo não ajuda (...) Devia ter um sindicato, como antigamente tinha, o sindicato... Sindicato dos Sapateiros. Podia fazer como esses outro lugar aí, abrir uma escolinha. Podia abrir um sindicato, pra ajudar os sapateiro. Devia ter uma escolinha, antigamente tinha, hoje em dia não tem mais nada. Pra aprender, né.

Mesmo que os ventos insistam em apontar na direção contrária, Seu Pedro alimenta esperanças de que com as modificações certas, os sapateiros de Belém podem futuramente progredir bastante e recuperar, quem sabe, o fôlego de outrora. De um lado, a reorganização de um sindicato e a mobilização política do grupo podem ser o caminho para a luta por melhores condições de mercado para os trabalhadores da capital paraense, questões que envolvem, por exemplo, os custos com matéria-prima e transporte dos materiais, etc. De outro, a ideia de criar uma “escolinha” pode ser o embrião de um processo de elaboração e construção de políticas educacionais envolvendo a profissionalização de jovens, no sentido de cobrir as lacunas deixadas ao longo dos anos no processo de transmissão transgeracional dos conhecimentos ligados ao ofício. A fala de Seu Pedro tem força própria, e em suas reivindicações ficam claras suas expectativas: resta apenas a dúvida se estas demandas serão algum dia ouvidas, e quem sabe, atendidas.

³⁵ O artífice (Sennet, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das ruas e travessas de Batista Campos às imediações do bairro da Campina, estendendo-se aos arrabaldes da Cidade Velha, Comércio e Reduto, mestres e aprendizes do ofício de sapateiro figuram junto às paisagens do mundo urbano belemense. Nas oficinas e ateliês, estes sujeitos exercem por décadas a fabricação e/ou o conserto de calçados e artigos de couro. Entre os mais novos, alguns rapazes de vinte a trinta anos: Sidnei, filho de Zeno; Diego, que também trabalha na Zeno Calçados; Ezequiel, Lázaro e Davi, hoje proprietários de empreendimento próprio. Composto a “geração do meio”, figuram Zeno, seu amigo Zé Luís, Francisco, “Zezão”, “Chiquito”, senhores de meia idade, entre os quarenta, cinquenta anos. Aqueles de cabelos grisalhos, senhores de mais de sessenta anos, conformam o grupo dos “veteranos”: Seu Anacleto, Bené, os irmãos Pedro e Luís, Nazareno.

Mediante as narrativas destes trabalhadores, o estudo em questão teve por perspectiva compreender as memórias envolvendo as trajetórias sociais destes indivíduos e suas experiências cotidianas vividas na urbe. Importou investigar a maneira como os sapateiros interpretam as veredas por meio das quais sua ocupação se modificou com o passar do tempo, considerando as reminiscências acerca do ofício que remontam tempos passados, buscando aderir às imagens que os próprios interlocutores enunciam através do ato de narrar.

Estas mudanças incluem diferentes formas de inovação e rupturas, assim como permanências e continuidades, abrangendo diversos aspectos da atividade: os conhecimentos e técnicas característicos do ofício, os tipos de instrumentos, ferramentas e tecnologias utilizadas, os mecanismos de transmissão do saber-fazer, e até mesmo os tipos de serviços oferecidos ao longo dos anos.

Além disso, o estudo vislumbra o olhar dos sapateiros sobre a cidade e seu ponto de vista a respeito das transformações no espaço urbano, levando em conta a percepção destes “operários” acerca da conformação e reconfiguração das paisagens da urbe moderno-contemporânea.

Conciliando o saber-fazer característico do ofício e o “saber viver” que reflete sua experiência cotidiana, os sapateiros de Batista Campos e Campina, assim como os da Cidade Velha e Reduto³⁶ transformam as oficinas de calçados em um espaço preñado de sociabilidades, onde além dos serviços relacionados à manutenção e fabrico de artefatos de

³⁶ Seu Anacleto e Bené, na “U.T.I. das malas, bolsas e calçados”, localizada na Cidade Velha; os irmãos Pedro e Luís n’A proletária Sapatária, situado no bairro do Reduto.

couro, são também produzidas formas sociais outras – túrgidas de uma dimensão simbólica e sensível que traduz seus conteúdos – provenientes das interações/relações ali engendradas.

Ao longo da etnografia emergem certos elementos que convergem para a problemática proposta por Eliot Freidson (1995) em torno da diferenciação entre os ofícios e as profissões inseridos no contexto da organização do trabalho na sociedade moderno-contemporânea. A experiência etnográfica revela que a labuta dos sapateiros, apesar de todos os atributos que lhe adornam com a figura emblemática do ofício, não deixa de guardar certos aspectos concernentes às atividades possuidoras do caráter de profissão.

Os processos de fabricação e conserto de calçados envolvem tanto técnicas manuais quanto procedimentos mecanizados. Alguns dos interlocutores da pesquisa revelam que ao longo de suas trajetórias trabalharam com diversos tipos de produção: desde o caráter artesanal das oficinas e ateliês à organização industrial das pequenas fábricas. Apesar das inovações tecnológicas e a decorrente incorporação de maquinário, a produção coureiro-calçadista preserva a dependência específica da perícia manual de seus trabalhadores. Como resultado, os sapateiros acabam por constituir um tipo específico de mão-de-obra, um tipo misto entre o artesão e o operário, mediante o domínio de saberes relacionados à produção manufatureira e a fabril.

A própria fala de certos interlocutores aponta para a autodenominação a partir do termo “operário”. Observando suas narrativas, é possível perceber a identificação com o trabalho artesanal. Os sapateiros junto aos quais foi realizada a pesquisa revelam em seus relatos que suas experiências profissionais vividas ao longo dos anos os constituem enquanto operários. Em todo caso, é interessante tomar de exemplo a trajetória de Seu Zeno, sapateiro que conciliou os conhecimentos dos dois arranjos produtivos e assim de aplicou as melhores características de ambos em sua própria oficina.

Entre os objetivos do estudo, segue a pretensão de entender as transformações que promoveram a tendência entre os sapateiros da capital paraense a moverem-se da condição de fabricantes, para aderir aos serviços de conserto e reparo de calçados. Partindo da compreensão dos esquemas mentais através dos quais os sapateiros atribuem sentido à experiência na urbe, bem como o intento interpretativo em torno das imagens evocadas a partir da narrativa e acionados na experiência de trabalho destes sujeitos, procurei refletir sobre as memórias que estes sujeitos reconstroem, reconstituem e reelaboram cotidianamente acerca das transformações vividas no ofício de sapateiro.

Entre os argumentos presentes nos relatos dos parceiros da pesquisa, foram apontados fatores como as mudanças econômicas e políticas que levaram a produção coureiro-

calçadistas de outras regiões do país ganhar o mercado belemense, colocando os fabricantes locais à margem da concorrência – a criação da rodovia Belém-Brasília; as políticas neoliberais da presidência de Fernando Collor. Estas vicissitudes resultaram também no fechamento de grande parte dos curtumes de couro da região, e por conseguinte, menor acessibilidade à matéria-prima: o número de fornecedores locais é reduzido, e o fornecimento advindo de outros estados implica em maiores custos à fabricação. O terceiro aspecto repousa sobre a questão da transmissão transgeracional dos saberes e conhecimentos característicos do ofício e inviabilidade de formar/capacitar uma nova geração de sapateiros: é cada vez mais difícil encontrar pessoas interessadas em instruir-se nesta ocupação, assim como a proibição do trabalho infantil, prevista por lei, impede a possibilidade de educar desde a infância os jovens aprendizes de sapateiro, hábito muito comum a décadas atrás.

É importante perceber as diferentes perspectivas sobre estas transformações presentes nas narrativas de cada um dos interlocutores, reflexo em parte da geração a qual pertence o sapateiro, assim como de suas experiências particulares no mundo urbano belemense. Os contrapontos e dissonâncias, assim como os encontros e sintonias entre um relato e outro constituem elementos reveladores do caráter heterogêneo da memória coletiva (Halbwachs, 2006). As lembranças individuais, assim como as perspectivas para o futuro do ofício de sapateiro culminam, portanto, na trama que envolve estes sujeitos em uma comunidade de destino (Mafessoli, 2006), na medida em que ao identificar-se com certas reminiscências que fazem vibrar as imagens de uma trajetória comum ao grupo, os sapateiros reelaboram a maneira como projetam os receios e esperanças relacionadas ao tempo presente e a ideia de futuro.

As reflexões aqui propostas apontam, afinal, para as formas através das quais a presença/permanência de sujeitos exercendo ofícios de caráter manual/tradicional emerge em meio às paisagens da urbe belemense. Não se pode crer, porém, que atividades deste tipo permanecem “cristalizadas no tempo”, simplesmente preservando elementos do passado da cidade. O que ocorre na verdade, é que os ofícios tradicionais, ao evocarem rudimentos de uma Belém de outrora, estes tensionados/flexionados pela dinâmica do presente e a fluência de um tempo vivido, redimensionam as temporalidades que conformam a rítmica urbana. Por meio de sua atividade laboral – um saber-fazer, que implica também um saber-viver – estes “guardiões da memória” (Benjamin, 1996) turgem o espaço de significados e sentidos, transformando-o em lugar praticado, pois estetizam o mundo através do gesto técnico imprimido por meio do trabalho, produzindo formas sociais outras, pois que são estes os compositores de uma poética da urbe moderno-contemporânea.

Referências Bibliográficas

Bachelard, G. 1978. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural. 355p.

Barroso, P. F. 2008. Etnografia de Rua na “Voluntários da Pátria”: fotografando ambulantes no Espaço Público. *Revista Ensaios* 1(1): 23-34.

Baudry, P. 2006. O Urbano em movimento, in *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Organizado por H.P. Jeudy, e P. B. Jacques, pp 25-38. Salvador: Edufba.

Beltrão, J. F.; Viera Junior, A. O. 2008. *Conheça Belém, co-memore o Pará*. Belém: EDUFPA. 132p.

Benjamin, W. 1996. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, in *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*, pp 197-221. São Paulo: Brasiliense.

_____. 2000. *Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense. 271p.

Bergson, H. 1999. *Matéria e memória*. São Paulo, Martins Fontes. 291p.

Caldeira, T.P.R. 1988. “A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia”, *Novos Estudos*, nº 21.

Calleja, R. N. 1986. El oficio de Zapatero: antecedentes y tendencias. *Revista Nueva Antropología*, 8(29):29-47.

Certeau, Michel. 1994. *A invenção do cotidiano. I. Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes. 351p.

Clifford, J. 1988. Sobre a autoridade etnográfica, in *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, pp. 7-62. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.

_____. 1991. Introducción: Verdades Parciales, in *Retóricas de la antropología*, pp 25-60. Barcelona: Júcar.

Cunegatto, T. 2005. As técnicas corporais e o fazer antropológico: questões de gênero no trabalho de campo. *Illuminuras*, 6(14): s/p.

_____. 2009. *Etnografia na Rua da Praia: Um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 138p.

Da Silva, V. G. 2006. *O antropólogo e sua magia*. Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afrobrasileiras. 1.ed. São Paulo: Edusp. 194p.

Durand, G. 1989. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença. 326p.

_____. 1995. *A fé do Sapateiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 233p.

Eckert, C. 1996-1997. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. *Humanas* 19/20(1/2): 21-44.

Eckert, C. & A. L. C. Rocha. 2001. Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração, in *Imagem e Memória, ensaios em Antropologia visual*. M. G. P. Koury, pp. 19-40. Rio de Janeiro: Garamond.

_____. 2005. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 145p.

Edensor, T. 2010. Walking in rhythms: place, regulation, style and the flow of experience. *Visual Studies* 25(1): 69-79.

Focillon, H. s.d. O mundo das formas, in *A vida das formas*, pp. 11-32. Lisboa: Edições 70.

Focillon, H. s.d. O Elogio da mão, in *A vida das formas*, pp. 105-129. Lisboa: Edições 70.

Franco, M. C. P. 2001. *Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 508p.

Freidson, E. 1995. Para uma análise comparada das profissões: A institucionalização do discurso e do conhecimento formais, in *Anais do 19º Encontro Anual da ANPOCS*, s/p. Caxambu: ANPOCS.

_____. 2001. La teoria de las profesiones. Estado del Arte. *Perfiles Educativos* 23(93): 28-43.

Frias, A. 2001. Une introduction à la ville sensible. *Recherches em anthropologie au Portugal*, 7:11-36.

Geertz, C. 2008. *A interpretação das culturas*. 1.ed. Rio de Janeiro: LTC. 213p.

_____. 2006. *O antropólogo como autor*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Gluck, M. 2003. The Flâneur and the Aesthetic: Appropriation of Urban Culture in Mid-19th-Century Paris. *Theory Culture Society* 20(5): 53-80.

Halbwachs, M. 2006. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro. 222p.

Ingold, T. 2010. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (s/n): 121-139.

_____. 2012. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem, in *Cultura, Percepção e Ambiente: Diálogos com Tim Ingold*. Organizado por C. A. Steil & I. C. M. Carvalho, pp 15-29. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

Jacques, P. B. 2006. Elogio aos errantes, in *Corpos e cenários urbanos*. Organizado por H.P. Jeudy, e P. B. Jacques, pp. 117-139. Salvador: EdUFBA.

_____. 2008. Corpografias Urbanas. *Revista Arqutextos* 93. (s/p).

Jenks, C. & T. Neves. 2000. A Walk on the Wild Side: Urban Ethnography Meets the Flâneur. *Cultural Values* 4(1): 1-17.

Leroi-Gourhan, A. s.d. *O gesto e a palavra 2 - Memória e Ritmos*. Lisboa: Edições 70.

Mafessoli, M. 2006. Comunidade de destino. *Horizontes Antropológicos* 25: 273-283.

Magnani, J. G. C. 2009. No meio da trama. A antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas* 60: 69-80.

Magni, C. T. 2006. Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. *Série Conhecimento: Teses e Dissertações* 35. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Malatian, T. M. 1996. Memória e identidade entre sapateiros e curtumeiros. *Revista Brasileira de História* 16(31): 193-206.

Malheiros, P. G. 2006. *Saber beber, saber viver: estudo antropológico sobre as representações e práticas em torno do consumo de vinho entre degustadores, na cidade de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 105p.

Marcus, G. & D. Cushman. 1982. Ethnographies as texts. *Annual Review of Anthropology* 11: 25-69.

Novaes, S. C. 2005. O Uso da Imagem na Antropologia, in *O Fotográfico*. Editado por E. Samain, pp. 107-115. São Paulo: Editora Hucitec/Editora SENAC.

Oliven, R. G. 1980. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

Peirano, M. 1995. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____. 2004. Meditação em torno dos usos da narrativa na antropologia contemporânea. *Horizontes Antropológicos* 10(21): 293-312.

Pétonnet, C. 1982. L'Observation flottante. L'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*, 22(4): 37-47.

Price, R. 2002. *First Time: The Historical Vision of an African American People*. Chicago: University of Chicago Press.

Rocha, A. L. C. & C. ECKERT. 2003. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Iluminuras* 4(7): (s/p).

_____. 2010. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. *Revista Rua* 16(1): 121-146.

_____. 2011. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. *Política & Trabalho* 34(s/n): 107-126.

Rocha, A. L. C. 2003. Tecnologias Audiovisuais na Construção de Narrativas Etnográficas, um percurso de investigação. *Campos* 4(s/n): 113-134.

Rocha, M. C. M. G. & F. L. A. Silveira. 2013. “Como vai ser o corte?”: as memórias do barbeiro Henrique no bairro do Comércio, Belém – PA. *Illuminuras* 14(34): 231-252.

Sansot, P. 1983. *Les formes sensibles de La vie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France.

Sansot, P. 1996. *Poétique de La ville*. Paris: Petite bibliothèque Payot.

Sennett, R. 2009. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record. 360p.

Silveira, F. L. A. & C. D. Cancela. 2009. *Paisagem e cultura. Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade*. Belém: EdUFPA. 243p.

Silveira, F. L. A & P. P. A. M. Soares. 2007. Etnografia do mundo urbano de Belém (PA): considerações sobre as transformações nas paisagens do distrito de Icoaraci. *Antropológicas* 18: 237-270.

Silveira, F. L. A. 2002. A poética do vivido: uma etnografia do cotidiano na Cidade Baixa - Porto Alegre – RS. *Revista Illuminuras* 3 (5): (s/p).

_____. 2005. *Paisagens Culturais e Trajetórias Sociais. Estudo Antropológico de fronteiras culturais no mundo urbano contemporâneo na cidade de Belém-PA*. Projeto de Pesquisa.

_____. 2008. Belém Fantástica, Belém da memória, in *Conheça Belém, co-memore o Pará*. Organizado por J. F. Beltrão & A. O. Vieira Junior, pp 110-116. Belém: EDUFPA.

_____. 2009. A Paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar, in *Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade*. Organizado por F. L. A. Silveira & C. D. Cancela, pp. 71-83. Belém: EDUFPA.

Silveira, F. L. A. & Rocha M. C. M. G. 2013. O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 8(1): 169-182.

Simmel, G. 1979. A Metrópole e a Vida Mental, in *O Fenômeno Urbano*. Organizado por O. G. Velho, pp 11-25. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. 1983. *Sociologia*. São Paulo: Ática.

_____. 1996. A Filosofia da Paisagem. *Política & Trabalho* 12: 15-24.

_____. 2005. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana* 11(2): 577-591.

Vedana, V. 2013. Fazer a Feira e ser Feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. *Horizontes Antropológico* 19(39): 41-68.

Velho, G. 1978. Observando o Familiar, in *A Aventura Sociológica*. Organizado por E. Nunes, pp 36-46. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. 1981. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 149p.

_____. 1994. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Veneu, M. G. 1990. O *flâneur* e a vertigem: Metrópole e subjetividade na obra de João do Rio. *Estudos Históricos* 3(6): 229-243.

Waizbort, L. 2000. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Ed. 34.

Zumthor, P. 1997. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Editora Hucitec.